

Edição comemorativa  
60 anos do Pacto Áureo

# Oswaldo Melo



## SOBREVIVÊNCIA E COMUNICAÇÃO DOS ESPÍRITOS

Edição comemorativa  
60 anos do Pacto Áureo

# Oswaldo Melo



## SOBREVIVÊNCIA E COMUNICAÇÃO DOS ESPÍRITOS

**FEC**  
Federação Espírita  
Catarinense

**feb**

SOBREVIVÊNCIA E  
COMUNICAÇÃO  
DOS  
ESPÍRITOS

OSVALDO MELO

SOBREVIVÊNCIA E COMUNICAÇÃO  
DOS  
ESPÍRITOS

(TEORIAS E FATOS)



Federação Espírita  
Catarinense

**F**  
**JJC**

ISBN 978-85-7328637-3

B.N.

1ª edição - Do 1º ao 2,5º milheiro

005.2-0; 10/2009

Capa e Projeto gráfico: Rones José Silvano de Lima

Copyright 1935 by  
FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA  
(Casa-Máter do Espiritismo)  
Av. L-2 Norte Q. 603 Conjunto F (SGAN)  
70830-030 Brasília (DF) Brasil

*Todos os direitos de reprodução, cópia, comunicação ao público e exploração econômica desta obra estão reservados única e exclusivamente para a Federação Espírita Brasileira (FEB). Proibida a reprodução parcial ou total da mesma, através de qualquer forma, meio ou processo eletrônico, digital, fotocópia, microfilme, Internet, CD-ROM, sem a prévia e expressa autorização da Editora, nos termos da lei 9.610/98 que regulamenta os direitos de autor e conexos.*

*Composição e editoração:.*

*Departamento Editorial e Gráfico Rua Sousa Valente, 17  
20941-040 Rio de Janeiro (RJ) Brasil  
CNPJ nº 33.644.857/0002-84 I.E. nº 81.600.503*

Pedidos de livros à FEB Departamento Editorial  
Tel.: (21) 2187-8282, FAX: (21) 2187-8298.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.  
M486s

Melo, Osvaldo

Sobrevivência e comunicação dos espíritos: teorias e fatos/Oswaldo Melo. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009

172p.; 21 cm

ISBN 978-85-7328-637-3

1. Espiritismo. 2. Mediunidade. I. Federação Espírita Brasileira. II.

Título.

09-5406. CDD 133.9

CDU 133.7

14.10.09 16.10.09 015759

# SUMÁRIO

Prefácio

Leitor

Nota da editora

Sobrevivência e comunicação dos espíritos

*Teoria e fatos*

Provas colhidas pela tiptologia

Provas colhidas pela mediunidade escrevente

Mediunidade Curadora

Materializações de espíritos

*Como meu pai se materializou*

*Materialização de um espírito em face da ciência*

Aparição e comunicação dos espíritos

*Falam os “santos” e os “pregadores”*

Provas obtidas através da faculdade mediúnica de efeitos físicos

*Impressionante fenômeno espírita*

*Valores e testemunhos*

*Uma cartomante*

Esclarecimentos

## PREFÁCIO

Um Livro! E um livro espírita, sobretudo!!!... Nesta época de confusão e de desperdício de energias, já é, sem dúvida, prova de temeridade publicar-se uma obra que fuja ao ranço das coisas comuns...

As livrarias vivem cheias.

As moças buscam M. Delly. Os homens querem os autores de aventuras fantásticas... Coisas que falem do Kurdestão bravio e de lábias policiais, em que a inteligência do homem seja o produto dos acasos salvadores.

O inverossímil e o fantástico são as únicas produções, que, em nossos dias, dão movimento aos nervos gastos dos leitores modernos... Ora, um livro que venha provar a sobrevivência dos Espíritos e sua comunicação não pode ser coisa de feitio amoroso ou de enredo policial.

O Espiritismo não admite fantasias, nem coisas impossíveis; nem milagres, nem acasos, nem coisa alguma que se não explique. A razão e a lógica são suas inseparáveis companheiras. As provas materiais a positivação de sua ciência...

Possivelmente, há de haver muita gente que se preocupe em saber como se vive na Manchúria e em Hollywood, mas que não sabe como vive nem por que vive e, muito menos, o que lhe sucederá depois da morte...

Pois aí está a razão mais convincente deste livro provar o que somos e dizer o que nos espera. A atingir tão grande finalidade destina-se o volume que pretende agitar sua mente, leitor amigo.

E daí, também, a coragem de que me revesti para publicá-lo o que tanto pode ser levado à conta de temeridade, como de fé.

Florianópolis junho, 1935.

Osvaldo Melo.

## LEITOR

Apresento-me, dispensando as formalidades do estilo.

Fujo mesmo ao ritualismo literário, não procurando tolher o livre-arbítrio dos meus confrades e amigos, para solicitar-lhes uma apresentação.

A elegância moral, fruto da educação e da ética literária, tem levado muita gente a escrever o que não pensa, acerca de um autor...

Quero assumir inteira responsabilidade, lançando este livro ao público e à crítica, como, aliás, já o fiz com o primeiro que publiquei: *Heroísmo da Humildade*. Que se me perdoe a franqueza. Acima de tudo, coloco a grande virtude que é a sinceridade.

O Autor.

## A OBRA DOS ÁUREOS 60 ANOS

Ao ensejo dos 60 anos da assinatura do “Pacto Áureo”, a Federação Espírita Brasileira, agora em parceria com a Federação Espírita Catarinense, reedita *Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos*, de autoria de Osvaldo Melo, um dos signatários do Acordo de União e de Unificação dos espíritas brasileiros.

Há seis décadas, o então presidente da Federação Espírita Catarinense juntamente com companheiros de outras Entidades Federativas procurou a FEB e selou-se o “Pacto Áureo”. Neste íterim, o Conselho Federativo Nacional órgão de Unificação e da Organização Federativa da FEB -, criado com base no histórico Acordo citado, cumpriu uma profícua trajetória de estímulo à união dos espíritas e de unificação do Movimento Espírita de nosso país, num contínuo processo de interação com as Entidades Federativas Estaduais, tendo por objetivo maior a difusão da Doutrina Espírita.

A vida do autor se caracterizou por exemplos e dedicações, legando-nos robusta folha de serviços pela união dos espíritas e difusão do Espiritismo.

A presente obra se insere no contexto das preocupações de Osvaldo Melo em difundir os princípios básicos da Doutrina Espírita. A análise da sobrevivência da alma com base em fatos mediúnicos robustece a certeza da vida imortal.

Este lançamento editorial assinala, de forma marcante, a parceria contínua entre as duas Entidades Federativas, tendo por base o ponto comum a lavra de Osvaldo Melo -, pois é a obra do signatário, secretário *ad hoc* e entusiasta do “Pacto Áureo” que ressurge com a edição conjunta FEB-FEC.

Que os ideais de união e de difusão fortaleçam nos leitores as clarinadas de luz, esperança e paz da Doutrina Espírita!

Brasília, 10 de setembro de 2009.

A Editora


## PARTE DA ATA ORIGINAL DO PACTO AUREO

Página final da Ata redigida e datilografada pelo Secretário do "Pacto Áureo" Osvaldo Mello, com parte das assinaturas de integrantes da reunião. Na época foram feitas duas cópias do documento, ficando a original na Federação Espírita Brasileira FEB e uma cópia, também assinada pelos participantes do evento, na Federação Espírita Catarinense FEC.

... e aprovado pelo Conselho. 16º) Os membros do Conselho são considerados como encarregado cargo de confiança das sociedades que os indicarem. 17º) Qualquer, o Conselho designará um dos seus membros para assistir aos trabalhos doutrinários realizados pelas sociedades. 18º) Se alguma sociedade encontrar, poderá ela se convocar extraordinária da sociedade e, então, com conhecimento, expor o que deverá ser modificado, de acordo com o plano geral, estudado pelo Conselho. A esta sala a lavenda, ou, Osvaldo Mello, ainda de secretário, a escreva e datilografar, assinando-a juntamente com os componentes da reunião, que decorreu sob a mais viva emoção dos circunstantes. E, para constar fixo este, que passou, aos cinco (5) dias do mês de maio de 1920.

*Osvaldo Mello* secretário.

*At. - M. L. P. ...*  
*Arthur ...*  
*Pela Com. Exec. do Congresso Esp. ...*  
*Federação Esp. do Rio Grande do Sul*  
*Francisco ...*  
*Roberto ...*  
*Felipe ...*  
*Marcos ...*  
*Jardelino ...*  
*Pela Federação Espírita Catarinense*  
*Osvaldo Mello - Presidente.*  
*Pela Federação Espírita do Paraná*  
*José ... - Presidente e*  
*Francisco ... - Membro do Conselho.*  
*Pela União Social Espírita de São Paulo*  
*Pela ...*



# **SOBREVIVÊNCIA E COMUNICAÇÃO DOS ESPÍRITOS**

## **Teoria e Fatos**

Constitui, sem dúvida alguma, prova de grande valia, em favor do Espiritismo, a opinião esclarecida e desinteressada de homens que, por viverem completamente fora do meio ambiente espiritual, cientistas ou não, sempre combateram as teorias spiritistas, vindo depois de acurados estudos, porém, a proclamá-las com desassombro digno dos maiores e mais justos elogios.

Essas opiniões de homens livres e independentes, jamais coagidos pelas convenções religiosas, desligados de preconceitos, desembaraçados dos apertados laços dos dogmas, frutos de escrupulosos estudos, de copiosas e abundantes provas perfeitamente controladas e rigorosamente fiscalizadas por infalíveis métodos científicos, são, por isso mesmo, insuspeitáveis. Quando um espírita diz: “eu vi”; quando um simpatizante afirma: “é possível”; quando um médium relata um acontecimento colhido no campo da sua mediunidade, essas afirmações não constituem provas. Os descrentes não as tomam na devida consideração, assegurando que são coisas fáceis de verificar nos meios espíritas, alegando a interferência de agentes outros na produção dos fenômenos, tais como o intrincadíssimo subconsciente, a telepatia, a autossugestão e outros fenômenos conhecidos, cuja atuação, sabemos, não explica, absolutamente, os comprovados casos do campo espiritual. Entretanto, quando um homem, cujo nome seja vastamente conhecido nos domínios científicos declara que, tendo combatido o Espiritismo, hoje reconhece seu erro e dele se penitencia, proclamando a VERDADE abertamente, que juízo farão os que querem persistir no erro? Continuam a negar como os “piores cegos” classificados por Jesus. Mas, a negar por teimosia, a negar com esse heroísmo fanático de resistir aos deslumbramentos da VERDADE, por estampado orgulho, embora saibamos que negar, somente por gosto e prazer de negar, nada prova.

A hipótese da interferência do tão apregoado subconsciente, ou ainda da *memória ancestral*, conforme o queiram, atribuída como uma das razões para tudo, uma vez que pretenda também explicar os fenômenos espíritas, já foi posta de lado. Uma leitura demorada, serena, bem meditada dos últimos livros de Ernesto Bozzano, levará o leitor à convicção absoluta de que o

recurso de que se tem valido vários contraditores do Espiritismo, que a favor de suas teses invocam a teoria do subconsciente, está perfeitamente refutado. Sim, perfeitamente refutado esse recurso, desvalioso e não mais preponderante, quando fatos notabilíssimos e insuspeitos, controlados e submetidos à rigorosa verificação, demonstram o seu desvalor científico como argumento sério de contestação. Do mesmo autor, existe uma monografia intitulada *Literatura de Além Túmulo* com dez páginas de texto, em que se põe por terra não só a pseudossalvadora teoria do subconsciente, como de outras teses semelhantes, vestidas de pomposas roupagens e que se denominam: “personalidade segunda-consciência”, “consciência subliminar, “consciência cósmica” e, finalmente, a de uma “segunda consciência cósmica”. O próprio autor fala dessas teses por ele mesmo refutadas em seu livro *Xenoglossia* (mediunidade poliglota).

A personalidade “segunda-consciência” é a teoria de que se valem os nossos contraditores, para explicar determinados fenômenos, pretendendo afirmar que eles são produto de uma fração sistematizada da dissociação física do paciente (médium).

A “consciência subliminal” (teoria de Myers) é a que afirma a existência, no homem, de uma personalidade integral subconsciente, muito mais ampla e perfeita do que a consciente e munida de faculdades supranormais e de capacidades intelectuais, cuja emergência esporádica daria lugar às inspirações do gênio.

A teoria da “consciência cósmica” foi defendida por dois estudiosos, o Sr. Hartman e o Sr. William James. Diferem, porém, entre si, porquanto o primeiro diz ser essa “consciência” um atributo de Deus pelo qual os médiuns se põem em comunicação direta com a Divindade, ao passo que William James, metapsiquista, diz ser essa “consciência” um reservatório cósmico das memórias individuais. E acrescenta: “por esse modo, os médiuns têm meio de extrair tudo o de que necessitam para mistificar os pobres mortais”.

Essas teorias excêntricas e complicadíssimas são as bases tidas como científicas, em que se estribam os negadores dos fenômenos espíritas que, com isso, pretendem condenar as provas inúmeras da sobrevivência dos Espíritos e sua natural comunicação.

Para eles, mais fácil e menos perigoso é acreditar em semelhantes complicações, que em absoluto não passam de teorias vãs, meras suposições, do que crer por amor à VERDADE. Não chegam a obter mais

humildade e um pouco de espírito de renúncia e menos amor às convenções sociais, para conseguir afirmar que os Espíritos se comunicam.

As abundantes provas colhidas no vasto campo da mediunidade, principalmente as que nos acabam de fornecer os médiuns de “vozes diretas” e “políglotas”, destroem completamente essas teorias desarrazoadas e que apenas tentam empanar o brilho refulgente da VERDADE ESPÍRITA, nesta hora, a grande REALIDADE das promessas do CRISTO DE DEUS.

As fantasiadas hipóteses do subconsciente psicológico, da consciência subliminal e, mais ainda, a do reservatório cósmico das memórias individuais, jamais chegarão a explicar, diz Ernesto Bozzano, “a circunstância de uma personalidade mediúnica escrever um poema e um romance, na arrevezada língua anglo-saxônica do século XVII, e, ainda menos, que o tenha feito sem cair nunca no anacronismo de interpolar ao texto vocábulos latinos, entrados em uso depois do ano de 1600”. Quanto à outra hipótese, acrescenta o mesmo autor, “a dos médiuns se porem em comunicação com o Absoluto, isto é, com DEUS, tendo por escopo ludibriar o próximo, hipótese formalmente blasfema, julgo que é perder tempo tomá-la em consideração.”

Os que defendem a teoria do subconsciente para explicarem os fenômenos espíritas, notadamente os do campo da mediunidade políglota, escrita direta, escrita mecânica e vozes diretas, já desprezando outras manifestações de ordem metapsíquica, como mais alteadamente as queiram chamar os sábios, equiparam a subconsciência à onisciência divina.

Claro que os médiuns não podem ser oniscientes, porque a onisciência é um atributo que pertence exclusivamente à SUPREMA INTELIGÊNCIA, isto é, DEUS. Só a vaidade, o orgulho, o exagerado amor às tradições de ordem religiosa ou social têm tido a força de impedir que certos homens neguem aquilo que deveriam defender. Esses, porém, graças a Deus, são poucos, muito poucos mesmo, pois o registro de homens sábios, cientistas, filósofos, pregadores, astrônomos, escritores de nomeada mundial, engenheiros, críticos, médicos e espíritos de vasta cultura têm aumentado consideravelmente, a ponto de, em nossos dias, não causar mais admiração as profissões-de-fé feitas por nomes invulgares e cultas inteligências, porque o ESPIRITISMO conta a seu favor com as maiores celebridades terrenas. Por isso, por mais que se esforcem os reduzidos negadores, o Espiritismo vai crescendo, dominando, desfazendo dúvidas, aprimorando virtudes, consolando corações, iluminando almas,

derramando luz em profusão entre os de boa vontade e preparando, para a família humana dias melhores, mais calmos, nos quais o AMOR imperará, realçando a JUSTIÇA. Essa obra de evangelização e de PAZ tem de receber a colaboração eficiente dos homens que ilustram a vida da humanidade em todos os seus múltiplos aspectos.

Todos os sistemas têm falhado. Reúnem-se as mais representativas figuras de todas as nações para darem solução imediata aos problemas que mais afligem a humanidade. Fracassam. Vingam, sim, os sentimentos pátrios, que significam estar a razão com quem mais pode, enquanto que os verdadeiros motivos se ocultam por detrás dos bastidores políticos, movidos por interesses recíprocos. Falta a essas reuniões o senso verdadeiro, o senso espiritual, que possa vencer as barreiras gigantescas do materialismo cru, que preside quase sempre a esses congressos.

Já se quer, já se deseja, já se perquire outra fórmula melhor. Essa será vitoriosa a fórmula espiritual que decidirá com justiça e equidade. A sobrevivência do Espírito e sua comunicação, uma vez aceitas, virão por termo a todas as questões, e a vida social se modificará, sem o emprego de meios violentos.

Vamos, porém, marchando para palmilhar esse terreno.

Já as igrejas começam a sentir a necessidade de sair fora da rotina de todos os tempos e trabalhar no sentido de se tornarem mais perfeitas. Na Inglaterra e outros países, vários têm sido os pastores que transformaram suas tribunas religiosas em Searas do Pão Espiritual. A Igreja Espiritualista de Londres é hoje uma prova do que afirmo. Vários pastores, médiuns inspirados, têm recebido excelentes mensagens dos Espíritos e isto eles o anunciaram sem constrangimento. A Igreja Católica Romana também inicia um estudo, embora velado, dos motivos que têm arrastado, ultimamente, tantas mentalidades sadias a formarem a corrente espírita. No próprio Vaticano, não é coisa desconhecida o Espiritismo, e vários sacerdotes católico romanos fazem leitura das obras fundamentais da Doutrina Espírita, seja a título de estudo, para combaterem-na, seja pelo que for.

Livros que mereceram o Auto de Fé em Barcelona já são consultados. Triste é verificar-se, entretanto, que, dos espiritualistas cristãos, muitos são os que ainda hoje preferem ficar esposando as opiniões materialistas, do que abraçar o que expõe, com provas indestrutíveis, o ESPIRITISMO. Vamos, porém, caminhando, dissemos. Os tempos previstos por Jesus já estão à porta. Chegaram. Quem ler o Evangelho do Sublime Mestre pode comparar

os tempos modernos com as suas profecias.

O escritor e crítico inglês, H. Denis Bradley, que era um cético e materialista declarado, há mais ou menos quatro anos foi levado, por amor à VERDADE, a proferir sua profissão de fé e o fez de modo tão acentuado e de maneira tão convincente, que produziu nos meios literários de Londres uma verdadeira estupefação. Bradley assistiu a sessões com o médium Valiantine, de “vozes diretas”. Tais foram as provas, tal o controle exercido, tão grande e indestrutível a poderosa força das provas que testemunhou, como simples espectador, que se lhe dissiparam do espírito todas as dúvidas. Teve mesmo oportunidade de conversar com o Espírito de sua irmã, de nome Annie e de ouvir coisas que só ele poderia saber, qual o afirma. O relato desse notável fenômeno está descrito pelo próprio escritor e crítico inglês em sua admirável obra *Para lá das Estrelas*. Bradley, logo depois daquelas sensacionais revelações recebidas do Espírito de sua irmã e de outros Espíritos que se comunicaram pela “voz direta”, publicou no *Daily News*, de Londres, um completo e minucioso depoimento. Esse depoimento, rico de fatos que empolgaram quantos dele tiveram conhecimento, sugeria logo a hipótese salvadora o subconsciente. Vamos dar a palavra ao Sr. Bradley, para contar o caso. Diz ele em sua citada obra:

Quando mais tarde apareceu o relato de minhas experiências no *Daily News*, de Londres, um amigo que não somente é um dos grandes escritores ingleses, mas também um dos mais prestimosos homens de letras me escreveu dizendo que, dada a procedência das afirmativas e conhecendo o meu caráter, aceitava como certo o relato e tudo que se continha nele; mas, uma única solução achara para bem poder explicar os fatos que eu havia mencionado, pois lhe parecia tratar-se de um dos casos de interferência do subconsciente.

Continua o autor comentando a carta do seu amigo:

Esta teoria do subconsciente, sugerem-na sempre os homens que se não deram ao trabalho de experimentar esta maravilhosa realidade. Não há possibilidade alguma de que o subconsciente determinasse a conversação que se estabeleceu entre minha irmã e eu. Ainda no caso de que o subconsciente pudesse produzir alguma forma de som perceptível, fora de si mesmo, tal som apenas poderia ser percebido por uma pessoa.

Além disso, naquela ocasião, eu não pensava em minha irmã e tive que evocar o passado para lhe reconhecer a voz e distingui-la bem. A imaginação, nem ela mesma, desempenhou qualquer papel nas minhas experiências. Aliás, a imaginação é o jogo vão da fantasia. Possuo o sentido da audição maravilhosamente apurado. A voz não procedia da boca do médium, nem mesmo de sua direção. Valiantine não se moveu da cadeira, nem entrou em transe, nem fez nenhuma outra indicação, nem mesmo desempenhou papel algum nos acontecimentos, desde o momento em que o Espírito de minha irmã começou a falar, até que se despediu. O médium permaneceu imóvel, silencioso e atento. A ideia de ventriloquia é simplesmente ridícula.

O autor citado fala acerca da ventriloquia. Semelhante hipótese também foi sugerida, logo que surgiram as primeiras provas das “vozes diretas”.

Soubessem os que têm o prazer de negar, que o Espírito, ao deixar seu invólucro material o corpo leva consigo íntegros o pensamento, o intelecto, a personalidade, os sentimentos bons e maus e a própria memória das coisas e dos fatos, e compreenderiam o que seja a sobrevivência do ser. A morte não é, como pensam, ou melhor, como querem que seja, a cessação absoluta da vida. A morte é, apenas, uma transição. Os fatos o provam à saciedade. E vêm eles, os fatos, de meios insuspeitos, de homens notáveis, de mentalidades sadias, que se entregaram a estudos meticolosos e não admitem contradição.

Os grandes homens que têm assombrado o mundo com a sua capacidade são as testemunhas do que vimos afirmando. Os homens, em geral, aceitam as chamadas maravilhas da ciência e não as discutem. Um astrônomo descobre com o seu poderoso telescópio mais um astro no espaço. Um químico, um físico, um engenheiro trazem a público um descobrimento importantíssimo. E todos, sem estudo, sem exame, sem mesmo perceberem como as coisas se dão, aceitam a boa nova e a endossam, embora confessando toda a sua ignorância.

Mas, que o Espírito sobreviva à morte do corpo, que possa manifestar-se, dando provas irrecusáveis de sua existência e de sua manifestação... Ah! Isso é impossível...

O médium, para os negadores, é sempre um intrujão, um mentiroso, um impostor, um mistificador. Quando não é isso, diante de provas esmagadoras que põem tontos os pesquisadores ortodoxos, então é um

indivíduo anormal, um doente, um histérico, um nervoso, um místico, um mecanismo que o poder investigador da ciência não pode penetrar etc.

Por essa razão, a própria ciência expôs a ridículo o Dr. Harwey, quando esse médico teve a coragem de dizer que o sangue corria em nossas veias. E hoje a circulação sanguínea é coisa sabida, até pelas crianças que frequentam as primeiras letras.

Porque asseverou que a Terra se movia, Galileu foi supliciado pela Igreja Romana. Valerá a pena, pergunto, rememorar os inúmeros e conhecidíssimos fatos trazidos sempre à baila, quando se trata deste assunto, sem abusar da paciência esclarecida do leitor? A história está toda ela completamente cheia de documentos de gravíssimos erros cometidos pela ciência e pela autoridade das igrejas militantes na Terra, nesse sentido. Relembrá-los, recapitulando todos esses tristíssimos lances, seria um esforço inútil diante do que já se sabe e se conhece através de todos os tempos.

Uma vibrante página, escrita por Bradley no citado livro, relativa a uma das suas excelentes sessões de “vozes diretas”, diz bem o que seja uma mentalidade fortalecida pelas provas que não admitem contestação:

As demonstrações pessoais recebidas durante toda a sessão foram maravilhosas. Reduzo com o fogo de meu desprezo os néscios que se atrevam a dizer que tudo aquilo foi produto da telepatia. Unicamente os lastimo pela obscuridade a que sua pobre inteligência os condenou. Dentro de mim se inflama, agora, um resplendor de compreensão. Esta vida terrena é somente o primeiro sopro de nossa existência e, à medida que nos esforçamos para aprender, avançamos até chegarmos a descobrir a divina chispa de DEUS, que todos possuímos dentro de nós. A obsessão do materialismo é a maldição do mundo.

Aí ficam essas palavras de fogo e de fé, palavras que não nasceram de um cérebro doentio, de um fanático ou de um místico, mas de um homem que vivera até então a negar, a combater, porque era materialista, negativista, ateu, apesar de ser uma inteligência esclarecida de vibrante homem de letras e figura das mais destacadas do jornalismo britânico. Além de tudo, inglês, inglês às direitas, frio pelo sangue, pela tradição e pela natureza, sem os arroubos de entusiasmo tão da nossa latinidade. E falou daquela maneira, eloquentemente, com toda a força de sua convicção, tal a

exuberância das provas que colheu sob seu controle meticolosíssimo e, quem sabe, talvez, exagerada fiscalização.

A Verdade é Luz e a luz vence todas as trevas.

A humanidade está fatalmente destinada a progredir e progredirá.

Nisto, há, em verdade, uma lei fatal A LEI DO PROGRESSO.

\* \* \*

Uma obra recente, publicada também em Londres e depois traduzida para vários idiomas, entre os quais figura a edição portuguesa, intitulada *O Espiritismo*, da autoria do escritor e crítico britânico Sr. Edward Green, veio, sem dúvida, trazer valiosíssima e indiscutível contribuição para que fique constatado o fato da sobrevivência do Espírito e a sua comunicação. Assevera esse autor que a prova documentada de maior valor que se possa exigir é a que fornece a fotografia dos espíritos. Citando copiosos fatos obtidos sob rigorosos controles, lembra a célebre e também recente afirmação do conhecido professor Dr. Charles Froth, no seu livro sobre fotografias espíritas: “Os espíritas têm razão: as teses materialistas se assombram diante da formidável prova fotográfica.”

Podemos acrescentar, à margem desse juízo do erudito professor, este conceito: Não só os materialistas se assombram; com eles se assombram, igualmente, os próprios espiritualistas ditos cristãos, que, obedientes aos dogmas de suas igrejas militantes, negam aos Espíritos a liberdade de se comunicarem conosco ou, pior ainda, atribuem ao diabo semelhantes fatos.

Há, em verdade, para os que estudam os problemas religiosos postos em foco, uma observação justíssima, que vem a calhar perfeitamente bem nestas linhas. É que uma diferença existe entre os termos “espiritualista” e “espírita”. Os primeiros creem na existência dos Espíritos. Os últimos, não somente neles creem, como seguem a Doutrina que eles trouxeram à Terra, tornando realidade a promessa do CRISTO, quando disse que enviaria ao mundo o Espírito Consolador. Os “espíritas” ou “espiritistas”, como queiram, creem na comunicação dos Espíritos e negam a existência de um Céu e de um Inferno, segundo a concepção da Igreja Católica Romana e da Igreja Protestante em todas as suas variadíssimas seitas. Os nossos dias estão sendo portadores de novas espirituais, que de todos os recantos mais longínquos do Planeta surgem, a reforçar a teoria espírita, como única capaz de explicar os chamados fenômenos que tanto preocupam os meios

adiantados, onde pontificam personalidades máximas e expoentes do mundo científico. Essas entidades respeitáveis já se decidem com certo desassombro ao estudo e verificação dos fatos, olhando os médiuns, veículos do conjunto harmonioso das provas, com mais carinho e com mais respeito.

O bruxo, o feiticeiro, os terríficos fazedores da magia negra passaram. A ignorância e o fanatismo que os haviam criado, dando largas à imaginação febricitante dos fanáticos e corifeus de todos os tempos, não mais prevalecem. Os alquimistas, os estudiosos e os médiuns, embora ainda combatidos, vieram elucidar os grandes problemas.

Refutados, como têm sido todos os argumentos com que se pretendeu afastar a hipótese, hoje esposada por grandes sábios, de que verdadeiramente o Espírito sobrevive à morte do corpo e volta a se comunicar e até mesmo a reencarnar em novo corpo, a fim de prosseguir, dentro da Lei de Justiça divina, o seu progresso, compete-nos, agora, explicar, ainda de acordo com a própria ciência, o estudo, a opinião e as provas que colheram grandes mentalidades sobre a maneira como se opera a comunicação dos Espíritos.

\* \* \*

Para que os Espíritos se comuniquem e possam dar-nos suas impressões do mundo espiritual onde vivem, transmitindo-nos suas sensações de pesar ou alegria, de dor ou felicidade, esclarecendo-nos, ainda, acerca do modo como vivem e mesmo como podem comunicar-se conosco, necessitam de um *meio*. Variam esses meios e modos. Podem os Espíritos dar sinais de sua presença e o fazem por meio de pancadas, ruídos etc. Podem também inspirar-nos, ditar-nos suas impressões, usar das cordas vocais dos chamados “vivos”, convencionar sinais tipológicos por meio de mesas próprias para tais trabalhos, consentindo em que sejam fotografados, materializando-se e tomando um corpo fluídico, constituído de elementos especiais com que nos aparecem como viviam na Terra, e até falar com o timbre natural de voz que emitiam quando em convívio conosco. Aqui ocorre lembrar a frase de um Espírito, dita a Kardec, o Codificador da Doutrina dos Espíritos: “Não foram os homens que provocaram a comunicação dos Espíritos, foram estes que, primeiro, se comunicaram com os homens, por todos os meios postos a seu alcance.”

Efetivamente. Não foram os homens que descobriram os Espíritos ou inventaram os meios para a sua comunicação. Foram os Espíritos que se valeram dos meios apropriados e explicaram, depois, aos homens como o haviam conseguido. Fizeram-no, de início, com as conhecidas mesas girantes, mesas que, por sinais tipológicos combinados, respondiam a todas as perguntas, adivinhavam, faziam previsões etc.

Era uma distração, um brinquedo, um passatempo a que se entregavam inúmeras famílias. Allan Kardec, porém, entendeu que, se uma pequena mesa de madeira dava respostas inteligentes a perguntas que se lhe faziam, era porque havia um elemento inteligente que imprimia à mesa os sinais convencionados. Daí o tomar a sério o estudo das mesas girantes ou falantes. Fácil foi ao grande apóstolo convencer-se de que o agente era o Espírito, isto é, a alma dos chamados defuntos, que viviam e se comunicavam. Data de então o início da Doutrina Espírita, como ciência, religião e filosofia.

O *Livro dos Espíritos* e o *Livro dos Médiuns* dão-nos eloquentes e exuberantes provas do trabalho metódico, rigoroso e, por fim, vitorioso de Allan Kardec.

Não é nosso intuito, porém, tratar aqui das obras do grande mestre. Queremos, com simplicidade e clareza, explicar os meios e modos pelos quais os Espíritos se comunicam. Já aludimos aos vários meios e recursos de que eles se servem para estabelecer intercâmbio conosco. Vamos, agora, dizer como esses meios se mostram uma coisa possível e não aberram da razão, que viveu durante tanto tempo coagida na sua liberdade e enredada em princípios religiosos, que a haviam afogado no berço, nos dogmas papalinos, nas teorias também asfixiantes da ciência oficial e oficializada, esbarrando sempre na única resposta com que se trancavam todas as portas o mistério, o impenetrável, o incognoscível.

Entremos no assunto. E que Deus nos ajude por intermédio dos próprios Espíritos, cuja inspiração se nos torna indispensável.

\* \* \*

Para que um Espírito se comunique, ou manifeste sua presença, é necessário que haja um meio. Este meio é o que vulgarmente chamamos *médium*. Mas, que é, afinal, um médium?

*Médium* é toda pessoa que sinta, em qualquer grau, a influência dos

Espíritos (Kardec, *Livro dos Médiuns*, Cap. XVI, Tit. “Dos Médiuns”). Podemos, ainda, ampliar, afirmando que o médium é o instrumento pelo qual os Espíritos se comunicam, ou manifestam, de várias maneiras, sua presença real. São indivíduos de organizações características que apresentam determinadas particularidades orgânicas ou aptidões especiais. Assim, ainda segundo Kardec, todos são médiuns, no sentido geral de que todos podem sentir a influência dos Espíritos, mas a qualificação propriamente de médiuns é empregada para distinguir os indivíduos em quem essas faculdades são perfeitamente caracterizadas.

O médium, como acabamos de verificar, é o intermediário direto do Espírito que se comunica. Entretanto, como os Espíritos se manifestam por múltiplas formas e variadíssimas maneiras, também os médiuns apresentam, cada qual, uma variante da mediunidade, havendo, pois, médiuns para todas as espécies de fenômenos.

Encontramos em *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec, uma extensa classificação de médiuns segundo as várias mediunidades. Há, igualmente, aparelhos mediúnicos, que possuem mais de uma forma de mediunidade, prestando-se, assim, a vários trabalhos. A força propriamente mediúnica de que se aproveita o Espírito que se comunica, reside no físico do médium. A mediunidade está, por conseguinte, na função orgânica do médium, nas aptidões apropriadas e particularizadas do corpo físico. São os fluidos animalizados do médium que emprestam os elementos materiais de que se aproveitam os Espíritos, isto em primeiro plano. Daí o que afirmávamos acima. Para se produzir um fenômeno espírita, ou melhor, para que uma entidade espiritual se manifeste, necessário é que haja, primeiro e antes de tudo, um médium.

Mas, objetar-se-á: bastará, então, somente, exclusivamente, haver o médium para a produção das comunicações e obtenção de quaisquer manifestações espíritas?

Respondemos sem hesitar: sim. Tanto assim é que muitas pessoas, que não sabem se são médiuns, têm servido para que se produzam fatos, cuja natureza ignoram, como ignoram serem eles mesmos um dos fatores reais de tais fatos.

Não se satisfaz com isso, plenamente, a razão. E continua a perquirir, a investigar. Provado que nem uma só manifestação espírita se dá sem a intervenção de um médium, ainda resta perguntar: Como age o Espírito para realizar o seu consórcio, a sua ligação, ou união com o médium?

Entramos, aqui, numa questão transcendental; porém, já cientificamente explicada, como veremos.

Há um elemento chamado *perispírito*, que é a chave própria a abrir a porta às nossas investigações e estudos.

Quem primeiro revelou a existência do *perispírito*? Foram os próprios Espíritos.

Quem lhe confirmou a existência, com testemunhos que se não podem recusar? Foi a própria Ciência. Foram a razão natural e a lógica das coisas e, ainda, o testemunho de pessoas e pesquisadores seriíssimos, cuja autoridade por todos, crentes e descrentes, é respeitada e insuspeita.

Que coisa é então, o *perispírito*?

Entremos no assunto, afirmando com inúmeras e fundadas razões para tal, que o *perispírito* não é uma hipótese de que nos possamos valer, para provar um absurdo ou uma teoria vã, em que as suposições têm a força das coisas abstratas, como, por exemplo, nos conhecidos *suponhamos* dos teoremas geométricos. Trata-se de uma coisa real.

O *perispírito* é um envoltório da alma. Melhor diremos: o envoltório da alma. “É o intermediário de todas as sensações que o Espírito recebe e por meio do qual transmite sua vontade ao exterior e atua sobre os órgãos do corpo. Para nos servirmos de uma comparação material, diremos que é o fio elétrico condutor, que serve para a recepção e a transmissão do pensamento. E, em suma, esse agente misterioso, imperceptível, conhecido pelo nome de *fluido nervoso*, que tão grande papel desempenha na economia orgânica e que ainda se não levava muito em conta nos fenômenos fisiológicos e patológicos.” (*Livro dos Médiuns, Das Manifestações Espíritas, Cap. I.*)

O *perispírito* é composto de matéria sutil, não tendo a rigidez nem a tenacidade da matéria compacta do corpo. É invisível a nossos olhos materiais. Fluido e matéria rarefeita ao mesmo tempo, é, por isso mesmo, flexível e expansível.

Esse *corpo perispiritual* (chamemos assim a esse elemento revelado) faz sempre parte integrante do Espírito. Nos Espíritos de ordem inferior, esse corpo semimaterial é mais grosseiro. Nos Espíritos superiores e elevados, mais sutil, ainda menos matéria contém. É uma forma; podemos dizer que tem a forma humana. Ainda mais claramente: o *perispírito* é a forma do corpo. Esta a razão por que os Espíritos se materializam, aparecendo-nos com a forma do corpo que possuíam na Terra. Por meio

dessa matéria sutil, podem os Espíritos atuar sobre os objetos e corpos pesados.

O *perispírito* desenvolve as suas propriedades funcionais sob a influência da força vital. Pelo perispírito é que o Espírito consegue manter íntegra a sua identidade física e moral, segundo afirmações de Gabriel Delane. Necessário é que se não confunda o perispírito com a memória, que não pode de forma alguma ser coisa instável, porque o que nos dá a certeza absoluta de sermos sempre o mesmo ente desde que nascemos até que desencarnamos é ela, incontestavelmente. Renovam-se, como se sabe e se prova cientificamente, as moléculas de nosso corpo milhares de vezes, havendo, até a afirmação de que, de sete em sete anos, todas as células de nosso organismo se renovam. A memória, pois, não pertence à matéria, não é propriedade da matéria, porque persiste. Estivesse ela no agrupamento de células cerebrais e em cada sete anos teria que desaparecer para dar lugar à outra memória, o que é absurdo, porque nos lembramos minuciosamente de fatos passados há muitos anos.

Aí, já aparece o perispírito como organização, abrindo luz à ciência oficial, que não avança nesse sentido por falta desse elemento...

A memória, pois, pertence ao que não sofre variações no homem, é propriedade do envoltório fluídico do Espírito, que o Espiritismo revelou e que se chama *perispírito*.

Automaticamente, todos os movimentos e estados da alma se registram no perispírito. Daí porque os Espíritos, quando se comunicam, podem perfeitamente falar de coisas passadas, colhendo no registro de seu envoltório o de que necessitam para tal fim. Com esse corpo semimaterial, os Espíritos se materializam como já foi dito. As faculdades mal atribuídas ao sistema nervoso, e que não podiam ser tomadas como verdade incontestável, agora se explicam, uma vez que a função do perispírito demonstra, perfeitamente, que se não deve tomar o *efeito* pela *causa*, como infelizmente tem feito o materialismo, o monismo e todos os credos religiosos, que, assentados em falsas bases, preferem, entretanto, bater palmas ao negativismo a se renderem à verdade revelada pelo Espiritismo. Essas noções do perispírito vêm precisamente esclarecer os estudiosos, que assim encontram razões plausíveis para a formação de sua nova fé. Em resumo, vale transcrever o que a respeito diz Gabriel Delane em sua já citada obra *A evolução anímica*:

A alma e o perispírito não formam senão um todo indissolúvel. Tornam-se, entretanto, distintos, porque só a alma é inteligente, ela sente e quer. O envoltório periespiritual é a sua parte material e passiva. É o local dos *estados de consciência*, o armazém das lembranças, a região na qual se faz a memória de fixação. Aí vai buscar o Espírito os materiais de que necessita para raciocinar, imaginar, comparar, deduzir etc. É o receptáculo de imagens mentais. No perispírito é que residem a memória orgânica e o inconsciente. O Espírito é a forma ativa e o perispírito a forma passiva e esses dois aspectos, fornecem, então, todo o princípio pensante.

Eis aí, pois, esclarecido o ponto essencial, que é elemento indispensável para que se creia, com assentimento da razão, nos motivos que determinaram a veracidade indiscutível da comunicação do Espírito. Indubitavelmente, essa organização semimaterial, que chamamos *perispírito*, nos obriga, embora de passagem, a tratar de um fenômeno consequente, a que chamaremos de *memória psíquica*. É mais um motivo que justifica a existência do perispírito.

\* \* \*

Sabemos que no registro das sensações reside o fenômeno da memória. Já expusemos a ideia, mais ou menos perfeita, de como se realiza essa fixação no perispírito. Resta ao estudioso perguntar como se opera a localização dessa impressão. É Delane, ainda, quem nos fornece elementos preciosos para a resposta, com um estudo comparativo, dos melhores e mais perfeitos que temos lido:

Já assinalamos que é um fato a relação estreita que liga a alma ao corpo. Durante a vida, toda manifestação intelectual exige, imperiosamente, o concurso do corpo, a integridade absoluta da substância cerebral, a ponto de as menores desordens do cérebro paralisarem completamente a manifestação do Espírito. Há, sobre isso, muito que refletir. Essa concomitância não é para estranhar. O Espírito, não agindo sobre a matéria senão por intermédio da força vital, qualquer destruição da matéria nervosa subtrai, momentaneamente ou para sempre, enquanto durar a existência terrena, uma parte correspondente

da força que estava ligada a essa parte. Desde então, o perispírito, que conservava o movimento, não pode agir, pois seu agente de transmissão se conserva inativo. Se, mais tarde, a força vital tiver ainda bastante poder para reconstituir o tecido, a função natural será restabelecida. Agora, alguns exemplos que mostram bem a localização da memória.

*Perda da memória auditiva das palavras faladas, ou surdez verbal.*

O doente, atacado, quase sempre subitamente, de uma apoplexia, restabelece-se relativamente bem quanto à paralisia, mas, conforme a opinião daqueles que o cercam, parece ter ficado surdo ou idiota, porque responde extravagantemente às perguntas mesmo comuns, e isto porque não compreende a conversação. Um exame aprofundado mostrará, entretanto, que o doente não está nem surdo nem idiota. Ouve ruídos, podendo até ler corrente e corretamente. Que lhe falta? Falta-lhe compreender a linguagem falada. Quando ouve sua língua materna, ela lhe produz o efeito de uma linguagem estranha. É que o doente, como todos nós, aprendeu essa linguagem por efeito de uma educação lenta e habituando-se a ligar a ideia ao som. Esse mecanismo estava fixado nele, mas a doença o destruiu. As autópsias feitas em indivíduos que vieram a desencarnar de tal moléstia têm demonstrado, sempre e invariavelmente, a mesma lesão orgânica, isto é, a primeira circunvolução temporal ofendida. Pode-se, pois, considerá-la, sede da memória auditiva verbal.

Até aí, a opinião de Delane é demonstrada cientificamente. Sim, afirmemos, repetindo com convicção cientificamente do que provém a verdade incontestada de que o Espiritismo não se divorciou, não se divorcia hoje, e não se divorciará nunca da Ciência; antes, lhe fornece elementos para que suas teorias sejam tidas como naturais, nada tendo de misteriosas ou de fundo propriamente dogmático, quando assentam na razão natural das coisas, provadas com acerto e critério.

Assim, são doenças que ocasionam nos indivíduos a perda de memória das palavras escritas ou cegueira verbal, como lhe chamam cientificamente. Outros perdem a memória motriz das palavras faladas, demonstrando, assim, atrofiamento da terceira circunvolução frontal do hemisfério esquerdo que se desorganiza completamente.

Tenho um amigo, de nacionalidade portuguesa, que foi excelente oficial de alfaiate, considerado, quando no uso de todas as suas faculdades, como

indivíduo muito lido, gostando, como eu mesmo várias vezes ouvi, de recitar poesias inteiras de Guerra Junqueiro e trechos completos de prosa de escritores seus patrícios. Esse pobre homem foi atacado de uma apoplexia e conseqüente paralisia. Hoje faz sentir que perdeu completamente a memória da leitura. Olha para uma página de livro e não pode ler, porque, segundo declara, nunca viu aquilo, tudo lhe é estranho.

A ciência médica registra casos curiosíssimos de doentes que apresentam variadíssimos aspectos, totais ou parciais, de perda da memória.

Eu mesmo tenho constatado, no exercício de minha mediunidade curadora, durante doze anos de trabalho consecutivo, vários casos semelhantes e já coligidos pela ciência. Essas observações determinam, estabelecem perfeitamente a localização da percepção e a dos movimentos associados.

É provável, diz Delane, que todos os estados de consciência, sucessivos, que caracterizam a vida mental, tenham também por suporte um local particular do cérebro, correspondente a uma região definida do perispírito. Com mais essas ligeiras noções, está o leitor preparado para melhor entender a função exata do perispírito, que, por não sofrer as mutações do corpo físico, recolhe e guarda todas as impressões, servindo ao Espírito desencarnado para agir com conhecimento de causa. Assim, o Espírito que se não podia manifestar perfeita e normalmente pelo seu aparelhamento físico quando encarnado, porque lesões havia que o impossibilitavam, poderá, depois de desencarnado, fazê-lo, comunicando-se através do seu veículo o médium e transmitir seus pensamentos e desejos, dando impressões, falando com clareza sobre assuntos do passado e ainda produzindo fenômenos chamados físicos.

\* \* \*

Tem, pois, o leitor estudioso que nos acompanha nesta digressão com verdadeira vontade de aprender, mesmo sem o compromisso de se tornar, por isso, espírita, elementos para saber como o Espírito pode, depois de morto o corpo, dar-nos suas impressões, quais mover uma mesa, produzir ruídos, operar transportes e outros inúmeros e já catalogados fenômenos que enriquecemos campo da mediunidade e levam, como acontece em nossos dias, os espíritas inteligentes a investigá-los. Se a memória fosse somente uma propriedade, uma função do cérebro sujeita a sofrer as

contingências por que passam as células do nosso organismo, renovadas num espaço mais ou menos de sete anos, então, como dissemos, nesse período o homem se esqueceria de todas as coisas passadas e os próprios indivíduos, atacados de insulto apoplético e paralisia consequente, não apresentariam os variados aspectos da perda do senso comum das coisas, particularizando esses aspectos.

Nós somos Espírito. Temos um corpo físico que nos serve de morada material enquanto estamos habitando este Planeta, chamado Terra.

Esse corpo físico é composto de elementos materiais tirados da própria terra, o que explica a fórmula simbólica e originária da formação humana, expressa nas palavras do Antigo Testamento: “O homem foi feito de barro”. São os elementos da matéria que, por assimilação, formam o corpo. Somos o princípio inteligente do Universo, partícula de Deus e, daí, a doutrina magnífica de Paulo, o Apóstolo dos gentios, quando distingue o homem material do homem astral.

Jesus disse que “o reino de Deus está dentro de nós”. A essência divina que guardamos vai despertando através de inúmeras e necessárias encarnações, aprimorando-se, elevando-se, até que, despertado e vencido o homem material, sintamos em nós mesmos a força dominadora desse reino, “o sopro do Criador”, de que fomos todos animados, quando criados por Ele.

Como Espírito, somos indestrutíveis. Como princípio inteligente, somos levados, fatalmente, ao progresso constante. Possuímos, além do corpo físico, sujeito às leis e contingências diversíssimas do Planeta, um invólucro invisível, intangível, também imponderável. Esse corpo fluídico é o perispírito. Quando afirmamos, entretanto, que somos Espírito, não queremos dizer que somos uma coisa abstrata, uma essência animada, uma centelha, uma simples luz semelhante aos fogos fátuos, vagando nos espaços. Não. Somos, em verdade, em realidade, um ser concreto.

Para que possamos, como Espírito, agir e reagir sobre o corpo físico, valemo-nos do perispírito, utilizando a força vital.

A ação constante do físico sobre o moral ou da alma sobre seu aparelho o corpo tem levado muitos sábios e filósofos a grandes elucubrações. Conhecido, porém, o perispírito, o problema se esclarece. A conservação e atuação do inconsciente fisiológico ou psíquico não serão mais um mistério.

Por esse elemento o perispírito encontraremos a diferença que existe entre o instinto e a inteligência. Encontraremos explicação para os

intrincados casos em que se desenvolve a ação do mecanismo perfeito das ações cerebrais e as conexões que entre elas existem. Ainda aprendemos as razões que determinam a unidade, a identidade do Espírito, através das reencarnações. O Espírito quando desencarna, isto é, quando deixa o corpo físico ao qual está ligado pelo laço fluídico ou perispiritual, assim como o feto está ligado ao corpo materno pelo cordão umbilical, leva consigo o perispírito, a forma do corpo que possuía na Terra. É utilizando-se da força cósmica universal, ou se quiserem da força vital e do seu perispírito, e, mais, da força animalizada do médium, que o Espírito pode comunicar-se.

Léon Denis, escrevendo a sua formidável obra *No Invisível*, gravou no seu introito, entre outras grandes verdades, esta:

A Ciência não é mais que o conjunto das concepções de um século, que a ciência do século seguinte ultrapassa e submerge. Tudo nela é provisório e incompleto. O seu estudo versa sobre as leis do movimento, as manifestações da força e da vida. Nada sabe ela, entretanto, acerca das causas atuantes, da força e do movimento em seu princípio. O problema da vida lhe escapa e a essência das coisas permanece em mistério impenetrável para ela. Malgrado às sistemáticas negações e à obstinação de certos sábios, todos os dias são as suas opiniões desmentidas nalgum ponto. É o que sucede aos representantes das escolas materialistas e positivistas. O estudo e a observação dos fenômenos veem desmoronar suas teorias sobre a natureza e destino dos seres. A alma humana não é, como afirmavam, uma resultante do organismo e com o qual se extinga. É, antes, uma causa que preexiste e sobrevive ao corpo.

Realmente. Em sua gama profundamente ascensional, o Espiritismo, por fruto de longas e pacientes pesquisas, chegou à realidade indiscutível de que o Espírito sobrevive à morte do corpo e pode comunicar-se conosco. Não é, pois, uma obra de imaginação a ciência espírita. É com fatos, com argumentos, com provas irrecusáveis que o Espiritismo, doutrina dos próprios Espíritos, sustenta suas afirmações, fazendo desaparecer o mistério, o sobrenatural e o milagre, fulminando, até mesmo pela razão, pelo senso exato das coisas e pela mais atilada e poderosa força filosófica, todas as teorias vãs, dogmas concebidos pela vontade e interesses subalternos que as oportunidades criam, obedientes às contingências de

cada época. Das primeiras pancadas anunciadoras da existência dos Espíritos até as materializações, às fotografias dos Espíritos e às vozes diretas, em que os próprios Espíritos falam, fazendo-se reconhecer pelo tom natural da voz que possuíam na terra, o Espiritismo se impôs. Hoje, não mais as ironias e as chacotas têm força para enfraquecer o esforço dos estudiosos. As pechas de loucos e paranoicos, atiradas, dantes, aos espíritas, não prevalecem mais em nossos dias. Depois que o Espiritismo começou a curar os chamados loucos, que outra coisa não eram senão obsidiados, perseguidos por Espíritos inferiores, quase sempre inimigos de vidas anteriores ou desta mesma, entrou a produzir-se uma reação natural, apurando os fatos e contatando-lhes a veracidade.

Sempre que um descrente, agnóstico ou adepto aferrado às igrejas militantes procura meios e modos de negar a pés juntos os fenômenos espíritas, comprovados como veracíssimos, ocorre-me logo à mente a série enorme de nomes de sábios, filósofos, homens invulgares a cujas investigações devem a humanidade e a própria ciência, em particular, o seu progresso atual. Então, costumo comparar a negação a priori desses espíritos, que, na sua ignorância nem sequer leram, ainda, uma página da doutrina espírita, desconhecendo-lhe completamente a finalidade, com a opinião autorizada dos estudiosos, de homens como Lombroso, Aksakoff, William Crookes, Albert de Rochas, Vitor Hugo, Ernesto Bozzano, H. Denis Bradley, Léon Denis e outros mais, cuja citação seria desnecessária, inclusive a do nome Allan Kardec e de inúmeros escritores e estudiosos contemporâneos, homens desta geração, em cujo número se encontram, até mesmo, ex-padres católico romanos e ex-pastores, brasileiros e estrangeiros, que, não satisfeitos com a sua profissão de fé pública, ainda publicaram excelentes e oportunas obras referentes ao assunto.

Ouvi de um desses espíritos cheios de cepticismo e ainda amarrado às peias da “religião do berço”, a afirmação de que só viria a crer na existência dos Espíritos, quando pudesse apalpar e examinar um... agarrando-o e sentindo-lhe, sabem o quê? A carne...

Esse queria sentir a carne de um... Espírito. Por aí se poderá ver a ignorância crassa e sem limites da maioria dos que contradizem, sem conhecimento de causa, os fatos espíritas.

Tenho colhido em palestras com pessoas descrentes (até mesmo doutores em Direito e Medicina), as mais extravagantes, esdrúxulas e absurdas ideias e concepções acerca do que seja o Espiritismo. Quase todos

desejam ver e apalpar um Espírito. Desejaria eu que fossem atendidos e bastaria que um Espírito se materializasse diante de um só deles para perderem a vontade de tocá-los, porque muitos dos que isso desejam, mostrando verbalmente uma coragem que não possuem, contradizendo-se, confessam que não ficariam uma noite inteira junto de um cadáver... Não é medo, acrescentam, é impressão. Mal sabem, porém, que as impressões é que provocam o medo.

Nosso intuito nesta despreziosa obra é, entretanto, muito outro. Demorássemos na análise desses fatos isolados e tais digressões nos afastariam da meta que nos traçamos. Estamos no propósito de oferecer um livro capaz de orientar o leitor estudioso e levá-lo à compreensão, mais ou menos exata, da verdade que nos propusemos demonstrar teórica e praticamente a sobrevivência e comunicação do Espírito.

Temos dito, sem preocupações literárias, mas numa linguagem simples, embora o assunto tome em certa altura uma feição que requer mais atenção da parte do leitor e conhecimentos da parte do autor, que o Espírito não morre, que é imortal, que leva, ao desencarnar um corpo semimaterial, uma espécie de forma do corpo físico que teve na Terra, que esse corpo se chama perispírito e, finalmente, que a comunicação dos Espíritos, se dá por intermédio de indivíduos a que chamamos médiuns. Daí, as várias, múltiplas e diversas formas de comunicações.

\* \* \*

Na segunda parte deste livro, encontrará o leitor, um registro de fatos importantes, que virão, sem dúvida, testemunhar as nossas afirmações. São um verdadeiro repositório de observações, fruto de estudos acurados e que se produziram num ambiente elevado e seriíssimo. Fatos que levaram os mais sisudos e exigentes pesquisadores a exames prolongados, através de um controle rigoroso e que não deixam a menor sombra de dúvida, dado que esses fatos se produziram diante de observadores e controladores de nome feito nos vários ramos da ciência humana e sobre cujos ombros pesa grande soma de responsabilidades. Mas, antes de chegarmos lá, iniciemos o leitor no estudo de outros pontos necessários, porque o familiarizarão com o relato dos fenômenos de que terá notícia ou que, por sua conta, mais tarde há de observar.

De início, dissemos que os médiuns são organizações especiais ou

especializadas, por intermédio dos quais os Espíritos se comunicam conosco. São, frisamos, indivíduos de organizações caracterizadas, que participam de determinadas influências orgânicas, ou aptidões especiais. O médium, pois, como sabemos, é o agente indispensável para as manifestações de todo gênero, do mundo chamado invisível.

Os nossos sentidos são impotentes para o estudo e observação exatos dos grandes fenômenos da vida. Essa deficiência de nossa organização humana, quando se trata de atender aos múltiplos fenômenos do vasto campo científico, então, se torna desoladora. O Espírito, porém, sabe fazer desaparecer as lacunas e todos os tropeços que impedem o progresso. Daí, os aparelhos e instrumentos delicadíssimos, que suprem todas essas deficiências e que registram com precisão o que escapa aos nossos pobres sentidos. Desde o telescópio, que sondou os espaços estelares e descobriu uma imensidade maravilhosa de astros, derrocando ideias e velhas concepções que ruíram com estrondo, rasgando o véu da ignorância e trazendo conhecimentos novos que enriqueceram a ciência astronômica, até o microscópio, que nos veio dar a certeza indiscutível de um mundo também, até então, invisível para a própria ciência oficial e dogmática, que só se baseava em fatos positivos, mostrando-nos a existência do infinitamente pequeno; até, afinal, os tubos de Crookes ou as placas sensíveis, permitindo os estudos e observações da matéria radiante, tudo mais foi possível. Possível se tornou mesmo o que hoje vemos, sem mais nos assombrarmos, como sejam os voos dos Zepelins, as irradiações por ondas curtas e longas a distancias formidáveis de músicas e vozes humanas, transmitidas em todos os idiomas e recebidas por aparelhos mais ou menos simples e que Espíritos curiosos e amadores podem construir. Assim como esses instrumentos vieram abrir novos conhecimentos e possibilidades para as investigações científicas, auxiliando os sentidos humanos e dando-lhes um poder de penetração que não possuíam, assim os médiuns se apresentam como instrumentos especiais e particularizados para revelarem a existência dos Espíritos e lhes servirem de intérpretes.

Com muita propriedade, diz Léon Denis, em sua obra *No Invisível*:

O médium vem, por sua vez, desempenhar um papel essencial no estudo dos fenômenos espíritas. Participando ao mesmo tempo, por seu invólucro fluídico, da vida do Espaço e, pelo seu corpo físico, da vida terrestre, é ele o intermediário obrigatório entre os dois mundos. O

estudo, pois, da mediunidade prende-se, por isso, intimamente, a todos os problemas do Espiritismo.

Para contraporem suas opiniões às que expomos, os materialistas se têm esforçado para tudo explicarem por outras leis complicadas, mas que até hoje não constituíram, sequer, uma argumentação capaz de destruir a teoria espírita.

William Crookes, na sua obra *Investigações Experimentais*, A. Russell-Wallace em *Os Milagres e o Moderno Espiritualismo* e, mais, Aksakoíf, em *Animismo e Espiritismo*, tratando do assunto, e particularizando, além do mais, os casos de materializações, fornecem-nos elementos de valor incontestável que, por si, destroem, põem por terra, desmoronam totalmente todas as opiniões e teorias apresentadas pelos contraditores do Espiritismo.

Convém frisar que a prova real da existência dos médiuns e de que eles são em realidade indivíduos possuidores de aptidões especiais e particularizadas para servirem de intermediários entre os mundos material e espiritual, é coisa desde há muito positivada. Não se diga, entretanto, que essa conclusão foi admitida por pessoas sem projeção alguma nos meios científicos. Basta examinemos com cuidado e completa isenção de ânimo as resenhas das sessões do Congresso Internacional de Psicologia de Paris. O célebre professor Myers, lente da Universidade de Cambridge, um dos presidentes do citado Congresso, conhecido em todos os meios cultos como grande estudioso, moralista e filósofo, leu no dia 22 de agosto de 1900 a exposição dos resultados a que o seu trabalho chegara depois de várias investigações e sérios estudos. Vale transcrever esse importante documento que constitui uma das mais brilhantes afirmativas do nosso século em favor do Espiritismo e, notadamente, do assunto de que estamos tratando. Dr. Myers se refere aos fatos espíritas obtidos pela poderosa “médium”, Sra. Thompson.

Afirmo que essa substituição de personalidade ou incorporação de Espírito, ou possessão assinala, verdadeiramente, um progresso na evolução da nossa raça. Afirmo que existe um Espírito no homem e que é salutar e desejável que esse Espírito, como se infere de tais fatos, seja capaz de se desprender parcial e temporariamente do seu organismo, o que lhe facultaria uma liberdade e visão mais extensas, ao mesmo tempo em que permitiria ao Espírito de um desencarnado fazer uso desse

organismo deixado momentaneamente vago, para entrar em comunicação com os outros Espíritos ainda encarnados na Terra. Julgo poder assegurar que muitos conhecimentos já se têm adquirido nesse domínio e que muitos outros restam ainda por adquirir no futuro.

Vê-se, pois, que a existência dos médiuns está provada cientificamente. Myers pronunciou-se diante de cientistas e homens de grandes responsabilidades. Não foi contestado e outros, então, mais animados, também se expandiram: Lombroso, o notável criminalista, W. Crookes, o grande físico e químico, que revolucionou a ciência com as suas descobertas, Dr. Ochorowicz e outros forneceram testemunhos valiosíssimos da existência de médiuns pelos quais obtiveram fenômenos espíritas importantíssimos e todos verificados sob o mais rigoroso controle.

Em nossos dias, são bem conhecidas as afirmações de poderosas mentalidades, sobre a existência real dos Espíritos depois da morte do corpo físico e sobre sua comunicação com os encarnados, que somos nós outros, ainda habitando o “sepulcro de carne” de que falou Jesus.

A opinião do Dr. Denis Bradley, grande crítico e escritor inglês, até então cético e descrente de tudo que se relacionasse com os fatos espíritas, depois que teve oportunidade de assistir aos fenômenos de vozes diretas, produzidos pela mediunidade possante de Valiantine, proclama, na sua excelente obra *Além das Estrelas*, esta eloquente profissão de fé: “Não digo apenas que creio. Afirmo que sei”. E sabe, porque, durante duas longas horas, conversou com sua Irmã Annie, desencarnada e que se comunicara pela “voz direta”, por intermédio de Valiantine.

E que dizer das afirmações de Camille Flammarion, o astrônomo? Aí estão as suas notabilíssimas obras. Consultá-las, estudá-las com atenção, vale, sem dúvida, por um dos maiores gozos que alguém possa experimentar na Terra. E o trabalho metódico, inteligente, científico que nos apresenta Ernesto Bozzano, nestes dias que estamos vivendo? As refutações formidáveis, as contestações arrazoadas, lógicas, de uma clareza e limpidez a toda prova, com que esse emérito escritor italiano e professor abalizado, destrói todas as teorias apresentadas pelos contraditores do Espiritismo?

Comprovada, assim, como verdadeira a existência dos médiuns, mediadores, que efetivamente o são, dos Espíritos que se comunicam, somos levado a falar, embora ligeiramente, de uma força que a própria Ciência desconheceu, até que William Crookes conseguiu descobri-la,

indicando o caminho para outras importantíssimas investigações científicas e novas revelações para os estudos espirituais: Além do estado gasoso e mesmo do estado radiante, há para a matéria o estado invisível. Podemos dizer que se trata de rarefação completa dos corpos materiais, que se vão modificando, tornando-se cada vez mais rarefeitos, mais sutis até escaparem por inteiro à percepção natural dos sentidos. Rarefazendo-se, entretanto, essa matéria adquire outras propriedades e uma capacidade de irradiação que se dilata, chegando ao elevado grau de imaterialização, onde toma o nome que comumente se lhe dá de fluido. Esse fluido, note-se, apresenta-se nos como sendo uma força integrada no todo, como uma das formas da energia. Sobre o assunto, para maior clareza e melhor entendimento do leitor, escreveu Léon Denis:

Quando um Espírito se manifesta em um meio humano, não o pode fazer senão com o auxílio de uma força haurida do médium e dos assistentes. Tal força é gerada pelo corpo fluídico e tem sido, alternativamente, designada sob os nomes de força ódica, magnética, etérea etc. Chamá-la-emos, por nossa vez, força psíquica, pois que ela obedece à vontade que é de fato o seu motor. Os membros lhe servem de agentes condutores. Essa força se desprende mais facilmente, segundo observações comprovadas, dos dedos e do cérebro.

Dissemos que os Espíritos, para se comunicarem, necessitam do fluido cósmico universal, do seu perispírito e da força animalizada do médium. Esse fluido, ainda matéria, é a força de que estamos falando. Nada há, pois, diferença, senão uma perfeita concordância e harmonia decorrentes de nossas afirmações com as opiniões abalizadas de homens que se devotaram carinhosamente ao estudo metódico e aperfeiçoado desse assunto.

Todas essas digressões, em terreno às vezes áspero, são necessárias e sem esses conhecimentos e noções preparatórias não pode o leitor penetrar no âmago da questão que nos propusemos estudar.

Nem mistérios, nem milagres, nem dogmas. Tudo se explica racionalmente com o testemunho irrecusável dos fatos e dentro dos princípios em que se apoia a própria Ciência, em perfeita harmonia com aquela outra Ciência, que se apoia na lei de harmonia e de equilíbrio e que se não pode revogar, porque assenta no seio da Criação, onde se encontra em perpétua atividade o poder de DEUS.

Ainda em abono de nossas afirmações, não pode haver maior e mais completo testemunho a favor do Espiritismo acerca dos médiuns, do que a declaração formal, insuspeita, assinalada pelo Dr. Richard Hodgson. Encontram-se essa e inúmeras outras declarações idênticas, proferidas por homens de ciência, em vários tomos dos Proceedings, admirável registro de fatos colhidos pela Sociedade de Investigações Psíquicas, com sede em Londres e uma secção New-York. É precisamente no tomo XVI dos Proceedings que se encontra a formal declaração do Dr. Hodgson, que tanto efeito produziu nos meios científicos, notadamente os materialistas. Afirma ele:

Há doze anos que estudo a mediunidade da Sra. Piper. De começo, só uma e única coisa desejava: descobrir na médium a fraude e o embuste. Entrei na sua casa profundamente materialista, com o fim de desmascará-la. Hoje, digo simplesmente CREIO. Demonstrações e provas irrecusáveis me foram fornecidas de jeito e modo a arrancarem do meu Espírito até mesmo a possibilidade de uma dúvida.

Dr. Richard Hodgson foi, em verdade, durante muitos anos, implacável inimigo dos médiuns. Não era homem vulgar. Colaborou com Dr. Charles Richet nos Proceedings e com o grande Myers, cujas declarações a favor do Espiritismo e da comunicação dos Espíritos pelos médiuns constituem, sem dúvida, outros valiosíssimos argumentos que destroem todas as teorias demasiadamente ridículas de certas autoridades que até hoje não fizeram uma só observação no campo espírita e se restringem à negação absoluta, dogmática, vazia de argumentos.

Conta Dr. Albert de Rochas, nome sobejamente conhecido nos domínios científicos do mundo, no prefácio de sua monumental obra *L'exteriorisation de la Motricité*, obra de mais de 600 páginas, original, 4.<sup>a</sup> edição da Biblioteca Chacornac, 1906, que, em 1837, Guizot, recebendo J. B. Biot na Academia Francesa felicitava-o vivamente por ter sido o novo acadêmico quem levava à douta Academia de Ciências de França a realidade da existência dos aerólitos, realidade que Lavoisier combatera antes, quando afirmava em nome da Ciência, que, não existindo pedras no Céu, não poderiam elas cair de lá.

Relembrando as palavras de Guizot, então pronunciadas na memorável velada literária da Academia Francesa, fazemo-lo porque se enquadram

perfeitamente nestas linhas e neste assunto. Os materialistas, que não creem na existência dos Espíritos e os espiritualistas que, por sua vez, acreditam que as almas deixando o corpo se destinam a determinados lugares, de onde não podem sair senão no dia do Juízo para serem julgadas, fazem como Lavoisier. Este pontificou, em nome da Ciência, afirmando que, não havendo pedras no Céu, logicamente se concluía que elas não podiam cair de lá sobre a terra. Enganou-se e foi vencido pela prova exuberante que os aerólitos trouxeram do Céu. Os Espíritos, como os aerólitos, descem do Espaço e vêm provar formal, categórica e cientificamente, que vivem e se podem comunicar conosco.

\* \* \*

Se ainda vingassem as ideias acanhadas e retardatárias dos séculos que passaram, estaríamos, hoje, ainda muito longe do progresso alcançado.

O dogmatismo religioso, ferrenho e absoluto, e, bem assim, o orgulho, injustificável nos nossos dias, de certos cientistas, ainda procuram meios e modos de destruir uma verdade que se desatou de todas as peias e avança gloriosamente, rompendo o véu da ignorância e do sectarismo contra o qual se insurgem a razão e a mentalidade contemporânea.

A imortalidade da alma, ou, seja, do Espírito e sua natural comunicação são fatos incontestáveis e científicos, graças aos métodos aplicados à sua verificação por inúmeras capacidades mundiais, cujos nomes são dignos do maior acatamento.

A negação sistemática, balda de argumentos sólidos, em que se apoie, serve unicamente para satisfazer aos espíritos retrógrados e orgulhosos, aferrados a sistemas antiquados, quer nos dilatados campos da ciência, quer nos domínios religiosos.

Os tempos previstos pelo Cristo aí estão, confirmando, em Espírito e Verdade, todas as suas profecias. Os Espíritos encarregados de trazer à Terra a chave que abre a porta do Mistério cada vez mais se esforçam em cumprir sua gloriosa missão e os médiuns, seus instrumentos, se multiplicam extraordinariamente por todos os recantos do Planeta, fazendo recuar as trevas e conduzindo a humanidade ao fim a que se destina a Paz e o Amor.

Importa valorizar as experiências científicas, realizadas, sob um aspecto de completa seriedade, por Aksakoff e por ele mesmo relatadas com todas as minúcias no seu extraordinário livro *Animismo e Espiritismo*, livro hoje

vulgarizado, porque muito necessário ao estudo desses fenômenos. Igualmente importantes as experiências efetuadas sob o controle do Dr. Russel Wallace, em sua obra *Le Moáerne Spiritualisme*, as de Léon Denis, até as que, em nossos dias, conseguiram inúmeros homens de ciência, entre os quais Bozzano e Bradley, constituindo farto repositório, imensa e grandiloquente messe de trabalho, de provas e de fatos não contestados, não desmentidos. São obras que bastam para cobrir de ridículo aqueles que se dão ao luxo e à vaidade de pretender ainda, à luz meridiana, negar o que já se não pode negar, a não ser somente pela força da paixão cega e do dogmatismo ferrenho e absoluto, algemas que prendem à rotina comum das coisas, espíritos que, afinal, um dia também se libertarão.

Fenômenos, até então, verdadeiramente inexplicáveis, tidos e havidos como verdadeiros milagres uns e misteriosos outros, porque não havia explicações razoáveis que tivessem a força de satisfazer aos anseios e interrogações da mente assombrada em face de tanta maravilha, estão hoje perfeitamente explicados, conscientemente definidos, cientificamente comprovados e, mesmo, religiosamente, evangelicamente e, portanto, cristãmente esclarecidos pelo Espiritismo.

De um lado, a mediunidade, de outro o estudo das leis naturais e a revelação do perispírito, a que há quase dois mil anos aludia simbolicamente São Paulo, o convertido, nos levam à crença sincera e racional de que o Espírito é imortal e se manifesta depois da morte do corpo que animava na Terra e na vida de relação.

O erro, o grande erro das religiões ditas espiritualistas tem sido negarem essa verdade. Criando, localizando, estabelecendo um céu e um inferno, como determinados lugares de bem-aventurança e de sofrimentos eternos, embaraçaram a compreensão dos homens e diminuíram um dos maiores atributos de DEUS, que é a ONISCIÊNCIA.

Céu e Inferno estão dentro de nós. São situações determinadas pelos nossos atos, obras e pensamentos. A sua duração depende de nós mesmos, já aqui na Terra, já no Espaço Infinito. Por isso foi, sem dúvida, que disse Jesus: “Pelas vossas obras sereis julgados”. Porque somos nós mesmos que nos julgamos. O direito de arrependimento sincero jamais será tolhido. E isso exclui o castigo eterno. Vemos, assim, que a questão proposta a da sobrevivência do Espírito e sua comunicação, não é mais um problema insolúvel, nem, tão pouco, um mistério impenetrável ou, ainda, uma fantasia, produto de imaginações místicas. A fonte insuspeita, que nos

forneceu elementos e bases científicas, é daquelas que levam à convicção absoluta. Teoricamente, filosoficamente e cientificamente, está provada a proposição hoje comum e, dantes, temerária, qual seja: os Espíritos sobrevivem à morte do corpo e podem, depois, provar a sua existência, comunicando-se. E esta outra: os médiuns são seus instrumentos e a maneira de suas comunicações varia, de acordo com as faculdades mediúnicas desses aparelhos humanos.

A Verdade não é, entretanto, coisa que todos possam conceber, sem que sintam satisfeitos os seus desejos de alcançá-la. Também não é coisa que possa ser imposta, nem, muito menos, a golpes de violência. A Verdade é vista pelo sentido espiritual. Mas, assim como os próprios Espíritos se materializam, tomando momentaneamente um corpo fluídico, também ela, a Verdade, se deixa às vezes tocar, tomando uma forma corpórea e visível aos olhos materiais.

Crer não deve ser somente acreditar. Crer é mais ainda: é saber; é sentir; é ter o homem consciência e noção exata de uma coisa. E como se haverá de tê-las? Como conquistá-las, senão, primeiro, pela razão? Daí, a necessidade da fé consciente, sem sistemas, sem dogmas, sem peias, nem amarras, feitas com os nós do interesse vulgar.

O homem que deseja crer deve despir-se de todos os preconceitos. Deve colocar-se acima dos interesses subalternos e desprezar temores e receios, que só se fundam no amor egoísta que votam às efemeridades e às coisas vãs do mundo material, pequenino, restrito e fugaz. Necessita alimentar-se espiritualmente, fora do acanhado âmbito em que volitam todas as mesquinhas ambições. Assim fazendo, sentir-se-á não somente carne, sangue, nervos e vísceras. A sua mente, saneada por pensamentos outros, há de lhe facultar ensejos maiores para pensamentos mais elevados, mais nobres. O homem se vai alteando, subindo; seus sentidos espirituais dilatar-se-ão. Não se sentirá tão achumbado ao estiolante materialismo, ou preso à sugestão dogmática. Fácil lhe será, então, crer no que constitui ainda motivo de dúvidas e, quiçá, de dores, para os céticos e para os que, dizendo-se espiritualistas, negam sem provas a sobrevivência do Espírito e a sua comunicação.

Dr. Paul Gibier, conhecido publicista, autor do excelente trabalho *Análise das Coisas*, espírita convicto, mas, também, ex-interno dos Hospitais de Paris, ajudante naturalista do Museu de História Natural, Oficial da Academia, Cavaleiro da Legião de Honra e dono de outros títulos

mais, que tanto o distinguiram, colocou este pensamento na primeira página do seu livro: “Aquele, cujo espírito não se elevar acima das coisas vulgares, siga seu caminho. Isto não foi escrito para ele.”

Bem sei que esta desprezível obra, que é, quando muito, um pequeno auxiliar para os que queiram aprender, não se compara à *Análise das Coisas* que é um livro sobre a ciência futura e que trata da influência que esta terá sobre as religiões, filosofias, ciências e artes. Bem o sei. Entretanto, convém frisar que o assunto contido nestas páginas não se porá em afinidade com alguns espíritos, que, pisando a rama comum e vulgar das coisas meramente materiais, acharão, entre um sorriso de incredulidade e outro de ignorância, que o seu autor não passa de um pretensioso ou de um paranoico.

Fossem, porém, aqueles que se dedicam com amor e desinteresse às coisas úteis dar ouvidos à crítica insensata e desarrazoada, e se tornariam improdutivos e inúteis, como aqueles mesmos que tudo criticam, seja por ignorância, orgulho ou ciúme. Assim, posso também repetir o pensamento a que aludi: “Aquele cujo espírito não se elevar acima das coisas vulgares, siga seu caminho. Isto não foi escrito para ele.”

Uma afirmativa que assombrou os cientistas seus contemporâneos foi, sem dúvida, esta que proferiu o citado autor quando escreveu: “Podemos ter provas materiais da existência da alma”. E acrescentou: “Este fato não deixa dúvida, no meu espírito: a ciência poderá estudar de agora em diante, quando quiser, o terceiro elemento constitutivo do Macrocosmo, como estuda os outros dois elementos, que ela então compreenderá muito melhor, isto é, a *matéria* e a *energia*.”

O eminente autor, se o escreveu, melhor ainda o fez, ao tratar da Fisiologia, Transcendente, lembrando o conceito de Montesquieu, autor do *Espírito das Leis*: “Quando tratardes de um assunto, não deveis esgotá-lo; basta façais pensar.”

É isto, precisamente, o que procuro fazer, tentando provar, baseado em documentos científicos, a fim de que caiba no entendimento de todos a existência real do perispírito, a existência dos médiuns e a sobrevivência do Espírito e sua conseqüente comunicação, de pleno acordo com Paul-Louis Courier, quando afirmou: “Não são precisas muitas páginas para que se digam as melhores coisas.” Possivelmente, haverá nisso audácia; não, porém, uma audácia temerária e arrogante.

Para chegar-se a tal resultado, para asseverarem-se as verdades aqui enunciadas, é preciso refletir, é preciso pensar, porque, como graciosa e

ironicamente escreveu Schopenhauer, “a verdade não há de vir saltar-nos ao pescoço”. É preciso procurar e pensar. O fato, porém, de indivíduos, sábios ou não, se enclausurarem dentro de suas teorias e princípios, num apego fanático, por amor egoístico, ao que chamam seus títulos, não impede que os estudiosos cada vez mais procurem desatar-se das peias e amarras com que pretendem torná-los balões cativos, procurando inutilmente subir e conhecer.

Renego inteiramente esse sistema de fiar-se o indivíduo no pensamento alheio, sem exame nem estudo dos motivos de suas afirmações. Essa foi, sem dúvida, a razão por que tanto sofreram e por tantos sacrifícios e vergonhas tiveram que passar os que se aventuraram a travar luta cerrada contra o exclusivismo científico e o fanatismo religioso.

A história desses mártires da ciência e da religião oferece-nos documentos curiosos e também valiosos.

\* \* \*

Os que se iniciaram no estudo da Doutrina Espírita não podem mais sentir-se presas desses temores infundados, consequência funesta das velharias de um passado que viveu na sombra da ignorância. Aí estão os investigadores, os pesquisadores inteligentes, instruídos, sólidos na sua cultura e seguros, sobretudo, na sua moral para levarem os tímidos, os indecisos, como os fortes de boa vontade, ao estudo, à observação e aos fatos, cuja linguagem eloquente e esmagadora é como a luz clara e penetrante do sol que vence toda opacidade. Sigamo-los.

Quando o Cristo ensinava “que se não deve colocar vinho novo em odres velhos” e, mais tarde, um de Seus maiores sucessores na pregação, Paulo o Apóstolo dos Gentios reforçando esse mesmo ensino, dizia “que o homem novo deve despir-se da velha roupagem”, tais palavras foram levadas, como ainda hoje o são, à conta de puerilidades. Tanto um como outro, porém, sabiam, como o sabem os Espíritos que em nossos dias se comunicam, da necessidade de não arrastarmos conosco as teorias arcaicas e esdrúxulas, que impedem conheçamos aquelas coisas que constituem a verdadeira sabedoria.

Ninguém há que, preso e aferrado ao dogma, possa, com descortino, sair fora do círculo estreito e restrito em que se encerrou. As religiões militantes convencionaram chamar hereges a esses que assim se não submetem.

Entretanto, as heresias e apostasias, como tais batizadas hoje pelas ditas religiões, constituem parte integrante de seus ensinamentos. Difícil tarefa, por certo, é desarraigar de nossa mente os erros que se misturam em nossas veias com o leite materno.

O Espírito deve sobrepujar e vencer a letra. Os ensinamentos dados em forma de parábola, onde o simbolismo era feição obrigatória, significam o império da necessidade, obrigando os mestres antigos a assim proceder, devido à ignorância daqueles tempos.

“Amai-vos e instruí-vos”, eis a grande e sábia lição que foi dada pelo Espírito de Verdade a Kardec, o Codificador da Doutrina Espírita. Isto quer dizer que instrução, conhecimento, estudo são necessários para a formação da nova fé. Que vale saber que Deus existe, se não O conhecemos, se não O sentimos palpitando dentro da obra imensa e infinita da sua criação? Que vale saber que Deus existe, se O tememos por ignorância, em vez de O amarmos, sentindo o Seu amor infinito penetrar todas as coisas? Daí, o erro tremendo, até pecaminoso de, sugestionados por temores infundados, preferirmos as trevas à luz.

Assim, deve a fé ser também consciente e firme. Crer, porque os outros creem, não é convicção. Crer é sentir uma verdade, que a razão não repila, antes aceite com fundamento. Por isso mesmo H. Denis Bradley escreveu, no final de sua obra já citada: “Eu já não digo que creio, mas afirmo que sei.”

*A História da Filosofia* é uma obra de Will Durant que mereceu tradução em alemão, francês, sueco, dinamarquês, iugoslavo, chinês e húngaro. A tiragem americana dessa importante obra, segundo afirma uma nota da Companhia Editora Nacional, na edição portuguesa deste ano de 1935, tradução de Godofredo Hengel e Monteiro Lobato, atingiu o total de 548.852 exemplares. No prefácio da edição, diz o autor:

Os conhecimentos humanos tornaram-se vastíssimos. Cada ciência gerou uma dúzia de ciências novas; o telescópio revelou estrelas e sistemas que o homem não pode enumerar nem denominar; a geologia passou de milhares de anos a milhões; a física encontrou no átomo todo um universo e a biologia descobriu na célula um microcosmo; a fisiologia revelou mistérios infinitos em cada órgão e a psicologia em cada sonho; a antropologia reconstituiu a insuspeitada antiguidade do homem, a arqueologia desenterrou ruínas e cidades; a história provou

que toda a história é falsa e esboçou uma tela onde unicamente um Spengler, ou um Edward Meuer, podem ter visão de conjunto. A teologia desmoronou e os credos políticos esbordoaram-se. A própria filosofia, que sempre recorrera a todas as ciências para dar uma imagem aceitável do mundo e uma atrativa concepção do Bem, verificou que a sua tarefa coordenadora era maior que a sua coragem e fugiu de todos os “fronts” da Verdade, ocultando-se em desvãos abrigados, timidamente, a seguro das responsabilidades da vida.

Após esse balanço da hora presente, Will Durant acha que é um dever ensinar ao povo os princípios filosóficos e seus motivos, cujos conhecimentos haviam sido enfeixados entre poucos mestres e escolhidos iniciados. Ainda afirma:

Não nos envergonhemos de ensinar ao povo. Os ciosos que querem evitar que o grande público se aproveite dos seus conhecimentos e para isso escondem a ideia na maranha da terminologia bárbara, impelem o público ansioso de saber, para todas as fontes claras. Não se abespinhem esses homens contra obras como a nossa, que vêm em socorro do público ansioso e, para lhe facilitar a tarefa, humanizam a filosofia.

Essa alusão do autor da obra citada é aos que, presumindo-se sábios e detentores da Verdade, se julgam, por tola vaidade, com o direito de menosprezar o esforço alheio.

Há os que entendem, do ápice egoísta de sua suposta sapiência, que o povo que sabe ler deve ignorar aquelas coisas que são chamadas “domínio científico” e “campo filosófico”. Quanto à religião e interpretação dos Evangelhos, só aos doutos das igrejas militantes deve ser dado o direito de o fazerem. O povo deve contentar-se com o dogma, o inexplicável e o mistério. Erro grave. Gravíssimo erro esse, de pretenderem os sábios esconder a Verdade aos que a buscam. Jesus louvou, entretanto, a Deus, porque Ele, o Pai, “havia escondido aquelas coisas aos sábios, revelando-as aos pobres e pequeninos”. Paradoxal parece semelhante afirmativa, mas verdadeira é o que ela é, atendendo-se a que os sábios (que tais se julgam) são quase sempre vaidosos e orgulhosos, e, por isso, acham absurdo o que é realidade, confundindo com as coisas pueris aquilo que um coração simples aceita e crê com sinceridade.

Estas longas considerações com que encerro a primeira parte deste livro vêm a propósito do assunto que se vai ler. Vamos entrar no terreno dos fatos e das provas. Muitos, certamente, encontrarão motivos para julgar esses fatos de acordo com as teorias a que se apegaram, mas terão que esbarrar diante dos argumentos que são os esteios em que assenta a farta documentação que se vai expor.

Conhecemos todas as razões de que sempre se socorrem os negativistas.

Saberemos fazer com que essas razões sejam destruídas e se desfaçam como acontece com as bolhas de sabão. Procuraremos citar fatos testemunhados por pessoas insuspeitas e por outras, cujas responsabilidades e posições sociais servem de reconhecida carta de crédito a uma moral. Vamos, pois, coordenar essas provas, citando-as pela ordem das faculdades mediúnicas, a começar pelo método primitivo das comunicações tiptológicas, que, entretanto, lograram completo êxito, a ponto de reunir sábios, no passado e no presente, em torno de uma mesa, para que fossem satisfeitos seus desejos, desde as pancadas até a levitação. E começaremos com fatos e provas colhidos em reuniões, à que fomos presentes, ora fazendo parte da corrente de concentração, ora como diretor dos trabalhadores e doutrinador dos Espíritos.

## PROVAS COLHIDAS PELA TIPTOLOGIA

Mesas falantes ou mesas girantes (“tables tournantes”, dos franceses), eram os termos impróprios, aplicados a princípio aos fenômenos da tiptologia. Absurdo e ilógico seria acreditar-se que uma mesa pudesse falar ou girar por si mesma, sem ser acionada por uma força qualquer. Se ela se move, se pode caminhar, levantar-se, responder inteligentemente às perguntas que se lhe fazem, é porque necessariamente há uma inteligência que a anima. Os instrumentos de música e de todas as artes conhecidas não são os autores do trabalho manual ou intelectual a que se destinam, mas simples utensílios a serviço da alma do artista que os maneja destramente. Assim, as mesas falantes não passam de simples móveis de adorno ou de uso doméstico, aos quais os Espíritos imprimem a sua força, a sua vontade e a sua inteligência.

No fato que narraremos, reproduzindo exatamente uma ata assinada por pessoas perfeitamente idôneas e conhecidas, ainda vivas todas, fato obtido sob rigoroso controle, observadas todas as exigências necessárias, vê-se que não há lugar para mistificações ou fraudes, conscientes ou não, porque a transmissão do pensamento ou a intromissão do subconsciente não tiveram interferência alguma:

Sessão realizada na noite de 25 de março de 1935.

Às sete horas e trinta minutos da noite de vinte e cinco de março deste ano de mil novecentos e trinta e cinco, na residência do Sr. Osvaldo Melo e no seu gabinete de trabalho, realizou-se esta sessão, a que assistiram os senhores Pedro Leão Coelho, guarda-livros da importante firma Eduardo Horn, desta praça; Libório Soncini, fiel do tesoureiro do Tesouro do Estado; Jaime dos Santos Cardoso, agente da Companhia Nacional de Navegação Costeira, nesta Capital; Eponino Macuco empresário teatral; Hildebrando Vaz, comerciante e fazendeiro; Gentil Bonzon, maquinista da Marinha Mercante e electricista; Ataliba Neves, guarda-livros e funcionário federal, e Osvaldo Melo, Diretor da Secretaria da Assembleia Legislativa do Estado e jornalista. Iniciados os trabalhos, fez-se música (rádio), seguindo-se as instruções do Espírito Guia, por espaço de vinte minutos. Após, estabeleceu-se a corrente em torno de uma mesa de madeira, tendo esta quatro pés, pesada, com uma gaveta e que serve para a máquina de escrever. Comunica-se um

Espírito pedindo preces para um doente que se achava em estado de coma, no Hospital de Caridade. Foi atendido. Em seguida, comunica-se o Espírito que na Terra se chamou José Rodrigues Fernandes. Dá excelentes provas de identidade, relembrando fatos reais que positivaram sua presença, falando sobre outros já esquecidos dos presentes e só lembrados depois. Esse Espírito conseguiu inverter a posição da pesada mesa, colocando o seu tampo no chão, de forma que os quatro pés ficaram para o ar. Nesta posição, levitou a mesa, fazendo com que ela se elevasse a regular altura. Estando o rádio funcionando, o Espírito, para dar mais uma belíssima prova, fez a mesa girar dançando, acompanhando assim os compassos da música, fazendo-o, porém, de maneira perfeita e na cadência exata da música que, então era executada por uma orquestra de cordas argentina e irradiada por uma estação de Buenos-Aires. Conseguiu, ainda, o Espírito colocar dois pés (os da frente), sobre uma das cadeiras e os outros dois em outra, levitando a mesa dessa posição, à altura da janela, sem que, nesse momento, um só dos circunstantes a tocasse. Depois, fez descer a mesa e a colocou no chão, ainda com o tampo para baixo. Pediu, então, o irmão Osvaldo Melo para o Espírito fazer voltar o móvel por si mesmo à posição natural, e, bem não havia esse nosso irmão acabado de formular o pedido, eis que a mesa, num giro rapidíssimo, voltou à posição primitiva e natural, indo colocar-se por si mesma no centro do gabinete, ainda sem que um só dos presentes a tocasse. O mesmo Espírito deu ainda outras provas interessantes e despediu-se, conduzindo a mesa para junto de cada um dos circunstantes e inclinando-a, suavemente, como a despedir-se. Pelos sinais tiptológicos, deu boa-noite. O irmão presidente fez uma prece em voz alta. A mesa inclinou-se em sinal de respeito. Terminada a prece, o Espírito mais uma vez agradeceu e retirou-se.

Em seguida, a mesa movimentou-se. Começou a bater as pancadas convencionais com um dos pés. Uma pancada para a letra A, duas para a letra B e assim, sucessivamente. Começou-se por perceber a frase: “Não sou tipo...”. O irmão presidente dos trabalhos interceptou a comunicação e disse não haver ninguém ali capaz de chamar “tipo” a quem quer que seja. A mesa bateu duas pancadas vibrantes negando e recomeçou: “Não sou tipógrafo, mas conheço os tipos”. Em seguida, disse: “Eu sou o Bruggmann... Venho agradecer a prece que você fez por mim no Centro, no dia em que eu morri...”

Essa circunstância veio provar que o Espírito que agora se estava comunicando era, efetivamente, o de um pobre homem que desencarnara num dos cubículos da Chefatura de Polícia desta cidade. A frase com que iniciara a sua comunicação era exatamente a que habitualmente proferia na Terra, e principalmente quando se achava alcoolizado. Quanto à prece a que aludira, tinha razão o Espírito, porque, no dia de sua desencarnação, havendo sessão pública de doutrina, no Centro Espírita Amor e Humildade do Apóstolo, de que é presidente o nosso confrade Osvaldo Melo, este entendeu, antes de dar início à sessão, de pedir a todos os presentes que orassem em intenção do Espírito do popular Bruggmann, que fora um sofredor e que talvez não tivesse, até àquela hora, recebido uma prece em seu benefício. Mais de 400 pessoas presentes à sessão, atenderam ao apelo.

Vindo o Espírito agradecer, dava formidável prova de identidade. Após essa comunicação, foram os trabalhos encerrados e para constar, lavrada esta ata que vai por todos os presentes assinada.

(Seguem as assinaturas originais das pessoas acima mencionadas)

Pelo conteúdo da ata acima publicada, o espírito que for sincero e desatado das peias do fanatismo poderá deduzir excelentes argumentos para aplicar à teoria constante das páginas antecedentes deste livro.

Se bem que o trabalho pela tiptologia seja, às vezes, enfadonho, porque, pelas pancadas, temos de ir juntando letra por letra para formar as frases, cansando os presentes e obrigando os Espíritos a um trabalho moroso, nem por isso deixa de ser eficiente, particularmente para os principiantes e os que desejam obter provas, como aconteceu a grandes homens, e de que dão testemunhos os livros que escreveram. As sessões de que extraímos a ata acima e outra que vamos transcrever adiante foram mais uma demonstração para alguns dos que compunham o número dos assistentes que ainda não conheciam esses trabalhos. A mediunidade psicográfica, bem como a falante e outras vieram facilitar os meios de comunicação, por isso que são mais rápidas, como depois veremos.

Em uma dessas sessões, um fenômeno de transporte e, noutra, novo fenômeno do mesmo gênero se operaram. Vamos, pois, transcrever uma ata em que se dá conta de tais fenômenos. São contribuições que julgamos valiosas e vitoriosas para a história do Espiritismo, e a cuja reprodução não nos podemos furtar.

A ata que vamos transcrever é anterior à que acabamos de transportar para estas páginas. Nela, porém, se alude a um fenômeno de transporte e a outro já verificado, convindo, assim, que a reproduzamos em segundo lugar. Ei-la:

Aos dezoito dias do mês de março deste ano de mil novecentos e trinta e cinco, na residência do Sr. Osvaldo Melo, na Rua Major Costa nº 6, nesta Cidade de Florianópolis, às sete horas da noite, realizou-se a sessão, estando presentes os senhores Pedro Leão Coelho, Ataliba Neves, Olímpio Santos (este pela primeira vez), Hildebrando Vaz, Jaime Cardoso, Gentil Bonzon, Eponino Macuco e Osvaldo Melo. Abertos os trabalhos, mandou o Guia do grupo que os presentes conversassem animadamente por espaço de quinze minutos e ouvissem rádio. Em seguida, a mesa movimentou-se sem que ninguém a tocasse. Postas as mãos dos assistentes sobre ela, comunicou-se um Espírito que disse ter-se efetuado um transporte durante aqueles quinze minutos. Todos duvidaram e o irmão Osvaldo disse que ali não estavam para serem mistificados e, continuando a falar com a entidade que se comunicava, disse-lhe: “Afirma em nome de Jesus que falas a verdade”. O Espírito afirmou categórica e positivamente. Mandou que se fizesse luz e declarou que a própria mesa iria indicar onde se achava o objeto do transporte, que era, acrescentou, uma flor em botão. Acendeu-se a luz. Todos retiraram as mãos de sobre a mesa. Esta caminhou por si mesma, estacou, levantou um dos pés e bateu com ele fortemente no assoalho. Todos foram verificar. Efetivamente, ali estava, no lugar indicado pela mesa, um botão, ainda fresco, de girassol. Perguntado o Espírito como efetuara aquele transporte, respondeu que havia retirado os fluidos do conjunto dos assistentes, se bem que, entre estes, houvesse um que possuía, latentes, as faculdades para esses fenômenos. Com esse fenômeno, é o segundo que já se obteve, sendo que da primeira vez foi transportado para o gabinete um parafuso pequeno e novo. Todas as portas e janelas estavam fechadas. O gabinete é forrado de taboas sem frinças ou aberturas. Restabelecida a corrente, comunicou-se o Espírito de José Fernandes, que fez a mesa girar sobre si mesma, caminhar levitar e operar outros fenômenos, bem como o de acompanhar os compassos das músicas diversas que várias estações de rádio estavam transmitindo. Os irmãos Osvaldo Melo e Jaime Cardoso fizeram ao

Espíritos perguntas mentais, tendo obtido respostas perfeitas, claras e inteligentes. Em seguida, foi a sessão suspensa na forma do costume. (Seguem as assinaturas).

Um dos argumentos de que se poderão armar os nossos detratores, no intuito de destruir as provas que aí ficam, é de que o autor deste livro estava presente às sessões e que, sendo espírita, é suspeito. Tal argumento, porém, não procede: primeiro, porque, presente que fomos às sessões, ainda as presidimos, fazendo tudo que era possível fazer, a fim de que não houvesse motivos para dúvidas ou suspeitas. Além disso, nossa presença tem a força de um testemunho, que julgo sério, dada a nossa conduta de homem e chefe de família, sobrecarregado de várias responsabilidades decorrentes de nossas funções públicas e de cultor das letras. Não é autobiografia. São palavras e explicações necessárias para aparar golpes, que por certo serão desferidos. Não me iludo quanta à temerária empresa a que me arrisquei publicando este livro. Serei criticado e não é demais que me encourace, desde já.

Os dois objetos transportados em sessões diferentes, um parafuso pequeno e novo e o botão de girassol, estão em nosso poder, conservados devidamente e à disposição de quem os queira ver.

Começamos citando fatos e provas, mencionando sessões a que presidimos e citando nomes por extenso das pessoas que as assistiram, porque elas estão exercendo as suas atividades sociais e prontas a prestar informações sobre o que aqui se assevera. Várias, inúmeras, grandes e abundantes provas poderíamos dar ainda. Há anos passados, quando ingressamos no Espiritismo, organizamos um grupo para experiências de que faziam parte, entre outras pessoas respeitáveis, algumas que são hoje considerados homens de letras, jornalistas, altos funcionários públicos e até, entre eles, um que tem assento na Assembleia Constituinte, como representante do povo. Todos eles foram testemunhas de inúmeros fenômenos. Desde então, há treze anos, continuamos incessantemente a estudar a Doutrina e a exercer a nossa mediunidade. Não pretendemos, porém, escrever um livro no qual o nosso nome apareça como única autoridade e, por isso, abandonando a farta e incalculável messe de fatos que colhemos, no decorrer de todos esses anos de estudo, citaremos outros, que se não deram em nossa presença, mas que trazem o selo da dignidade dos que a eles assistiram e deles deram contas ao público. Deixando, assim,

os fenômenos do campo da mediunidade tiptológica através dos trabalhos da mesa, vamos buscar exemplos em outras faculdades do variadíssimo campo mediúnico.

Várias teses têm surgido para oferecer combate pertinaz à intervenção direta dos Espíritos nos fenômenos da tiptologia. Querem uns que a “força ódica” que é a exteriorização da força dos indivíduos julgados médiuns, seja capaz de produzir os fenômenos ditos tiptológicos. Essa força tomada assim no sentido de um poder eletromagnético poderia fazer uma pequena mesa mover-se; mas, do simples movimento às respostas inteligentes, prontas, perfeitas, coordenadas, vai imensurável distância. Querem outros sejam os fenômenos produzidos pela telepatia. Este argumento cai logo, por insustentável, quando, pelos sinais tiptológicos, a mesa responde com uma negação ao pensamento dos assistentes.

Às vezes, os sinais parecem indicar um nome qualquer e, para evitar delongas, o diretor dos trabalhos termina a palavra começada. A mesa para e dá duas pancadas, contrariando o pensamento comum, para terminar com uma palavra que não ocorrera a nenhum dos presentes. Onde está a transmissão de um pensamento que não houve e que, por conseguinte, não se formou na mente de ninguém, nem se exteriorizou?

Entretanto, resta ainda uma forte objeção. Se não foi a força ódica, se não foi a telepatia ou a transmissão do pensamento, se não foi tampouco o subconsciente que agiu sem ser chamado, fazendo das suas, então, foi... o “diabo”.

Ora, a não ser espíritos muito acanhados, ninguém pode avocar semelhante teoria como argumento sério. Admitindo mesmo esta hipótese, ela não passaria de um absurdo, pois estaria o diabo fazendo “uma triste figura”, desmerecendo seu valor e falhando a sua finalidade, se viesse aconselhar aos homens a prática do bem, ajudando a chamar as ovelhas desviadas para o redil do Bom Pastor.

Aqui apresentamos o que escreveu o erudito publicista português, Dr. Martins Velho, autor de *Espiritismo Contemporâneo*, atribuindo aos Espíritos as comunicações que, por várias formas mediúnicas, servem para controvérsias:

Sabe-se em física que os gases e fluidos mais rarefeitos que os imponderáveis, como sejam o calórico, a eletricidade ou o éter, na hipótese de um só fluido, são tão mais poderosos quanto mais rarefeita é

a sua substância. Não é, por ventura, a luz imponderável que exerce uma poderosa ação química sobre a matéria ponderável? Não é ela que, na chapa fotográfica, decompõe os sais de prata e produz a imagem? Não é sob a sua ação enérgica que se elabora nos tecidos da planta a clorofila, que dá às suas folhas a bela cor verde que ostentam? Se, pois, luz, calórico, eletricidade, atuam sobre a matéria inconsciente e fatalmente, que maravilha é que o Espírito, força inteligente, voluntariosa, exerça sobre a matéria uma ação mais enérgica e mais consciente!

Aí ficam as perguntas desafiando respostas que não virão e que, se vierem, serão como outras tantas já conhecidas, sem força de convicção e desprovidas, vazias de senso e lógica. Para rebater e pulverizar quantas teorias possam aparecer acerca do assunto, aqui está a ala gloriosa formada de grandes homens, como sejam, entre muitos outros: Roberto Hoare, Russel Wallace, William Crookes, Arcebispo Waterley, Vitor Hugo, Sardou, Gautier, De Rochas, Dr. Richet, Camille Flammarion, Léon Denis, Pallazzi, Fitchener, Zoellner, o célebre antropologista Cesar Lombroso, os russos Bluteroff e Aksakoff e sobre todos, no assunto ainda, o grande Allan Kardec, pseudônimo de Léon Hyppolite Denizard Rivail, e mais, em nossos dias, Bradley, Ernesto Bozzano, Saião, Manuel Quintão, Guillon Ribeiro, Carlos Imbassáí, Leopoldo Cirne, Cairbar Chutei, e tantos outros conhecidos polemistas e escritores espíritas, em nosso país e em todo o mundo.

Não nos demoremos, entretanto, em tamanhas divagações. Prossigamos. Estamos no coração, bem no âmago da questão que nos propomos defender e tratar de forma acessível a todos os entendimentos. Façamos conhecidos os fatos e discutamo-los depois, sem o calor da polêmica e sem colimar outro fim, senão o de demonstrar com documentos incontestáveis a veracidade dos fatos, pois que eles falarão bem alto, convencerão como testemunhos que não admitem contestações.

Os fatos são a matemática, a positivação do Espiritismo. Façamo-los conhecidos, para que sejam estudados de acordo com a ciência, a lógica, a razão natural das coisas e a luz da verdadeira filosofia.

\* \* \*

Como já foi dito, cada médium tem uma aptidão nitidamente caracterizada para cada uma das faculdades conhecidas e ditas, com justa razão, mediúnicas, embora a falsa ciência entenda chamar supranormais a semelhantes faculdades. Entre as várias modalidades mediúnicas que se prestam ao copioso e abundante registro de fatos positivos e reais, contam-se, como principais a de efeitos físicos, as dos médiuns sensitivos ou impressivos, a dos falantes, a dos auditivos, a dos videntes, a dos sonâmbulos, a dos curadores, a dos de escrita direta, a dos mecânicos e semimecânicos, a dos inspirados, a dos aptos a apanharem as fotografias dos Espíritos, a dos de materialização, a dos escreventes ou psicógrafos etc.

Note-se, ainda, que a mediunidade é de tal forma produtiva e tão rica, que dois médiuns próprios aos mesmos efeitos, isto é, com a mesma mediunidade, ou, melhor, possuindo as mesmas faculdades para a produção de determinados fenômenos, ainda diferem entre si. Em tudo isso, porém, não há mistério algum. Há uma lei sábia e imutável, lei de afinidade, de assimilação de fluidos, de modo acorde com a organização física do aparelho receptor (médium), que em uns se acentuam mais, em outros menos, obedecendo também a contingências outras, provocadas por certos ambientes etc.

Os médiuns falantes são conhecidos com o nome de “médiuns de incorporação”. Verdade é que os Espíritos não incorporam no médium, como imagina muita gente, e até alguns autores que temos lido. O Espírito transmite seus pensamentos, seus desejos, sua característica até, mas, sem tomar inteiramente o corpo do médium, o que seria absurdo, atendendo-se a que dois Espíritos não podem ficar em um só corpo, já que nós mesmos, que somos Espíritos, não estamos dentro dos nossos corpos como um líquido dentro de uma garrafa. Este assunto, entretanto, foge ao nosso objetivo e caberá melhor em outra oportunidade. Julgamos que o termo “falantes” é mais apropriado aos médiuns que transmitem verbalmente o pensamento dos Espíritos. Incorporação não traduz de modo fiel a verdade.

Atualmente, apareceram os médiuns de “vozes diretas”. Estes são, efetivamente, médiuns poderosos e, entre eles, está Valiantine, por meio de cujas prodigiosas faculdades, verdadeiros cétricos têm podido palpar a Verdade.

Os fatos colhidos através da mediunidade escrevente, ou, seja, psicográfica são, pode-se afirmar sem exagero, inumeráveis. Por via mediúnica desses aparelhos, estupendas mensagens têm provindo do mundo

dos Espíritos. Avisos importantíssimos, conselhos admiráveis, ensinamentos proveitosos e instrutivos à farta, inúmeros, incontáveis, temos visto, ou deles tido conhecimento. Fôssemos trasladar para estas páginas as provas convincentes que se têm obtido de tal forma e este volume se tornaria pequeno demais para contê-los. Tenho recebido mensagens de pessoas chamadas “mortas”, dirigidas a parentes seus e que constituem magníficas provas de identidade. Às vezes, colhido de surpresa no gabinete mediúnico, não conheço nem o consulente e muito menos o seu parente ou amigo desencarnado, que, sem invocação de espécie alguma, se comunica, dando provas reais da sua existência. Mas, já disse não ser meu propósito citar somente fatos em que tomei parte como médium, preferindo provas obtidas por outros, mas que mereceram estudo e não foram contestadas até agora.

## PROVAS COLHIDAS PELA MEDIUNIDADE ESCREVENTE

Há uma obra admirável que se intitula “*Ensinos Espiritualistas*”, da autoria do escritor inglês William Stainton Moses, ilustre pastor protestante convertido ao Espiritismo. Nessa obra, o autor, que era o próprio médium, conta, na introdução, como se tornou médium escrevente, aliás, mecânico, dando a conhecer a luta que teve de travar consigo mesmo para contrariar a faculdade que lhe brotou espontaneamente. É interessante conhecer as polémicas que travou com o Espírito que lhe transmitia excelentes mensagens. Pastor da igreja protestante, foi-lhe um suplício a sua mediunidade. Só depois que se decidiu a estudar o fundo espiritual e moral que as mensagens traziam, foi que se entregou ao exercício da mediunidade. As mensagens que recebeu, e às quais contrapunha a sua contestação, sendo sempre vencido pela argumentação sábia da inteligência que se comunicava, constituem a matéria dessa obra admirável, a que nos estamos referindo, na tradução de Oscar D’Argonel, nome sobejamente conhecido nos círculos espíritas do país. Cada mensagem recebida por Stainton Moses é um documento valiosíssimo.

Vamos transcrever uma, de *Imperator*, nome escolhido pelo Espírito Guia do autor a que me refiro. Nela observaremos o que bem caracteriza uma intervenção espiritual.

Conta o citado autor, entre outros casos, este que diz bem como a intervenção de um Espírito era fato que se não podia negar. Stainton Moses propunha importantes questões ao Espírito que o instruíra, procurando refutar-lhe os argumentos com ideias religiosas recebidas na escola protestante de que era, como se sabe, um dos mais abalizados pastores. Havendo recebido magnífica mensagem sobre a prece, mas que, em determinados pontos, feria de frente a teologia protestante, diz textualmente Stainton Moses:

Não repliquei, mas preparava-me para responder, quando fui imperiosamente impedido. A mão agitou-se com rapidez incrível e a comunicação seguinte foi escrita sem pausa, num espaço de tempo curtíssimo. Eis o que me disse o Espírito, servindo-se da minha própria mão, para me responder a mim mesmo:

Pára! Pára! Pára! Não tentes indagar, mas aprende ainda. Estás impaciente e disposto a dizer coisas estultas. Que importa que o que te dizemos contradiga aquilo em que outros acreditaram? Por que recuar sobre este ponto? Dar-se-á que toda a fé firmemente abraçada não contradiga nenhuma outra fé? Dar-se-á que cada fé não contenha em si elementos de contradição? Se não sabes nem isso, estás fora do estado de prosseguir adiante. Essas velhas crenças, veneráveis pela sua antiguidade, confortaram homens, ainda que eles ficassem grosseiros ao desenvolverem-se; mas, julgavam-nas de acordo com as suas necessidades. Sobrevinha para eles uma consolação, que hoje vos não concedem. Por quê? Porque o vosso espírito ultrapassa aquelas antigas fórmulas, já sem sentido para vós outros. Elas são impotentes para estimular vossa alma e não possuem capacidade para vos proporcionar um alívio. Por que, então, inquietar-vos com isso? Por que demorar e tentar, em vão, buscar a verdadeira significação daquilo que não podeis obter? Por que se tornar surdo à voz viva que do alto vos chama a alma em tom vibrante? Por que recusar ouvir, quando tal voz fala da verdade, do Espírito, de tudo quanto é nobre, real, oportuno? Por que, em virtude de uma quimérica veneração a um passado extinto, vos separar do que é vivo, da comunhão dos Espíritos que vos podem anunciar grandes verdades sobre DEUS e o vosso destino? Que vos importa que nossa revelação esteja em completo antagonismo com a antiga? Seus calorosos acentos vos falam ao Espírito, bem sabeis disso; ouvi-nos avidamente e achareis a sua influência abençoada.

Seria insensato entregar-vos aos espíritos malfazejos, que se comprazem em humilhar-vos, impedindo-vos que vos separeis de um corpo decomposto. Os anais religiosos narram como no sepulcro de Jesus seus amigos aflitos receberam do Anjo uma comunicação pela qual aspiravam. “Por que procurais o vivo entre os mortos? Ele não está aqui. Ressuscitou!” Assim, amigo, também te dizemos: Por que retardar-te com insensata tristeza no sepulcro da Verdade desaparecida? Ela não está mais lá, ressuscitou, deixando o corpo dos ensinamentos dogmáticos, e nós vos proclamamos uma verdade sublime, uma fé mais apurada, um credo mais nobre, um DEUS mais divino.

A voz que inspirou os instrutores das gerações passadas ressoou

até vós. Outra se eleva agora. Deus procede sempre assim com os homens. Chama-os a uma verdade sempre superior à antiga; eles aceitam ou rejeitam a comunicação da Luz. Renunciar à fé familiar, respeitada, comove a alma, que se volta, entretanto, para outro lado; parece-lhe uma espécie de morte. Sim, mas a uma morte na vida, a volta à saúde e à esperança. Assim como o Espírito emancipado do invólucro carnal

paira em liberdade, a alma liberta dos antigos óbices também livremente adeja.

“Só a verdade vos fará livres” disse Jesus. Não o sabeis ainda, mas, sabê-lo-eis mais tarde. Repetimos o nosso grito. Por que voltar a face para o passado morto quando o presente vivo e o futuro glorioso são ricos de promessas e bênçãos? As antigas palavras não têm sentido. Deixai-as para aqueles que sentem nelas a voz que tem significação. Segui com passo firme aqueles que vos mostram alturas grandiosas. Deixai o passado destruído e viajai sem temores, através de um novo presente, para atingirdes um futuro desconhecido. Porém, amigo, não é assim. O passado vos envolve com seus encantos e não quereis partilhar de que o novo deve aniquilar o velho. Jesus o disse. Aconselhou Ele a abolição do ensino mosaico? Já te dissemos. Nosso ensino não é mais surpreendente comparado ao Seu do que o Seu comparado ao de Moisés. Esse que te apresentamos é, antes, o complemento, que uma contradição do antigo é, em suma, o desenvolvimento de um saber mais extenso. Se meditardes profundamente sobre o estado do mundo na época em que Jesus veio nele proclamar a sua fé reformada, verás que não é mais extraordinário ler o nosso Evangelho ao lado do que se passa entre os homens, por conter a religião, do que era sobrepor o Evangelho de Jesus ao ritual do farisaísmo, ou à cética indiferença dos saduceus. O mundo tinha então, como hoje tem, necessidade de uma nova revelação, e aqueles que se mantinham na antiga, não foram menos surpreendidos nem menos hostis, ouvindo-a proclamar, do que os teus contemporâneos quando refratários ao que pensam ser novo.

Naqueles dias, como nestes, não ficava das revelações adaptadas às necessidades especiais de um povo, também especial, mais que uma soma de ritual inerte. A voz de DEUS não era mais ouvida

desde longos anos. O homem começava a procurar, como agora, um ar mais puro; aguardava uma palavra nova. Essa veio, divinamente expressa por Jesus. Veio, na opinião dos homens, pelo veículo mais inesperado e menos capaz de impor o respeito aos sábios fariseus ou aos desdenhosos saduceus; entretanto, ela prevaleceu e há 1800 anos anima a vida religiosa do Cristianismo.

Apesar das grandes mutilações, a obra do Crucificado subsiste, bastando um sopro vivificante para reanimá-la; os velhos andrajos com que o homem a envolveu podem ser prontamente postos de lado, e a verdade dela surgirá com muito mais brilho.

A fonte de nossa revelação não é mais singular do que o foi a do poder exercido por Jesus, o carpinteiro desprezado de Nazaré, aos olhos dos seus concidadãos. Os homens o rodeavam com escárnio, como o fazem a tudo que é novo. Estavam sempre dispostos a admirar as suas maravilhas; seguiam-no em multidão para assistir aos milagres físicos que produzia, mas não eram bastante espiritualizados para compreender os seus ensinamentos. Igualmente estão eles prontos em vossos dias a bradar contra os nossos trabalhos. Como outrora, reclamam sem cessar, outras e mais outras provas.

“Desce da cruz e acreditaremos em Ti”. Do mesmo modo hoje sucede, havendo mais provas, entretanto, do que é necessário para assegurar a todos uma convicção firme. Chamaram-no impostor, vaiaram-no, expulsaram-no da sua sociedade: esforçaram-se por meio de leis e diversas outras influências, para que fosse eliminada a nova doutrina. Ela era de moldes novos, mas a verdade que consubstanciava era velha e antiga, como o Deus que a dava. A nossa parece nova, mas os homens a reconhecerão, mais tarde, como a mesma antiga verdade renovada, sempre e sempre eterna. Ambas são o desenvolvimento progressivo da mesma corrente contínua de verdade, apropriada às necessidades e aos apelos aos quais foi concedida. Medita sobre a disposição mental de Nicodemos e compara-a com a de muitos dentre vós. Pergunta-se agora, como então, se alguma pessoa instruída, bem colocada, respeitável, alguns dos fariseus ou dos magistrados admite a nova prédica. Fica certo de que o poder que conseguiu reanimar a fé morta dos judeus e revelar DEUS mais claramente é ainda capaz de instilar a vida no corpo

quase inanimado da fé cristã.  
Possa o Sapiientíssimo Guia proteger-te e guiar-te.

Imperator.

Dispensso-me de comentários. Ficam por tua conta, leitor amigo.

Não esqueças, porém, que Stainton Moses não era um anormal, nem um tolo e tão tolo que se deixasse enganar por si mesmo, porque não foi outro, senão ele próprio, o instrumento pelo qual o Espírito ditou esta mensagem...

Além de pastor da igreja protestante, foi professor da língua inglesa na University College School. Que outros o enganassem, mas que ele mesmo, e pelas suas próprias mãos, se enganasse!!! Ingênuos serão os que possam supor semelhante absurdo. A obra a que nos referimos é prova de que seu autor só cedeu e acreditou, quando as provas o levaram a isso.

E eu a dizer que deixaria os comentários ao leitor... Voltemos às provas, pois, sabemo-las possuidoras da força de argumentos convincentes. Ainda sobre a mediunidade escrevente:

Francisco Cândido Xavier é um médium desse gênero, pelo qual os Espíritos têm dado abundantes provas de sua existência e de que, em verdade, vivem, pensam e guardam, no Espaço, até mesmo o seu estilo literário. As últimas comunicações publicadas pela imprensa do Rio de Janeiro, notadamente em *O Globo*, têm chamado a atenção dos mais céticos.

Humberto de Campos, recentemente desencarnado, aproveitando-se das faculdades mediúnicas de Xavier, valeu-se desse aparelho para trazer aos seus colegas e a toda a gente a afirmação de que vive e mantém na outra vida as suas características de inteligência, em toda a integridade.

Mas, perguntarão: Quem é Francisco Cândido Xavier, o médium de quem falas? Diz-nos o ilustre confrade Sr. M. Quintão, prefaciando *Parnasso de Além Túmulo*, obra recebida pelo médium em foco:

Será um rapaz culto, um bacharel formado, um acadêmico, um rotulado desses que por aí vão felicitando a Família, a Pátria e a Humanidade? Nada disso. O médium polígrafo Xavier é um rapaz de 21 anos (o confrade Sr. Quintão isto escrevia no ano de 1932), um quase

adolescente, nascido ali assim em Pedro Leopoldo, pequenino rincão do Estado de Minas. Filho de pais pobres, não pôde ir além do curso primário dessa pedagogia incipiente e rotineira, que faz do mestre-escola, em tese, um cabo eleitoral e não vai, também, em tese, muito além das quatro operações e da leitura corrida, com borrifos de catecismo católico, de contrapeso.

Bastam estas linhas para que não se afirme que Francisco Xavier tem conhecimentos literários suficientes para imitar perfeitamente o estilo de Humberto de Campos. E não só de Humberto de Campos, senão, ainda, de vários outros escritores, prosadores e poetas da língua portuguesa, muitos deles desconhecidos para o médium, que jamais lhes lera uma linha...

*Parnaso de Além Túmulo*, editado pela Federação Espírita Brasileira, é um livro de poesias mediúnicas psicografadas pelo médium de que estamos falando. Guerra Junqueiro, Augusto dos Anjos, Castro Alves, Casimiro de Abreu, Auta de Souza, Souza Caldas, Júlio Diniz, João de Deus, Pedro de Alcântara, Bitencourt Sampaio, Antero do Quental, Casimiro Cunha, Cruz e Sousa e outros poetas que se assinaram. Por um desconhecido, ali revivem naquelas páginas.

Quem poderá negar que fosse mesmo Cruz e Souza, o torturado poeta negro catarinense, desencarnado em 1898, quem ditasse estes versos?

Todo esse anseio que tortura o peito  
Estrangulando a voz exausta e rouca,  
Que em cada canto etruge e em cada boca  
Faz o soluço do ideal desfeito;

Ansiedade fatal de que se touca  
A alma do homem mau e do perfeito,  
Sobe da terra pelo espaço eleito  
Numa imensa espiral, estranha, louca,

Formando a rede eterna e incompreendida  
Das ilusões, dos risos, das quimeras,  
Das dores e da lágrima incontida;

Essa ansiedade é a mão de DEUS, nas eras,

Sustentando o fulgor da luz da Vida,  
No turbilhão de todas as esferas!...

Ainda este outro soneto, para melhor apreciarmos o Espírito de Cruz e Souza, a quem chamei de torturado:

### AOS TORTURADOS

Torturados da vida, um passo adiante,  
No deserto dos áridos caminhos,  
Abandonados, trêmulos, sozinhos,  
Infelizes na dor a cada instante.

Sobre a luz que vos guia, bruxuleante,  
E além dos trilhos de ásperos espinhos,  
Fulgem no Além os deslumbrantes ninhos,  
Mundos de amor no claro azul distante...

Chorai! Que a imensidade inteira chora,  
Sonhando a mesma luz e a mesma aurora,  
Que idealizais, chorando nas algemas.

Vibrai no mesmo anseio em que palpita,  
A alma universal sonhando, aflita,  
As perfeições eternas e supremas!

Quem leu Cruz e Souza e sentiu as suas torturas, desde os versos esbraseantes à faiscante prosa, não pode negar que foi mesmo o Espírito de Cruz e Souza que, do Espaço, ditou ao médium Chico Xavier os sonetos que aí ficam. Podem negar apenas os negadores sistemáticos.

Nós afirmamos por esses versos a sobrevivência e a comunicação do Espírito de Cruz e Souza. Nem outra coisa intentamos de acordo com o título desta despreziosa obra de divulgação espírita.

Fato digno de nota é este que passo a relatar:

Estava eu, autor do presente livro, escrevendo estas linhas: “Nós afirmamos por esses versos a sobrevivência e comunicação do Espírito

de Cruz e Souza”, quando tive necessidade de ir à minha secretária, tomar uns apontamentos. Puxei de um maço de notas e um retrato veio junto, caindo sobre o móvel. Sabem os leitores, que foi? Simplesmente isto: o retrato de Cruz e Souza. Tinha-o guardado, ignorando, porém, se achasse ali.

Ora, isso é coincidência, dirão “os sábios”. E eu a retrucar-lhes: Interessante é que a coincidência, como o acaso, só chegam em tais momentos oportunos...

O insignificante fato não teve testemunha. Eu estava sozinho em meu gabinete de trabalho. Eu e a minha consciência... Graças a Deus!

## MEDIUNIDADE CURADORA

Dentre os casos de cura por via da faculdade mediúnica, jamais tivemos notícia de algum que superasse o que consta deste relato. Como documento, como prova, até hoje sem a mínima contestação, parece-nos não haver idêntico. Não se aponta somente a cura. Citam-se nomes conhecidos, testemunhos que não admitem refutação e que, efetivamente, não foram refutados, embora não somente a pessoa radicalmente curada, como as demais mencionadas sejam muito conhecidos em todo o Estado e todas nele residentes, exceção do Dr. Amadeu Luz, ex-juiz de direito da comarca de Blumenau, falecido no ano de 1934, muito tempo depois do célebre caso que revolucionou a imprensa e o povo. O ex-mudo vive ainda e está em perfeita saúde. Depois de curado, tornou-se pai, como para completar a sua alegria e do seu lar, até então constituído desde muitos anos, dele e da esposa.

O médium que serviu de instrumento para essa importantíssima cura é, como se sabe, um veículo de poderosas faculdades, pois, por seu intermédio, inúmeras outras curas se têm obtido. Operações melindrosíssimas têm sido feitas por seu intermédio. O Centro onde ele trabalha vive constantemente cheio de doentes de todas as cidades do país. A correspondência desse médium é volumosíssima, chegando-lhe cartas portadoras de consultas, até mesmo da Europa. As operações, realizadas todas fluidicamente, sem intervenção de aparelhos materiais, têm assombrado a muitos. Centenas de herniosos estão completamente são e doentes desenganados por muitos médicos têm sarado por via das faculdades mediúnicas desse médium. Não fora ele meu irmão carnal, e mais à vontade falaria de seus poderes mediúnicos, citando casos extraordinários, entre os quais se conta a cura de uma criança que nasceu com a cianose (moléstia azul). Foi operada pelas faculdades mediúnicas em foco, quando tinha meses, sendo operador o Espírito de um médico que fora na Terra um facultativo japonês.

A criança a que aludo é meu filho e está perfeitamente são, sem o menor vestígio da moléstia. É o mais forte dentre os meus seis filhos, todos vivos e sadios. Já foi acometido de várias enfermidades e até de um rebelde paratifo, e nenhum indício da terrível moléstia se manifestou. Esse caso está relatado em um dos números de *O Reformador*, órgão da *Federação*

### *Espírita Brasileira.*

Provas igualmente inúmeras e conhecidíssimas foram obtidas pelo grande médium curador Araújo Figueiredo, desencarnado. Santa Catarina, neste particular, conta, no Brasil e, não sei se será exagero acrescentar, fora do Brasil, a maior soma de fatos conhecidos até hoje produzidos pelas faculdades mediúnicas ditas curadoras.

Araújo Figueiredo, que também foi grande poeta, membro da Academia Catarinense de Letras, deixou em todo o Estado e fora dele, até no estrangeiro, um nome conhecido. É com especial carinho que relembro esse homem humilde, de nobre caráter, a cujo Espírito tanto devemos. Ocupando naquela época o cargo de Diretor da Secretaria da Assembléia Legislativa do Estado, cargo que hoje ocupo (outra coincidência?), mereceu do deputado Tiago de Castro um elogio póstumo das suas virtudes de coração e alma, que valeu registo especial nos Anais do Congresso. O discurso do referido deputado, então publicado, é uma defesa integral e brilhantíssima da Doutrina Espírita. De Araújo Figueiredo contam-se casos de curas verdadeiramente surpreendentes. A sua mediunidade era, como diziam, assombrosa. Ainda hoje, muitas pessoas existem, que devem a saúde e a cura de várias enfermidades à sua poderosa faculdade.

Tratemos, porém, do caso mais recente, a cura de um mudo. Vamos, conforme prometemos, transcrever, palavra por palavra, a excelente reportagem feita pelo jornal *O Estado*, que se publica nesta cidade de Florianópolis e que, com o maior critério possível, desapassionadamente, noticiou em primeira mão o grande acontecimento. Esse caso pode ser ainda averiguando, porque, como já se afirmou, o ex-mudo está vivo e bem vivo, e no gozo da mais perfeita saúde.

Agora, sem mais preâmbulos, ao fato, para em seguida transcrevermos o que disse o aludido jornal:

Há cerca de dezoito anos, o Sr. Francisco da Cunha Silveira Filho, então empregado das Casas Pernambucanas, em Blumenau, saindo à rua para comprar um jornal, foi, ao voltar àquele estabelecimento, tomado de uma moléstia súbita que lhe fez perder a consciência durante dois dias, tendo sido infatigável o esforço dos médicos chamados para salvá-lo. Ao tornar a si, porém, o Sr. Francisco da Cunha Silveira Filho havia perdido a voz, achando-se completamente mudo!

Desde então, foi tratado da mudez por diversos médicos de Blumenau e ultimamente pelo Dr. Pape, sem que conseguisse sequer uma pequena

melhora, até que os referidos facultativos o desiludiram de recuperar a voz. Tendo, porém, conhecimento das grandes curas que já se hão verificado pelo Espiritismo, o Sr. Silveira Filho resolveu tratar-se mediunicamente e para este fim veio a esta cidade, aqui chegando a meados de janeiro findo, acompanhado de sua esposa Dona Luiza Silveira. Em aqui chegando, dirigiu-se à *Associação Espírita Fé e Caridade*, onde pretendia entrar em tratamento com o nosso irmão Antonio Mello, cuja excelente mediunidade é já sobejamente conhecida, não só neste, como em outros Estados, principalmente no Paraná, onde já prestou relevantes serviços como médium operador.

Achando-se, entretanto, Antonio Mello a residir atualmente em Passa-Vinte, na Palhoça, onde dirige o *Centro Espírita Humildade e Fé*, foi o Sr. Silveira mandado para aquela localidade, iniciando-se sem demora o seu tratamento, por aquele médium. Logo após a primeira sessão de tratamento, o Sr. Silveira Filho, como ele próprio declarou, pôde falar, ainda que em voz baixa e com alguma dificuldade; porém, da segunda sessão em diante, já o fez com clareza e desembaraço verdadeiramente surpreendentes, ficando assim radicalmente curado em poucos dias. A notícia dessa cura chegou célere a esta cidade e aqui começou a correr com tamanha insistência, que o jornal *O Estado*, órgão independente e desligado de qualquer credo religioso, mandou um dos seus redatores àquela localidade, a fim de apurar o que de verdade havia e fazer uma reportagem minuciosa do fato. Transcrevemos, agora, o que diz o aludido jornal:

## O ESPIRITISMO CURA UM MUDO COMO O SR. FRANCISCO DA CUNHA SILVEIRA FILHO FICOU MUDO E COMO FICOU CURADO.

*As declarações do ex-mudo numa entrevista concedida a “O Estado”  
Valiosos e insuspeitos testemunhos.*

Correndo nesta Capital a notícia de que no *Centro Espírita Humildade e Fé*, de Passa-Vinte, na Palhoça, sob a direção do “médium” Antonio Mello, se havia curado um mudo que havia dezesseis anos não falava, e como fôssemos por diversas vezes interpelados por pessoas que nos pediam informações, nos dirigimos àquela cidade e ali fomos ao Hotel do Sr. João Schoffer. Recebidos por seu proprietário, perguntamos se não estava ali hospedado um cavalheiro que viera de Blumenau e que se havia curado da

mudez que sofria, desde há muito tempo.

### As declarações do ex-mudo

Atendidos, fomos levado à presença do senhor Francisco da Cunha Silveira Filho, que nos disse o seguinte: É verdade que aqui cheguei há 18 dias, mais ou menos, completamente mudo e como V. S. vê, estou perfeitamente curado, graças a Deus, e quero narrar-lhe como fiquei mudo e como me curei. Antes de tudo, digo-lhe que sou filho do coronel Francisco da Cunha Silveira, já falecido e que em Blumenau exerceu diversos cargos públicos. Fiquei mudo no dia 3 de novembro de 1916, às 15 horas da tarde. Era eu caixeiro das Casas Pernambucanas, na cidade de Blumenau, que tinham como gerentes os senhores Francisco Mass e Frederico Rabe. Naquele dia, estava ali palestrando o Sr. Ricardo Schoffer, o qual me solicitou comprasse um jornal, que, no momento, era vendido na rua, por um garoto. Fui e quando trouxe o jornal que entreguei ao Sr. Ricardo Schoffer, fui tomado duma moléstia súbita, que me fez perder a consciência durante dois dias. Vim a saber, depois, que foram chamados médicos, os quais me trataram com o maior empenho de salvar-me. Mas, ao voltar a mim, estava completamente mudo.

Dessa mudez, fui tratado convenientemente por diversos médicos, em Blumenau e, ultimamente, pelo Dr. Pape, sem resultados verificáveis, antes, até, desanimado por esses facultativos. Em 1920, sorteado para o serviço militar, fui declarado incapaz, por ser mudo. Em 1926, fui exonerado do cargo de contador do Juízo, em Blumenau, por não poder ter entendimentos com as partes, visto ser mudo, e que me haviam tolerado, até então, por influência de amigos. Há cerca de um mês, mais ou menos, vim a saber da estada do “médium” Sr. Antonio Mello em Blumenau. Valendo-me da generosa interferência do Dr. Amadeu Luz, Juiz de Direito, e do Sr. Alfredo Campos, serventário da justiça, pedi-lhes que solicitassem ao Sr. Antonio Mello o seu serviço espírita, a meu favor.

O “médium” Sr. Mello respondeu àqueles senhores que, achando-se apenas de passagem por ali, não poderia tomar a si o meu tratamento, a menos que eu quisesse vir a Florianópolis ou a Palhoça.

Resolvi-me, finalmente, atendendo aos rogos de minha esposa e vim para Florianópolis há dias, procurando na sede da *Associação Espírita Fé e Caridade*, daquela capital, o Sr. Antonio Mello. Dali, porém, fui trazido

para cá, a fim de submeter-me a tratamento no *Centro Espírita Humildade e Fé*, em Passa-Vinte. Desde a primeira sessão do tratamento, tive a legítima alegria de falar, ainda que com alguma dificuldade de dicção e em voz baixa. Da segunda sessão em diante, porém, comecei a falar com clareza e desembaraço com que V. S. me ouve...

“Fale Alto”

A isso, intervém a esposa do ex-mudo, D. Luiza Silveira que lhe solicita fale mais alto, para que ouvíssemos que tinha a voz perfeita. O Sr. Francisco da Cunha Filho, radiante, retrucou, sorrindo:

Não é necessário. Em todo caso...

E se pôs a falar em voz mais forte, clara, quase em tom de declamação. A nossa palestra foi assistida pelo Sr. João Alfredo Loureiro e sua esposa, residentes em Curitiba, e que se acham também em tratamento.

#### *A esposa do ex-mudo confirma a cura*

D. Luiza Silveira, a esposa do ex-mudo, está contentíssima. Não cessa de dar graças a Deus e de elogiar a ação benéfica do Espiritismo. Não é para menos, como nos disse. Casada com o Sr. Francisco da Cunha Silveira Filho, há dez anos, nunca lhe ouvira a voz. O enlace se dera no dia 23 de junho de 1923, sendo já mudo o noivo.

#### *Os testemunhos invocados*

Perguntado por nós se entre pessoas conhecidas suas e nossas havia alguém que o tivesse visto mudo, o Sr. Francisco Silveira Filho respondeu que sim, e nomeou:

Os senhores Desembargador Pedro Silva, Felício dos Santos, Cid Gonzaga, Tomé Braga, Dr. Joaquim Breves Filho, Tabeliães Roberto Baier e Oto Abri, Prefeito Antônio Cândido de Figueiredo, Julio Klein, Curt Hering, Jaci Campos, Alfredo Campos, José Fereira da Silva, Dr. Edgar Autran Dourado, Frederico Killiam e Victorino Braga, serventuário da Justiça.

#### *O ex-mudo “canta” a víspora*

Regozijando-se pela completa cura da mudez do Sr. Francisco Silveira Filho, as famílias hospedadas no Hotel Schoefler, jogando à noite, familiarmente, a víspera, lhe dão a incumbência de “cantar” os dados. E dessa incumbência o ex-mudo se sai galhardamente, como nos afirmaram várias pessoas, no hotel.

*Em testemunho insuspeito*

Um amigo nosso, sabedor do que se propalava com referência à cura do mudo Francisco Silveira telegrafou para Blumenau, ao Sr. Dr. Amadeu Luz, íntegro Juiz de Direito, perguntando-lhe se conhecia naquela cidade, como mudo, aquele senhor agora completamente curado. A resposta, a nós mostrada, foi a seguinte:

*“Florianópolis. Blumenau, S. C., n.º 46 Francisco Cunha Silveira Filho é residente aqui e mudo há cerca de quatorze anos. Saudações. Amadeu Luz.”*

Fomos hoje pela manhã visitados pelo ex-mudo, que conosco palestrou desembaraçadamente, narrando-nos episódios da sua moléstia. Aludindo ao seu casamento, acrescentou o seguinte:

*“Tenho até nesse particular um testemunho da minha mudez: é o atual Bispo de Lages, D. Daniel Hostim que, àquele tempo, era vigário de Blumenau e foi quem celebrou, na igreja local, o meu casamento.”*

Posteriormente, em data de sete do corrente, O *Estado* publicou as seguintes notas:

O Sr. Francisco da Cunha Filho, de Blumenau, que se curou da mudez de que há 16 anos sofria, depois de tratado no *Centro Espirita Humildade e Fé*, de Passa-Vinte, na Palhoça, recebeu do Dr. Amadeu Luz, juiz de direito de Blumenau, o seguinte telegrama:

*“Francisco Cunha Silveira Filho, Florianópolis. Meus parabéns pela graça que Deus lhe concedeu, fazendo-lhe voltar a voz perdida há 16 anos.*

## *Amadeu Luz e família”*

Esteve hoje em nossa redação o Sr. Francisco Mass, negociante em Blumenau e que, tendo lido em *O Estado* a notícia da cura da mudez do Sr. Francisco da Cunha Silveira, feita pelo Espiritismo, procurou-o para certificar-se do fato. Satisfeito com a constatação do caso, veio à nossa redação para confirmar que, efetivamente, Francisco da Cunha Silveira era seu empregado quando sofreu o ataque do qual resultou a mudez, de que ora se acha radicalmente curado.

E aí termina a excelente e veracíssima reportagem feita pelo brilhante órgão *O Estado*. Provas à saciedade. Provas para esgotar toda e qualquer exigência, neste particular.

Que mais se poderá pedir? Os nomes das testemunhas aí estão. Todas vivas, com exceção, como já foi dito, do Dr. Amadeu Luz, que desencarnou tempos depois. O seu testemunho é valiosíssimo. Católico praticante, não se negou, contudo, nem como professo da Igreja Católica Romana, nem mesmo como juiz togado, a dizer a verdade do que sabia.

Houve em Joinville um médico que entendeu de escrever algo sobre a cura a que aludimos, dizendo que não era de espantar. Não cuidou, porém, de curar o doente em questão. Ao substancioso artigo do médico joinvilense, retrucou um colega seu, o Dr. Ismael Ulyseea, que pulverizou a teoria do zeloso e conspícuo doutor em medicina.

Ao ler o artigo de que falo, não houve uma só pessoa que se não lembrasse do “ovo de Colombo”... O moço esteve mudo durante mais de 16 anos. Tratou-se. Nenhum médico o curou. O Espiritismo lhe produz a cura completa, há cerca de dois anos e o caso não era de espantar dizia o doutor... O que era de espantar, sem dúvida, era o mudo não ter sido curado pelo doutor, aplicado o método que lembrou, quase quinze anos depois de se ter sido efetuada a cura!

Não é mesmo de espantar e fazer rir?...

Finalizamos o capítulo, encerrando, com a cura do mudo, a série dos casos de cura obtidos mediante a faculdade de curar, isto é, pelos médiuns curadores.

A mediunidade, como já tivemos oportunidade de afirmar, apresenta-se-nos com um vastíssimo campo de observações e estudos. Faculdades inúmeras, variadíssimas, se manifestam em indivíduos perfeitamente normais.

Instrumentos apropriados para os múltiplos efeitos mediúnicos, cada médium possui uma característica que o diferencia dos outros.

Médiuns possuidores da mesma faculdade apresentam particularidades que marcam, às vezes, notáveis diferenças entre eles.

São como as folhas de uma árvore: umas menores, maiores outras, com variante de forma, de colorido etc. Se todas são verdes, há entre elas, no entanto, algumas mais claras, outras mais carregadas na cor. No conjunto, apresentam o mesmo aspecto. Assim os médiuns. Tomem-se dois da classe dos escreventes. Cada um tem uma forma peculiar de receber, uma maneira diferente de assimilar os fluidos, enfim, um feitio próprio que lhe assinala a especialidade. E o que se passa com os médiuns escreventes dá-se com os de qualquer outra faculdade.

Os videntes com que temos trabalhado em sessões práticas são os que mais diferem entre si, quanto à forma da visão. E, contudo, todos veem a mesma coisa. Daí, a variedade dos fenômenos espíritas e a sua multiplicidade indefinida.

Os “médiuns falantes”, chamados impropriamente, em minha opinião, “médiuns de incorporação”, apresentam, por sua vez, grande diferença na forma de recepção das mensagens. Já não falo dos aparelhos cheios de vícios, espalhafatosos, que se não controlam e deixam o físico à mercê do Espírito que se manifesta. Falo dos conscientes de sua mediunidade, que exercem de acordo com as regras apropriadas à boa e fiel transmissão do pensamento dos Espíritos. Também eles oferecem particularidades interessantes. Entre médiuns curadores e receitistas, a variedade na forma de trabalho é notável.

Pergunta-se: Por que não se evita esse obstáculo, afinando-lhes as faculdades para que todos apresentem, afinal, um só e único matiz?

Respondemos: Tão impossível como encontrar-se numa laranjeira duas laranjas do mesmo tamanho, do mesmo peso e com igual número de sementes. Nem por isso nenhuma delas deixa de ser laranja. O que dizemos da laranja, diz-se de qualquer outra fruta.

A natureza é sábia e sábia porque, no âmago da sua sabedoria está outra mais potente, infinita: a sabedoria de Deus.

Dito isto, vamos aos fatos.

## MATERIALIZAÇÕES DE ESPÍRITOS

Os trabalhos de materializações obtidas por intermédio das faculdades poderosas de Ana Prado dizem bem de como o Espírito pode materializar-se, tomando um corpo fluídico, capaz de ser visto por toda a gente. Esses trabalhos constam de um livro que é sobejamente conhecido e faz parte das estantes de todos os espíritas estudiosos. Os fatos se verificaram no Pará e estão enfeixados numa obra excelente, farta de documentação e com um registro dos nomes, todos conhecidos, das testemunhas insuspeitas que tiveram. Chama-se a obra *O Trabalho dos Mortos*, do Dr. Nogueira de Faria.

Além das comprovações, pelo testemunho das pessoas que assistiram aos trabalhos, ainda ali se encontram as fotografias apanhadas durante as sessões em que se realizavam as materializações. Ana Prado, entretanto, sofreu amargas decepções, porque os detratores da Verdade se insurgiram contra ela. A sua mediunidade, porém, venceu a todos os que, tentando desautorizá-la, não possuíam a menor projeção e autoridade para empanarem o fulgor da Verdade.

E que dizer, também, da mediunidade de Mirabelli? Médiun de transporte e de materializações, inúmeros são os fenômenos que se devem à sua mediunidade poderosa.

Transcrevamos alguns casos que foram perfeitamente identificados. Depois, diremos algumas palavras, no fim do capítulo, para demonstrar que até as igrejas militantes na Terra também nos oferecem, pelos seus luminares, provas e mais provas, em favor de nossa tese: *da sobrevivência e comunicação dos Espíritos*.

### COMO MEU PAI SE MATERIALIZOU

Por DAVID BEDBROOKE (De *The Greater World* Trad. W. CAMPELLO)

Muitas pessoas pensam que os fenômenos de materialização só podem verificar-se com a assistência de diversas pessoas ou em sessões especialmente destinadas a esse fim. Esta crença é largamente partilhada pelos recém vindos ao estudo da ciência psíquica e é com o intuito de corrigir tão errônea ideia que me proponho a tornar público um interessante

fato que se deu comigo no ano de 1927. Esse fenômeno psíquico por mim testemunhado foi o início de minha entrada em campo para combater, sem desfalecimento, em prol da divulgação da realidade do retorno do Espírito.

### *Um acordar súbito*

A noite a que me refiro era de belo plenilúnio. Depois de me despir e desligar a luz, abri a cortina, elevei o obscurecedor um hábito regular com o fim de receber a luz solar pelas manhãs. Logo fiquei imerso em confortável sono. Logo depois das duas horas da madrugada, acordei repentinamente com plena consciência de que outra pessoa estava no quarto. Eu estava deitado, com o rosto voltado para a janela; entretanto, sentia, devo dizer que tinha a sensação da presença de alguém, em pé do outro lado da cama. Com o fim de me certificar, voltei-me para o lado oposto e, para meu maior assombro e choque, vi meu querido pai em pé, apoiado na cama e curvado para mim, com um belo sorriso a iluminar-lhe o rosto. Estava tão sólido e tão físico como quando na carne, o seu rosto tão perfeitamente natural, nos seus menores detalhes, como quando “vivo”. O seu sorriso parecia dizer-me: “Não fiques alarmado, sou eu, para mostrar que não estás só.

### *Susto e alegria*

Sempre me repreendo pelo fato de ter dado semelhante salto, porque piamente creio que meus cabelos deviam estar eriçados e fui tomado de pavor durante uma fração de tempo, até que a alegria do reconhecimento se apossou dos meus nervos. Estou convencido de que meu pai poderia ter-me falado, tão perfeita era a sua materialização. Ele afastava-se gradualmente e quando estava à distância de dois passos, dissolveu-se repentinamente, literalmente diante de meus olhos. Sem dúvida, o meu terror desorganizou as vibrações e, com isso, ele era incapaz de manter-se por mais tempo naquele estado muito real.

Desde então, muitas vezes, o vi pela clarividência, porém nunca mais tão perfeitamente materializado. Aquela única vez, porém, satisfez-me para o resto de meus dias, porque era uma prova genuína da volta dos Espíritos.

Meu pai faleceu em 1921, de modo que passados seis anos, ele provou-me a continuidade da vida, a eterna permanência do vínculo do amor e o conhecimento, não a mera crença de que deverei unir-me a ele de novo no

“outro lado”.

Que maior serviço poderia um pai prestar a seu filho?

(Da Revista Internacional do Espiritismo)

## MATERIALIZAÇÃO DE UM ESPÍRITO EM FACE DA CIÊNCIA

(Do Daily Express Trad. do DR. DEMOS)

A mão de um Espírito, tão tangível que afetou os raios invisíveis de um aparelho diz o *Daily Express* foi vista por onze pessoas emocionadas, hoje, 30 de março (1932), na mais notável sessão espírita que jamais teve lugar em Londres.

Durante meses, Rudi Schneider foi submetido aos mais rigorosos exames de controle, obtendo-se sempre resultados negativos de fraude.

Na sessão em apreço, suas mãos foram logo vigiadas pelo professor D. F. Fraser Harris e Sra. Fraser Harris. “A característica nada comum deste médium”, diz o Dr. Harris Prince, diretor honorário do Laboratório, “é que sempre está sentado distante vários metros da zona de atividade dos Espíritos. Diferentemente, com a maioria dos médiuns os fenômenos ocorrem próximos a eles”.

Dois professores de Ciência da Universidade vigiavam a instalação de um aparelho de raios, igual ao usado para salvaguardar as joias da coroa da Pérsia quando expostas ao público em Buffington House no ano passado. São notáveis por serem invisíveis, porém atuam de tal modo em uma célula de selênio, que qualquer objeto ou pessoa que insira no local em que estão focados uma mão, ou qualquer outra coisa faz com que uma campainha de alarme dê sinal.

Um pano comum de crepe da China foi colocado no trajeto dos raios. Rudi Schneider caiu em transe rapidamente, respirando ofegantemente. Logo após a voz de Olga, seu Espírito protetor, se fez ouvir pelos assistentes. O pano começou a agitar-se. O Sr. V. Cockrane Baillie foi quem viu primeiramente esse movimento. De repente, o pano elevou-se no ar, desaparecendo, e foi então vista uma mão de criança, perfeitamente clara, podendo distinguir-se perfeitamente as unhas. Neste instante, os raios invisíveis fizeram soar a campainha de alarme. Pessoa alguma se moveu na sala e o professor Harris e sua senhora mantinham segura vigilância sobre as mãos de Rudi. Lentamente, a mão foi caindo ao solo quase tocando a do

professor. Como o transe do médium era forte, Lord Charles Hope atirou na direção da mão materializada um ramo de violetas. Imediatamente foram elas recolhidas, despetaladas e atiradas esparsas pelo quarto. Durante todo o tempo em que se dava o estranho fenômeno, o Espírito de Olga falava alegremente. Perguntada se lhe agradava ouvir música, ela respondeu: “Não”. Nas experiências anteriores ela cantou “John Browns Body” que nós acompanhamos em coro.

Estamos certos que não houve fraude nem possibilidade de tal. Rudi Schneider antes da sessão foi examinado por três médicos, cujo exame foi o mais severo que se possa imaginar.

*(Da Revista International do Espiritismo)*

## APARIÇÃO E COMUNICAÇÃO DOS ESPÍRITOS

FALAM OS “SANTOS” E OS “PREGADORES”.

O Antigo e o Novo Testamentos afirmam positivamente que os Espíritos aparecem e se comunicam. Os textos evangélicos, as parábolas de Jesus e as Epístolas estão cheios de ensinamentos em que se atesta só a aparição de Espíritos, como sua natural e conseqüente comunicação.

Pretendendo contrariar a clareza de tais ensinamentos, as igrejas combatem a comunicação, aliando-se ao materialismo impenitente e à falange dos chamados sábios e profissionais de várias profissões. Um fato interessante e digno de registro, diante das pretensões das igrejas, é a condenação que lhes infligem a palavra e a opinião de seus mais autorizados representantes. São os doutores da igreja, eles mesmos, que provam a veracidade da aparição dos Espíritos e sua comunicação. Vejam-se as obras de Léon Denis e tantos outros, das quais se podem colher interessantes observações.

Coordenando algumas notas esparsas e outras tomadas por mim no curso de várias leituras, poder-se-á ver como os santos e doutores da Igreja Católica Romana e autoridades da Igreja Protestante fornecem dados seguros sobre a verdade defendida pelo Espiritismo.

O livro *Confissões*, da autoria de S. Agostinho, célebre bispo de Hipona, dá testemunho de que os Espíritos se comunicam. Ele mesmo, o próprio S. Agostinho, narra, nessa obra (livro VIII, cap. XII), como se deu a sua regeneração. Levando vida desregrada, fez um dia o seu exame de consciência. Um grande desejo de corrigir-se invadiu o coração. Que fazer? Orar e orar com fervor. Foi o que fez o bispo, suplicando a proteção do Céu. Mal terminava a fervorosa prece, uma voz clara e nítida ele disse: “Tolle et lege” (Toma e lê). Junto dele estava o Evangelho. Agostinho lança mão deste e o abre a esmo. Deparou-se-lhe uma bela página de uma das Epístolas de Paulo, contendo admiráveis conselhos sobre a “necessidade da pureza de costumes e limpeza de coração”.

Pode-se também citar outra obra desse mesmo bispo católico romano, chamado “santo” pela sua igreja. É o livro que se intitula: “De cura pro mortis”. Diz o “santo”: “Os Espíritos dos mortos são enviados aos vivos. Desvendam o futuro, cujo conhecimento têm, quer por outros Espíritos,

quer por uma revelação.” Semelhante afirmação de um santo da Igreja Católica deixa hoje perplexas e completamente aturcidas quantas celebridades acodem pressurosas para atacar o Espiritismo. Também São Clemente de Alexandria, São Gregório e São Jerônimo fizeram pregações claras e positivas a respeito, ensinando que os Espíritos se comunicam. O abade Poussin, ilustrado professor do Seminário de Nice, em sua obra intitulada *O Espiritismo perante a Igreja*, datada de 1865, portanto há 66 anos, afirmava: “São Tomaz de Aquino, o anjo da escola, se comunicava com os habitantes do outro mundo, com os chamados mortos, os quais o informavam do estado das almas pelas quais ele, o santo, mais se interessava, como Espíritos que o confortavam e lhe patenteavam os tesouros da ciência divina.”

Pela revelação que nos faz o abade Poussin, vê-se que São Tomaz de Aquino era médium, o que deve fazer tremer o papado inteiro e seus crentes.

Vale também, como documento irrecusável, que se transporte para aqui o que disse o cardeal Bona, tão conhecido e tão ilustrado no seu tempo, que era chamado o Fénelon da Itália. Essa figura respeitável e erudita do clero católico-romano assim escreveu: “É de estranhar que se encontrem homens de bom senso que ousam negar as aparições dos Espíritos, ou que, se não as negam, as atribuem a extravios da imaginação ou a artifícios dos demônios.”

As palavras do cardeal caem sobre a própria Igreja Católica e sobre todos os profissionais de várias confissões, que se aliam ao materialismo para combater o Espiritismo. Afinal, foi um cardeal que assim falou!

Quem ainda não leu a *Nova Floresta* do Padre Manoel Bernardes? Encontram-se ali documentos valiosos, que, citados pelo padre, provam não só a aparição dos Espíritos como também casos de reencarnação.

Deixando o romanismo pelo protestantismo, encontramos também vários escritores e pregadores que sustentam a tese espírita. Não queremos falar dos bispos e autores das Igrejas Protestantes que na Inglaterra e Estados Unidos já fazem os seus sermões inspirados pelos Espíritos e se intitulam médiuns: Stainton Moses, Wallace, Dale Owen e outros tantos, já conversos. A história do próprio Lutero confirma a teoria espírita.

Tenho em mãos uma obra de 700 páginas, intitulada *O Conflito dos Séculos*, editada pela Casa Publicadora de S. Bernardo, São Paulo, da autoria de E. G. White, que se diz inspirada. Relata, à pag. 35, o seguinte:

Por um recente decreto do Papa, fora concedida indulgência plenária aos que, de joelhos, subissem a escada de Pilatos, pela qual se diz haver descido o Salvador, quando deixou o Pretório Romano e que fora miraculosamente transportada de Jerusalém para Roma. Lutero, mui devotamente, se dispunha um dia a galgar os seus degraus, quando subitamente uma voz, como a do trovão, lhe soou aos ouvidos, dizendo: “O justo vive da fé” (Romanos, 1:17).

Comentários não são precisos. Apenas, para fechar, diremos: diante de tanta clareza, de tamanhas provas, de tão justas e verídicas afirmações, que nos oferecem as próprias autoridades das igrejas que nos combatem sistemática e calorosamente, só mesmo repetindo o que disse o citado Cardeal Bona: “É de estranhar que homens de bom senso ainda neguem a verdade ou queiram atribuir a verdade que se mostra a extravios da imaginação ou artifícios dos demônios.” Sirvam assim estas palavras para meditações profundas de católicos e protestantes, a fim de que também possam ouvir a voz do Mestre que diz: “Só a Verdade vos fará livres”.

Fatos verdadeiramente dignos de registro são, sem dúvida, os que vamos relembrar nestas linhas, traduzidas de *The Two Worlds*, de C. S. e publicados pela *Revista Internacional do Espiritismo*, em seu número de 15 de junho de 1932. Frank Speaight, que assistiu às célebres sessões, assina, ele mesmo, o seguinte relato:

Há alguns anos, em Manchester, a Srta. Lind of Hageby e a duquesa de Hamilton relataram suas experiências na Califórnia com o Rev. Jayme J. Dikson. A Srta. Lind of Hageby declarou que certa noite viu nada menos de quarenta Espíritos materializarem-se por sua mediunidade, cada qual vestido diferente do outro, com voz distinta, tendo sido por sua vez todos reconhecidos por alguns dos presentes. A Duquesa de Hamilton confirmou o fato de que tais fenômenos ocorreram regularmente de semana em semana, e desde logo vimos publicado um artigo que tratava da mediunidade do Rev. Dickson escrito por testemunha ocular.

No outono do ano passado, o Sr. Frank Speaight, conhecido conferencista, ator e poeta, nos visitou antes de partir para os Estados Unidos. Demos-lhe cartas de apresentação para vários espiritualistas dos Estados Unidos, incluindo o Dr. L. R. G. Crandon e o Sr. Dickson.

O Sr. Speaight é um investigador vivo e inteligente, completamente convencido da realidade dos fenômenos espíritos, ou psíquicos, mas ansioso por observar fenômenos que sejam, ao mesmo tempo, convincentes e impressionantes. Foi feliz, quando visitou S. Francisco e teve a ventura de assistir a várias sessões com o Sr. J. J. Dickson. As notícias que recentemente enviou são muito extensas e garantem que não existe dúvida sobre a genuinidade dos fenômenos que presenciou, graças a mediunidade do Sr. Dickson.

Eis de que modo relata ele os fatos:

Como prometi, envio-lhe o relato de uma série de sessões que tive com o Rev. James Dickson, de S. Francisco, Califórnia. Procurarei ser breve e conciso e, por esta razão, deixo de narrar muitos detalhes pessoais. A primeira sessão a que assisti foi a três de janeiro último. Éramos 25 pessoas, o gabinete formado de cortinas escuras, provavelmente de seda preta, colocadas na janela. A única coisa que notei atrás das cortinas foi uma janela que se achava a seis pés da rua. Havia bastante luz. Uma lâmpada elétrica coberta com um pano branco nos permitia ver as formas com facilidade.

Alguns dos assistentes declararam reconhecer com nitidez os seus mortos queridos. Sou muito fraco de vista e não podia logo reconhecer, mas os Espíritos fizeram todo o possível para que eu os reconhecesse. Quando se pediu a um deles que dissesse quem era, encaminhou-se para um seu parente que estava sentado na primeira fila e ficou o rosto próximo, a poucos centímetros deste. Depois, deu uma volta e perguntou se o reconhecia. Insistiu, até que foi reconhecido. Nesta sessão apareceram 41 formas materializadas completas, dos pés à cabeça.

O resultado das minhas observações, eu o resumo em termos gerais, abrangendo várias sessões a que assisti. É impossível relatá-las completamente sem me estender em múltiplas considerações; por isso, resumo-as nestes detalhes:

1. Observou-se uma forma completamente materializada ao lado do Sr. Dickson, antes que este entrasse no gabinete; chamaram-lhe a atenção para o fato de todos os presentes haverem visto o Espírito materializado e o médium, um ao lado do outro.

2. Em outra ocasião, dois Espíritos foram vistos simultaneamente, de modo muito nítido.

3. Em outro momento, Minnie Brown, guia do sr. Dickson, separou quatro dos assistentes e os convidou a entrar no gabinete. Três deles entraram, levando cadeira consigo. O outro permaneceu de pé. Foram prevenidos para não tocar o médium; não levaram ali mais de vinte minutos e durante esse tempo muitos Espíritos se materializaram. Saíram do gabinete diante de todos os que se achavam reunidos na sala. Um dos Espíritos pediu aos que estavam dentro do gabinete que levantassem a cortina e olhassem todos para a sala, de modo a poderem ver os Espíritos materializados. Ao mesmo tempo que tinham diante de si o Sr. Dickson, o médium, no gabinete, viam os Espíritos fora.

4. Bom número de Espíritos materializados deram seus nomes e muitos deram também seus apelidos. Alguns apresentaram uma lista com os nomes dos seus amigos na Terra, assim como de pessoas falecidas, que enviavam carinhosas recordações. Em geral, esses nomes foram reconhecidos.

5. Um dos fenômenos mais convincentes que se obtiveram foi o seguinte: Bem defronte das cortinas apareceu uma luz de uns 20 a 25 centímetros de diâmetro. Flutuou para cima e para baixo, em todas as direções, durante alguns minutos e foi claramente vista por todos os presentes. Logo, gradualmente, desapareceu no solo e, perdendo a forma globular, reapareceu larga e elevou-se qual delgada coluna de luz. Gradativamente, cresceu até alcançar a altura de 1 metro e 70 centímetros. Depois, rapidamente, se transformou numa forma materializada. Foi perfeitamente vista por todos os assistentes. Falou por alguns instantes e, gradualmente, se desmaterializou ante os nossos próprios olhos.

6. Um chefe Indígena (Pele Vermelha) apareceu; um magnífico espécimen de homem. Era algumas polegadas mais alto do que Dickson e se apresentou com a cabeça adornada de plumas. Sua aparência era nobre e a voz imponente como a forma. Chamou a nossa atenção para o seu cabelo, que era negro como azeviche e pendia uns quarenta centímetros sobre os seus ombros. O cabelo negro e as feições ressaltavam extraordinariamente sob a plumagem branca que lhe adornava a cabeça e a roupagem.

7. Na segunda sessão, minha mãe apareceu dizendo chamar-se “Francês

Amélia” (ao dizer o seu nome foi mais convincente do que se dissesse apenas “sou tua mãe”). Pois bem: alguns meses antes, falando por incorporação, minha mãe me disse que era amiga de Conan Doyle e nessa ocasião Sir Artur se manifestou, logo depois que ela deixou de falar, e falou com rapidez durante 10 ou 15 minutos. Por isso, quando minha mãe se materializou nesta sessão, perguntei se Conan Doyle estava presente. Quase que imediatamente uma figura alta, robusta, apareceu, dando o nome de Conan Doyle. Só falou por alguns segundos e logo desapareceu por trás das cortinas, para reaparecer outra vez, minutos depois, saudando a assistência e, antes de se retirar, dirigiu-se a mim. Conan Doyle jamais havia aparecido nas sessões do Sr. Dickson.

No dia 19 de janeiro último, tive uma sessão particular com o Sr. Dickson. Antes de entrar no gabinete, ele me disse: “Alguém está aqui. Pode ver?” Respondi: “Não”. Disse-me: “Segure o meu braço”. Assim fiz e presenciei uma cena maravilhosa. Uma forma feminina pouco a pouco se foi constituindo a meu lado, dizendo ser Francês Amélia, nome de minha mãe. Ali estava a forma de pé, enquanto eu segurava fortemente o braço do Sr. Dickson! Éramos as únicas pessoas que se achavam no local; agora, porém, somávamos três os que ali nos encontrávamos, um ao lado do outro.

Sr. Dickson entrou para o gabinete e seu guia, Minnie Brown, tomou o controle da sessão. Ela é perfeitamente natural em todas as suas maneiras. Falei com as formas materializadas de meu pai, minha mãe e meu irmão Arturo, anunciando-se primeiro cada um deles por seus nomes. Um fato interessante é que a voz, no começo, era débil, mas, nas sucessivas aparições, seu tom foi crescendo. Devido à minha pouca vista, prefiro fiar-me no juízo de outras pessoas presentes; mas, quanto ao aspecto geral e às palavras faladas, eu as percebi claramente.

Nesta sessão se materializou uma figura alta, que disse ser Conan Doyle. Falou claramente comigo por mais de 10 minutos, mencionando o fato de minha mãe e ele serem amigos, confirmando assim o que ela me dissera em Boston, a três mil milhas de distância, por outro médium. Falou da minha poesia e das condições da vida no mundo espiritual. Pediu-me transmitisse seus carinhos à família e, por fim, me disse adeus.

Meu irmão Arturo Carlos se materializou e falou comigo. Logo, a

forma de Minnie Brown apareceu, havendo forte contraste com a robusta forma que havia estado em minha presença. Outro Espírito materializado disse ser W. F. Stead e me falou por alguns minutos. Depois, sustentou uma conversação com meu pai. Logo após, anunciou o médium: “Sidney está aqui”. Outra forma saiu do gabinete. Declarou ser Sir Philip Sidney e se referiu a minha poesia. É interessante notar que, em sessão de voz direta, sem megafone, em Chicago, eu recebera comunicações, há três anos, que diziam provir de Philip Sidney. Esta forma foi seguida de outra que se anunciou como a de John Keats, que na mesma ocasião, em Chicago, se comunicou comigo. Os nomes destas pessoas eram desconhecidos do Sr. Dickson.

Perguntei se poderia ter a satisfação de ver meu guia principal. O do médium respondeu: “Sim, enviarei por ela”, e uma mulher alta e cheia de nobreza apareceu e declarou-me ter vivido na Atlântida, há quinhentos mil anos. Seja quem for, demonstrou estar muito familiarizada com a minha vida e se referiu a várias ocorrências, com exatidão.

Dessa maneira, terminou a minha sessão pessoal. Passados dois minutos, o Sr. Dickson saiu do gabinete e me perguntou se obtivera êxito. Mostrou-se encantado ao saber que Sir Conan Doyle e outros haviam falado.

Na última sessão a que assisti, apareceram trinta e sete formas materializadas em presença de vinte e cinco assistentes. O ponto interessante é que cada um deu o seu nome e, às vezes, seu apelido, mencionando também nomes de muitos amigos a quem enviaram saudações. Outra vez, nesta sessão, surgiu a bola de luz que culminou em forma materializada, tal como foi descrita anteriormente, mas logo se desmaterializou do mesmo modo.

Com este importante relato sobre materializações, encerramos o presente capítulo. Podemos imaginar a impressão que se desenha na fisionomia de muitos que nos leem. “Será possível? Tal coisa não será pura imaginação ou efeito de uma alucinação coletiva? Outros perguntarão: Por que será que não é dado a todos os que o desejam ver um Espírito materializado?”

Afinal, quantos pensamentos devem ter ocorrido aos nossos leitores? Quantos? Apenas, diremos: Tudo é possível àquele que crê. Mas, terás a

coragem de ver um Espírito materializado? Espera, pois, a oportunidade e, quando um médium aparecer com semelhante faculdade, terás satisfeito teu desejo. Tens em tua casa um rádio? Não ouves a música, não diferencias os sons dos instrumentos que tocam? Ouves a voz clara do locutor? Às vezes não percebes, até a sua respiração? E, quantas vezes, escutas tudo isso, que vem de grandes distâncias, atravessando milhas e milhas? E, quantas vezes, ainda, estás com o mundo à tua disposição, pela onda curta, e tens o teu quarto ou tua sala fechados? Nada, entretanto, impede que as notas de música, o som, a voz do locutor, um leve murmúrio penetrem invisivelmente no teu lar com as portas fechadas...

É isso possível?

É possível e certo. Certo e incontestável...

Pois assim é o Espírito. Como a onda que traz pelo espaço a música que teu rádio recebe, o Espírito não conhece distâncias nem empecilhos. Agora, pensa, reflete e, depois, o impossível já não existirá para ti.

Com a abundância de provas de que os Espíritos podem tomar um corpo momentâneo para ferir os nossos sentidos, provado está ser um fato que já não admite contestação séria a sobrevivência do Espírito e sua comunicação.

Passemos, então, a outra ordem de fenômenos, aliás os mais modernos e que estão constituindo motivo para inúmeras conversões ao Espiritismo: “as vozes diretas”. Sim, vozes diretas, porque, nessa ordem de fenômenos espíritas, podemos ouvir distintamente falar os nossos queridos mortos que, entretanto, vivem mais do que nós.

*Além das Estrelas* é o sugestivo título de uma obra magnífica, de autoria do escritor e crítico inglês Sr. H. Denis Bradley, de que já tivemos oportunidade de falar. O autor, que era um dos mais cétricos das letras inglesas, recebeu tão grandes e importantes provas, que foi levado a escrever um livro de profissão de fé e, mais que isto, de luz para alumiar o caminho de quantos se dedicam e trabalham para desvendar, aos olhos do homem, a Verdade ressuscitada.

As comunicações de Annie, Espírito que foi irmã carnal do citado autor, foram tal forma impressionantes e tão poderosas, quanto as provas fornecidas, que o cepticismo de Bradley desapareceu completamente, transformando-se em fé racional e perfeita. Ele mesmo, terminada a obra a que aludimos, disse: “Não só digo que creio, mas que sei”.

O médium Valiantine, possuidor da faculdade que se valem os Espíritos

para materializarem a voz, pode-se dizer, é o mais poderoso de quantos existem. Por seu intermédio, comunicações esplêndidas já se obtiveram.

Ultimamente, outros médiuns têm surgido, possuidores dessas faculdades. Na Inglaterra, “as vozes diretas” constituem hoje um fato incontestável. No Brasil, sabe-se que vários grupos têm alcançado a realização desse fenômeno. Vamos citar alguns fatos comprovados:

O primeiro ocorreu numa sessão onde, por espaço de quatro longas horas, os Espíritos falaram. Deve-se a *The Two Worlds* o relato, traduzido e transcrito, para a *Revista Internacional do Espiritismo* em seu número de 15 de julho de 1931:

Tasmânia é um dos lugares mais longínquos do Império Britânico, e é bom saber que também ali o mundo espiritual faz sentir a sua presença.

A Srta. Betty Scott, de Lancelton, Tasmânia, me escreve dizendo:

Pode ao senhor interessar saber que a minha curiosidade pelo Espiritismo despertou ao ouvir uma conferência que, durante a guerra, o senhor fez em Leanington Spa Town-Hall, e agora tomo a pena para informar do progresso do Espiritismo na pequena ilha de Tasmânia.

Não temos sociedade alguma organizada, mas fundamos vários círculos familiares. Recebemos, por várias vezes, a visita do Sr. Wyvyan Deacon, um notável médium de Melbourne (Austrália). Em dezembro último, realizamos com ele uma sessão de voz direta, em minha casa de Lancelton, e as vozes foram persistentes durante quase quatro horas. Cada assistente teve o prazer de conversar com um ou mais seres queridos do Além e suas comunicações foram confortadoras. Um deles, o Sr. Fred Parsons, sustentou larga conversação com seu pai, falecido, que aconselhou ao filho que fosse a Melbourne e empreendesse novo negócio, que lhe daria muito bom resultado. Foi seguido por meu avô, que falou comigo um belo tempo, sendo logo interrompido por outra voz, que se manifestou pedindo a meu avô lhe permitisse falar outra vez com seu filho Fred, sobre um assunto de muita importância. Meu avô consentiu e o pai de Fred Parsons lhe disse, então, que não fosse a Melbourne até março, porque viu em seu cérebro que ele pretendia ir imediatamente. Depois, agradeceu a meu avô a sua deferência e continuamos nós dois falando. Foi um notável fato ouvir os Espíritos conversando entre si.

Sr. Deacon nos visitou outra vez, em julho de 1930. A sessão se realizou em casa do Sr. Hughes, de Lancelton, com a presença do Intendente, Sr. R. Osborne. Não fazia cinco minutos que havíamos começado, quando as vozes se fizeram ouvir.

O espírito controle da voz direta de Deacon, Larry, nos disse que iam fazer algo de extraordinário. Então, tomou posse do Sr. Deacon um Espírito que se declarou ser W. T. Stead. Pediu ao Sr. Hughes que se sentasse em frente dele e tomasse as mãos do médium. Enquanto cantávamos um hino, apresentou-se uma mão materializada e tocou por duas vezes a fronte do Sr. Hughes. Depois, o pai falecido do Sr. Hughes falou a seu filho pela trombeta com voz clara e forte.

Em resposta a seu pedido, entoamos um cântico seu favorito, e sua voz foi ouvida sobre o nosso coro, através da trombeta. Sr. Osborne sustentou larga conversa com sua falecida esposa que se exprimiu em voz vibrante e bela. Sr. William Stead, de posse de Deacon, pronunciou um vibrante discurso e depois disso vieram mais vozes. Era interessante ouvir o guia de Deacon, Dr. Cheong, utilizando-se do seu médium em transe, enquanto continuamente falava em irlandês com Larry que respondia pelo megafone.

Conversaram entre si por alguns minutos, enquanto todos nós os ouvíamos.

Obtivemos, assim, maravilhosas provas da realidade da continuação da vida depois da morte.

Depois da sessão, pediu-se ao Sr. Deacon que posasse para um dos principais artistas em fotografia, a fim de obter material para seu estudo. Quando uma das chapas, depois de tirada a fotografia, foi revelada, além do rosto do Sr. Deacon, apareceu o rosto de um chinês, e foi reconhecido como o do Dr. Cheong, por um dos guias de Deacon. Isto causou sensação em Lancelton, porque a fotografia foi tirada de modo comum e demonstrou a muitos que a vida depois da morte é um fato. A pedido de Deacon, envio junto uma cópia dessa fotografia, que espero lhe interessará.

Recebemos a fotografia e nela se vê claramente o rosto extra, que é decididamente de um chinês. Sentimos que não seja suficientemente nítida para a reproduzirmos.

A carta da Sra. Scott está acompanhada de uma ata na qual se declara a verdade do informe, e está confirmada pelo Sr. J. W. Hughes,

Inspetor Chefe do Estado de Tasmânia, e Sr. N. M. Osborne, Intendente de Lancelton.

\* \* \*

Abrimos agora espaço para o relato de outro importantíssimo fato de voz direta produzido em plena luz, numa sessão da Sra. Lydy, realizada no salão da famosa *Queerís Gate* tradução da revista inglesa *Light*:

Uma demonstração da mediunidade de vozes diretas com megafone em plena luz foi feita pela médium Sra. Murphy Lydy, no salão de Queens Gate, em Londres, no dia 3 de julho de 1931.

A Sra. M. Lydy deu sessões durante os três meses últimos no *British College Psychic Science*, e por essa ocasião a presidente do Colleege, Sra. Ch. de Crespigny, disse ter ouvido dos assistentes que essas sessões haviam dado provas satisfatórias de comunicações de Espíritos, e que ela mesma havia recebido uma mensagem do seu esposo, sobre assunto importante, facilitando-lhe a solução. No desenvolvimento da demonstração, deu-se o que se verificara em anteriores ocasiões no *British Colleege, Grotrian Hall* etc. Sra. M. Lydy ocupou a tribuna e perante o auditório tomou nas mãos um grande megafone de alumínio.

Aos presentes foram distribuídos cartões numerados para ser cada um chamado por sua vez a aplicar o ouvido na campana do megafone e repetir as palavras que fosse ouvindo. Foram todos avisados que era preciso aplicar bem o ouvido, pois disso dependia também o bom resultado. Sra. Lydy pediu a um homem, com alguma experiência, que colocasse a trombeta e este o fez com tanto êxito que uma voz, dando o nome de Walter, pôde ser ouvida em todo o salão, de modo que Artur Ford (médium clarividente), que ocupara uma cadeira no fundo do salão, pôde trocar saudações com o visitante invisível.

Note-se que Sr. A. Ford é um dos maiores clarividentes dos Estados Unidos e suas demonstrações públicas em Londres têm sido extraordinárias e plenas de resultados positivos. Assim encaminhada à demonstração pública, houve uma série de audições, sendo que algumas pessoas ouviram ruídos, mas não puderam distinguir nomes. Um homem declarou que percebeu distintamente o nome de Mary Anny,

não tendo conhecido pessoa alguma com tal nome. A senhorita Jaqueline, uma das médiuns do College que se achava próxima, disse que conhecia uma pessoa com aquele nome. “Número equivocado certamente” disse o homem ao retirar-se.

Srta. Jaqueline conversou com a “voz”, verificando ser sua velha governanta, que lhe desejava falar. Achavam-se presentes alguns membros distintos da *Sociedade de Investigações Psíquicas* e outros, que afirmaram ser os ruídos que se ouviam produtos da ventriloquia. Os que se achavam sentados bem perto da senhora Lydy, garantiram que não podia ser ventriloquia, pois o médium estava sempre com a boca completamente fechada durante todo o tempo em que se ouviam as “vozes”.

Outros acrescentavam que a melhor prova de que não podia ser produto da ventriloquia estava em que muitos dos presentes não conseguiram perceber comunicação alguma. Se fosse de fato ventriloquia, não havia razão para que isso se desse.

Depois de um intervalo para descanso, a demonstração prosseguiu, tomando-se a precaução de proteger a Sra. Lydy, rodeando-a de um grupo de pessoas, que se sabia possuidoras de faculdades mediúnicas, entre as quais algumas de influências hostis. Assim, a demonstração melhorou e o prosseguimento da sessão em público se tornou mais atraente e interessante.

Um judeu, estranho aos membros do College, foi chamado e, nem bem tomara o megafone, ouviu um nome que declarou ser exatamente o de seu pai. Como prova, o nome foi repetido em Yiddisch (judaico) e a voz deu ao audiente o nome em russo. O homem ficou surpreendido pelo que ouviu e se comoveu tanto, que pediu um objeto para se apoiar, enquanto escutava.

Outro judeu de nome Meyers foi mais tarde chamado pela trombeta. Ouviu uma voz que insistiu em afirmar não ser a ele e sim a Harold que desejava falar. Harold, cunhado de Meyers, que se achava no salão, adiantou-se e entrou a falar com a “voz”, que, afinal, pronunciou o nome da primeira pessoa *Bemmy*.

As comunicações recebidas por esses senhores, conforme se verifica de suas próprias declarações, foram determinantes e decisivas circunstância que exclui toda suposição de ventriloquia.

A segunda parte, pois, dissipou, de certo modo, a falta de interesse e

desgosto da primeira.

Houve, entretanto, pessoas presentes à sessão que reconheceram e declararam ser muito duvidoso o valor de sessões realizadas assim, publicamente, acrescentando que, a se repetirem, seria preciso modificar-lhes o desenvolvimento, de modo a fazerem-se com verdadeiro e imediato interesse, menos sujeitas às críticas de momento.

Motivo para uma justa observação, encontramos nesse relato, pois as sessões espíritas, seja de que gênero forem, jamais devem ser feitas em público. Tudo segue uma lei reguladora. Só o esforço duplicado dos Espíritos poderá neutralizar uma corrente sem unidade de pensamentos e completamente desarmônica. Para obtenção de fenômenos espíritas, necessitamos de um ambiente constituído de reduzido número de pessoas. Se todas forem crentes, melhor, porque, nesse caso, os Espíritos encontrarão menos resistência, à produção dos fenômenos. Embora haja descrentes na assistência, mesmo assim, os fenômenos se darão. Mas, se o número de pessoas presentes for muito grande, a curiosidade assalta e os trabalhos perdem valor. Eis porque foram apontadas certas falhas nos trabalhos de que acima falamos. Imaginemos um conferencista dissertando sobre determinado assunto. Se cada um dos assistentes começasse, por sua vez, a interpelar o orador, que poderia ele proferir de notável? Se cada qual exigisse que apresentasse as folhas dos livros que cita e desse uma prova imediata para cada uma de suas afirmações, que poderia ele apresentar? Entretanto, os que vão ouvir um conferencista são pessoas que estão na altura de compreendê-lo e, embora muitos com ele não concordem, nem por isso se atreverão a criticá-lo de viva voz durante a conferência. Assim com os trabalhos práticos. Deve haver o cuidado de não se franquear os trabalhos ao público e, principalmente, a pessoas descrentes ou preconceituosas para que deem bons frutos. Aos de boa-vontade e aos que com sinceridade querem aprender a ver, ouvir e sentir a realidade dos fenômenos, nunca faltarão oportunidades.

Vamos ainda a outro caso de “vozes diretas”, obtido pela poderosa faculdade do grande médium Valiantine, a quem já várias vezes tivemos ocasião de ouvir pelo Dr. H. Leaf, ilustrado professor, que relata o caso. Doutor em Medicina e Professor de uma escola de Medicina da América, Dr. H. Leaf, bem como M. Bradley estudaram intimamente a personalidade do médium. Com ele conversaram, analisando-o em todos os sentidos.

Enfim, a sessão que se vai relatar não foi pública, mas particular, como nos afirma Dr. Leaf no relato feito e publicado pela revista americana *Os Dois Mundos* e transcrito pela *Revista Internacional do Espiritismo* em seu número de 15 de abril de 1931.

Eis o fato:

Minha sessão com Valiantine, o famoso médium das “vozes”, está no número das minhas melhores e mais recentes experiências na América do Norte. O convite para assistir a uma sessão com este notável médium me foi feito pelo juiz W. Cannon e sua esposa, a pedido de Confúcio, que parece ser um dos guias de Valiantine. Conversei ligeiramente com Valiantine e verifiquei ser um homem sem pretensões e de educação superior à que deixaram entrever alguns escritores ingleses. É de estatura algo menor que a mediana e de boa contextura, por volta de 45 anos, calmo e modesto, sem se incomodar com a sua popularidade. A maior parte dos bons médiuns é vaidosa. Provavelmente uma defesa contra o abuso de que são alvos, por parte dos cétricos, ainda que bem intencionados.

Valiantine fala pouco de si mesmo e parece considerar sua mediunidade uma faculdade interessante, mas impessoal, o que constitui um ponto de vista muito sadio. Indubitavelmente, seu contato estreito com personalidades notáveis tem valido alguma coisa para esclarecer sua disposição a respeito da sua mediunidade. Suas relações com o Juiz Cannon e esposa o têm auxiliado muito. É impossível conhecer tudo o que estes investigadores têm feito, preparando uma atmosfera sã e simpática aos médiuns de fenômenos supranormais. O fato de os médiuns buscarem fazer experiências com a secção nova-iorquina da Sociedade de Investigações Psíquicas quando, em geral, evitam fazer com outras secções da América ou de outra localidade, atesta as excelentes qualidades do casal Cannon para esta classe de experiências. São essencialmente humanos, compreendendo que os médiuns são também humanos e requerem um trato cortês e bondoso, para que possam oferecer o máximo das suas faculdades.

A sessão foi estritamente privada. Éramos o Sr. Francisco Fast, o casal Cannon, o médium Valiantine, minha esposa e eu. Sentei-me ao lado do médium e fiquei em condições de observar todos os seus

movimentos no transcurso da sessão. Nem bem começaram as vozes a falar, já se evidenciava que eram completamente independentes de Valiantine. Podia-se ouvi-lo respirar ou falar durante a produção das vozes, com independência e de modo tão distinto como os outros presentes. Sr. Fast nos foi de muita utilidade, devido aos seus conhecimentos linguísticos, tendo sido capaz de conversar com as vozes em cinco idiomas.

Praticamente, nenhum dos Espíritos comunicantes se identificou, deixando claro que o objetivo daquele encontro fora apenas estabelecer laços de amistosas relações. No entanto, vários parentes dos circunstantes também nos contactaram, enviando recordações a outros membros de nossa família, que não estavam presentes. O fato mais interessante foi a comunicação de Confúcio com Dr. Whymant, o sábio em Orientalismo. O Dr. Whymant não era espírita, nem tão pouco interessado nesta classe de investigações, quando efetuou a experiência, mas foi obrigado a admitir que a melhor e talvez a única explicação satisfatória era a de que o Espírito de Confúcio realmente se comunicara com ele. Para um investigador, provavelmente esta não seria a única explicação, mas era certamente a melhor.

A voz de Confúcio sempre era precedida por notas semelhantes às de uma flauta. O grande filósofo chinês, durante a sua vida terrena, tocava tal instrumento. Nenhum dos presentes compreendeu a estranha língua em que a voz falou, mas o Dr. Whymant nos garantiu que era o chinês antigo, de uma classe que nenhum professor desse idioma pode imitar bem, mas que todos reconhecem.

A personalidade é um fato importante em todas as formas de comunicações espíritas. Homens e mulheres autenticamente superiores têm uma aura indescritível, que indica a sua superioridade. A personalidade de Confúcio nas sessões de Valiantine tem este distintivo. A influência era de um doce, bondoso e sábio ancião, que ama seus semelhantes. Depois de um momento, a voz falou em inglês, desejando-lhe felicidade.

Houve uma nota patética: a voz de uma menina que ocasionalmente se interpôs, durante um breve silêncio, rogando a Valiantine, com infantil persistência, levasse a corneta a seu pai que chorava a perda da esposa. Parece que a mãe da menina havia desencarnado há pouco e a pobre mulher estava aflita por não poder chegar até o marido e dizer-lhe

que se achava bem. As averiguações revelaram que o pobre homem estava na América do Sul e, portanto, fora do alcance de Valiantine. Foi difícil convencê-la da ausência do pai. Mas, por fim, ela teve de se retirar sem obter o que desejava.

Este episódio nos deu uma visão da necessidade de um número maior de bons médiuns para atender aos pedidos desse mundo e do mundo extraterreno. A mulher falecida estava evidentemente tão desesperada quanto o esposo. A única solução imediata da tragédia doméstica seria dispor de um bom médium como Valiantine. A morte dá lugar, indubitavelmente, a problemas sociais profundos, tanto além como aquém.

Morremos ignorando o que nos espera e sentindo-nos vivos, todavia, sentimos ânsias infinitas de falar aos nossos, na Terra. Por isso devem sofrer muito os que passam para o Além.

Valiantine parece ser do número das pessoas que, quando possível, auxiliam aos seus semelhantes. O juiz Cannon e sua esposa que o conhecem melhor que qualquer outro investigador, confessam que se sentem orgulhosos de serem contados no número dos seus amigos. É essencialmente amável e não faz objeção alguma a qualquer prova a que o queiram submeter nas experiências. Esta é uma grande condição nas experiências psíquicas. Todos os que eu conheço que realizaram experiências com o médium, não importa o número de vezes, acabam por aceitar a teoria espírita. Isto faz dele uma verdadeira potência no campo das investigações espíritas, tanto religioso como científico. Foi para mim grande prazer conhecer este homem dotado de tão extraordinária faculdade.

Aqui termina o precioso relato e vamos nós, por nossa vez, finalizar este capítulo, fazendo-o com chave de ouro.

Várias foram as vezes que citamos o nome de H. Denis Bradley como autor do livro *Além das Estrelas*. Esse escritor já se acha na pátria verdadeira. E lá, do Espaço, fornece-nos provas veracíssimas.

Transcrevemos do *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, edição de 15 de fevereiro deste ano, com o título *Notícias do Outro Mundo*, e o subtítulo *Como o escritor Denis Bradley descreve o Além depois de haver desencarnado*, aquele importante e acreditado jornal brasileiro, em sua primeira página, dá-nos conta fiel da mensagem de Bradley. Eis a notícia:

Em sua edição de onze do corrente, *The Sunday Express* publicou uma notável comunicação espírita que há de despertar grande interesse. Londres é, como sabemos todos, a capital do espiritualismo contemporâneo. Aqui, estudam-no e o professam sob o mais rigoroso critério científico. São famosas as suas pesquisas e não menos célebres os seus resultados. Há milhares de centros e numerosas instituições que se consagram a esse intercâmbio com o desconhecido. O fato mais recente e que é verdadeiramente sensacional, deu-no-lo aquela edição dominical do jornal de maior divulgação que existe no mundo. Ei-lo:

H. Denis Bradley, escritor espiritualista, prometera à sua família e a alguns amigos, que, depois de sua morte, se comunicaria com eles, do outro mundo. Seis semanas após, morria repentinamente, em consequência de uma intoxicação alimentar. Pouco tempo depois, realizou-se uma sessão nesta cidade, com a presença do filho mais moço do autor falecido, Mr. Patrick Bradley, e de um repórter daquele diário londrino. Serviu de médium Mrs. Katleen Berkel. Fiel a sua promessa, Denis Bradley comunicou as suas impressões de além túmulo, mediante as perguntas que lhe foram dirigidas e as suas respostas, dadas sem a menor hesitação. Depois da sessão, Mr. Patrick asseverou “que não tinha a menor dúvida de que a mensagem fora recebida diretamente de seu pai”.

Eis o diálogo que se estabeleceu, provocado pelas perguntas sagazes e pelas respostas não menos curiosas e lúcidas:

- Dentro de que tempo, depois do seu falecimento, pôde o senhor, Mr. Bradley, encontrar-se onde se acha agora?

- Tive um rápido golpe de vista. Estive aqui enquanto agonizava. Devem lembrar-se de que exclamei: “Isto é maravilhoso”. Depois, caí na atonia. Havia recebido, naquele fugaz instante, uma ligeira impressão do mundo maravilhoso em que ora me encontro.

- Com que se parece o outro mundo? Ha palavras adequadas para descrevê-lo?

- Não é fácil descrever um mundo tal qual ele é, ainda mais com palavras do mundo material. Há dimensões e sensações que não têm paralelo ou equivalência na vida terrena. O tempo, por exemplo, simplesmente não existe. O espaço parece ilimitado.

- Apesar disso, eu me contentarei com termos restritos e acredito que senhor o fará do melhor modo possível. Há, por exemplo, dia e noite?

- Não; não no sentido em que vocês conhecem. Parece-me perpetuamente dia ou luz. Mas, há regiões escuras para quem pode viajar até elas, volitivamente.

- Viajar? Como pode o senhor viajar?

- Viaja-se pelo pensamento. Basta desejar-se estar em qualquer parte para estar. Mais uma vez lhes digo que o tempo não importa. Um Espírito, desejando voltar a esse mundo, pode facilmente estar na Índia, num minuto, e em Londres, noutro. O Espírito lembrem-se não está sujeito ou detido por qualquer obstáculo como seja um corpo físico ou químico.

- Podem os Espíritos aparecer passeando e, assim, dar de si uma impressão de que estão flutuando no ar? Pode o senhor descrever seus movimentos?

- Não podem ter movimento físico, porque já não têm corpo físico. A grande diferença entre um ser humano e um Espírito é esta: um ser humano consiste num Espírito que está ligado a um corpo, do qual depende. Tenho uma forma, que pode ser comparável a um corpo, mas não depende dela. Ela obedece à minha vontade, por um meio completamente “infísico”. Se vocês, na Terra, desejarem atravessar o oceano, seus Espíritos que, enquanto vocês vivem, estão encaixados em seus corpos, terão de acompanhá-los. Em outras palavras, essa viagem, que não é puramente física, primordialmente se torna um processo físico. Mas o Espírito, isolado, não carece disso. Desejá-lo, isto é, pretender atravessar o oceano lhe basta para cruzá-lo.

- Isso faz inveja! O que o senhor fez logo que chegou ao seu novo mundo?

- Eu esperei. Quando alguém nasce na Terra, é gradualmente adaptado a ela e lentamente lhe penetra os segredos. No meu caso, fora do corpo físico, encontrei-me por mim mesmo, plenamente consciente, numa atmosfera completamente distinta da Terra em muitos aspectos, e infinitamente mais vasta.

- Que fez o senhor, então?

- Fui descoberto por amigos com quem me comuniquéi. A primeira pessoa que vi foi minha irmã Ana, que me prestou grande auxílio.

- Mas deve haver bilhões de Espíritos em seu novo mundo, Mr. Bradley, inclusive milhões de pessoas de cada país da Terra, que morreram através dos séculos. Como pôde o senhor encontrar determinada pessoa que conheceu na Terra ou que desejasse ver?

- Os Espíritos que se conheceram um ao outro na Terra são imediatamente induzidos a um pensamento mútuo. É uma fascinante capacidade e não é fácil descrever. Vi desde logo minha mãe, sir Artur (Conan Doyle) e até Confúcio, antigo filósofo, que parecia vestir um hábito marrom, um tanto semelhante ao de um monge.

- Mas como podem os Espíritos conversar? Isso não é uma função física?

- Ha dois sistemas de transmissão de pensamentos. Quando dois pensamentos, em harmonia, se influenciam mutuamente, com perfeita liberdade e clareza, há uma espécie de telepatia coerente e fácil. Por causa disso, Espíritos que falavam idiomas diferentes enquanto estavam na Terra podem conversar um com o outro com maior facilidade.

- Então, o Espírito de algum antigo mandarim chinês que existiu há séculos, poderia manter uma conversa, desse modo, com um francês que morreu recentemente apenas?

- Sim, se o desejasse?

- Há alguma espécie de atmosfera onde o senhor está?

- Bem definida, mas bastante diferente da terrestre. A melhor descrição eu a posso dar, dizendo que é como uma atmosfera vivificante, diáfana e rarefeita; como na Suíça. Há abundância de luz, como esplendor solar, e nenhuma opacidade. Há terra e água, e árvores, e vegetação, e oceano aqui, justamente como na Terra, con- quanto mil vezes mais maravilhosos. Os pássaros, por exemplo, têm a mais brilhante plumagem, como jamais hei visto na Terra. As flores são as coisas mais extraordinárias. São tão infinitas como as terrenas em sua infinidade de tipos, feitios, tonalidades e coloridos. Mas, a par disso, são intensa e estranhamente perfumadas, tendo uma característica inconfundível. Parecem exalar som, como aroma. É um som suave, agradável, e difere em cada flor, de modo que se pode dizer que tem cada uma um som que as revela: é possível saber-se com antecedência quais sejam, só com o lhes ouvir antes o som peculiar a cada uma.

- Os Espíritos vivem em casas?

- Sim. Mas, em forma e substância não se parecem com as que sempre eu vira. Não me encontro aqui de há muito tempo e nunca descanso no meu afã de descobertas.

- Pode descrever algumas de suas sensações?

- Temos uma noção de completa e absoluta liberdade. Não ficamos nunca fatigados, nem necessitados de repouso, antes, parecemos repletos de energia.

- Os Espíritos vivem através da eternidade e, sendo assim, como a encaram? Como empregam o tempo? Como lhes sabe a certeza de viver por milhões de anos?

- Estou deliciado com essa certeza, porquanto há milhões mais de coisas para eu aprender nesta “aura”, do que na Terra. E ocupa-se todo o tempo. O tempo, como já disse, não tem importância.

- Os Espíritos envelhecem? Suponhamos: uma criança morre ao nascer. Pode o seu Espírito entrar em mundo próprio? O que lhe acontece?

- Tanto quanto me é dado saber, os Espíritos de parentes e de amigos têm conhecimento de qualquer morte na Terra que os afete, e vão ao encontro do Espírito criança, que se desenvolve até a sua forma ter a aparência de contar, mais ou menos trinta anos de idade.

- Que acontece a alguns que encontram com um morto por acidente e que ficou horripelantemente mutilado?

- Em tal caso, o Espírito-forma não tem relação com o corpo, que uma vez o aprisionou. O corpo é um mero invólucro e não importa o que lhe aconteça.

- O senhor é capaz de descobrir se os suicidas se unem ao seu mundo espiritual? E pensa que eles estão satisfeitos por terem eliminado a própria vida?

- O suicídio é um crime. Vocês poderiam ser úteis aos candidatos ao suicídio, se lhes assegurassem que é um ato que não oferece libertação alguma. Há uma aura escura em torno da Terra, na qual o Espírito do suicida é forçado a permanecer, até que haja completado o tempo de vida que teria na Terra. Só depois disso é que ingressa no mundo dos Espíritos.

- Há alguma coisa, onde o senhor está que seja comparável às nossas formas de governo?

- Sim. Temos agentes governamentais que dirigem a organização de certas auras. Há subordinação à lei e à ordem, por efeito da carência de vida física. Não há luta pela existência, por exemplo. Não ha dor, nem desdita. E há locais de estudo, nos quais se podem aprender os segredos de todas as eras.

- Locais de estudo? Como são?

- São vastos espaços em que se ministra todo o conhecimento que existe. Todas as ideias que determinam tanto entusiasmo e admiração na Terra, foram aqui sempre conhecidas, fosse qual fosse o tempo. É pelos bons ofícios de alguns Espíritos, que um ser humano se torna capaz de eventualmente apropriar-se de algumas parcelas do conhecimento para beneficiar a humanidade. Há laboratórios onde Espíritos experimentam a cura de certas doenças malignas da Terra. Conversarei doutra vez a esse respeito. Ainda não disponho de tempo para tratar disso.

- Os Espíritos aprovam os esforços dos seres humanos para se comunicarem com eles? E eles fazem alguma coisa para lhes dar assistência?

- Sim, naturalmente, aprovam. O homem, por si mesmo, fecha as portas a esse benéfico intercâmbio e somente a sua própria fé pode abri-las de novo. Um dia, as comunicações entre os seres humanos e os Espíritos serão feitas tão facilmente como as que se transmitem pelo sem fio.

- Se o senhor visse seu filho, Patrick, em grande e imediato perigo, teria meios de preveni-lo? E fá-lo-ia?

- Ter-se-ia presciência disso e poder-se-ia adverti-lo por um processo de levitação física que poderia fazer com que Pat se acautelasse. Mas, se eu considerasse que o perigo ou a experiência fosse um resgate necessário ou ensinamento para meu filho, estaria na obrigação de não me mover.

- Tem o senhor acompanhado os acontecimentos do nosso mundo, depois que morreu?

- Não, em grande parte. Tenho estado muito atarefado aqui. Muitas vezes tenho estado em minha casa, em Dorrincourt, como minha família bem o sabe. Participei também do meu próprio funeral, em parte; mas, estava ansioso por ficar perto de minha esposa.

- Há alguma espécie de música onde o senhor está? De onde lhe

parece provir?

- Tenho escutado sons longínquos, como a música de certos órgãos. Mas não pude descobrir nenhuma semelhança com qualquer instrumento. Tentarei saber mais alguma coisa a respeito e os farei cientes da próxima vez.

Nesse ponto, o Espírito expressiu o desejo de tratar de assuntos particulares com seu filho. Seguiu-se uma palestra falando ambos de muitas coisas domésticas. Depois, um adeus afetuoso e a sessão terminou.

É, como os leitores acabam de ver, uma verdadeira revelação do Astral, sendo de notar não só a argúcia das perguntas, como também a precisão e vulto de muitas das respostas, estabelecendo-se um diálogo que não deixa de ter saber metapsíquico e algo que nos dá um *frisson* do grande mistério, cujo véu se vai rompendo.

Nas lojas londrinas, qualquer pessoa pode adquirir aparelhos para receber mensagens dos Espíritos, por meio da disposição de letras do alfabeto, e consta-me que já existe também outro mais engenhoso, pelo qual se consegue uma ligação direta entre um ser humano e um Espírito. Não tardará o seu aperfeiçoamento, de modo que, em breve, poder-se-á ouvir uma sinfonia de Beethoven, ou um noturno de Chopin, transmitidos do Além pelos autores ou, ainda, um poema extraterreno do divino Shelley, assim como agora ouço em casa, pelo rádio, um concerto de Budapest ou um “jazz” de Nova York.

Falar com os Espíritos será, então, uma delícia comum a todos os que se acham neste Planeta, com a vantagem ainda de acabar com o terror e o pânico das almas do outro mundo.

Quanto a mim, sinceramente, creio no que disse Denis Bradley, porque estou convencido de que a morte não passa de uma transfiguração em que cessa o movimento da matéria e o Espírito voa solto, integrando-se, sem entrave, no ritmo do Universo. (Correspondência enviada de Londres pelo jornalista Saul de Navarro, janeiro de 1935.)

Que dirão os chamados céticos, diante de fatos de tal natureza? Que dirão os negativistas ferrenhos? Que poderão invocar a favor de suas teorias esdrúxulas? Negar, negar simplesmente, constitui prova? Absolutamente. Hoje, negar a verdade incontestada dos fenômenos espíritas equivale a dispor-

se o negador a cair no ridículo. Dá-se, agora, exatamente o contrário do que se passava há anos atrás. O Espiritismo é hoje ciência positiva, que se demonstra com provas irrefutáveis. O fato que vimos de narrar, referente à mensagem de H. Denis Bradley pela voz direta, até agora, quase sete meses depois, não foi refutado, nem contestado. Convém, igualmente, observar que essa e outras importantes provas da sobrevivência do Espírito e da sua comunicação, ultimamente, se dão em Londres... A culta Londres, a loira Albion cujos filhos não têm a exaltação dos latinos e que, pela sua calma e método em todas as coisas, não são levados tão facilmente para o terreno das alucinações e do sentimentalismo, segundo a opinião de abalizados estudiosos. Por que, então, virem de lá, fatos tão importantes? Porque a Verdade, como o Sol, não escolhe lugar, clima e raças para alumiar.

\* \* \*

Em fevereiro de 1906, há, portanto, 29 anos, o erudito escritor Albert de Rochas, escrevendo o magnífico prefácio do seu não menos magnífico livro *L'exteriorisation de la Motricité: recueil d'expériences et d'observations*, afirmou, textualmente:

Refuser de croire à des affirmations aussi nombreuses, aussi nettes, aussi précises, c'est rendre impossible l'établissement d'une Science physique quelconque; car l'étudiant ne saurait exiger d'être le témoin de tous les faits qu'on lui enseigne et dont l'observation est souvent difficile. Refuser d'étudier certains phénomènes quand on est convaincu de leur réalité, par la crainte du QU'EN DIRA-T-ON, c'est à la fois sabaïsser soi-même en montrant une faiblesse de caractère méprisante et trahir les intérêts de l'humanité tout entière. (Recusar crer em tão numerosas, claras e precisas afirmações é tornar impossível que se estabeleça qualquer tipo de ciência física, pois o aprendiz não exigiria ser testemunha de todos os fatos que lhe ensinam e cuja observação é, muitas vezes, difícil. Recusar estudar certos fenômenos de cuja realidade já se está convencido, pela crença do QUE VÃO DIZER DISSO, é, ao mesmo tempo, menosprezar-se a si mesmo, demonstrando uma depreciável fraqueza de caráter e trair os interesses de toda a humanidade).

Realmente, assim pensamos. Entretanto, há quem recuse estudar, quem fuja do estudo, da observação, desprezando todas as boas oportunidades

para se colocarem diante da verdade que dizem buscar, mas da qual, logo que a encontrem, fogem espavoridos, para se enclausurarem no enredo de quantas teorias por aí andam, no firme propósito de manterem indestrutível a pesada fortaleza da ignorância.

A obra citada, com as suas 600 páginas, com abundante cópia de fotografias de todos os fenômenos colhidos em excelentes sessões, às quais assistiram figuras eminentes do mundo, entre elas, o célebre antropologista Cesar Lombroso, convertido ao Espiritismo, produziu celeuma por toda parte. Isto, porém, não quer dizer que muitos dos seus detratores não lhe reconheceram a autoridade; apenas descreram dela.

A Verdade, porém, continuou sua rota e hoje aquele livro vale por uma preciosidade a enriquecer a já riquíssima obra de difusão dos grandes ensinamentos que libertarão a humanidade do jugo das paixões e das peias que a tornam ainda um balão cativo, preso às amarras dos preconceitos sociais e religiosos.

Os Espíritos estão, nesta hora de transição para todos os homens, empreendendo um trabalho amoroso e bem coordenado.

Os médiuns de várias faculdades, portadores de muitas graças, se sucedem e multiplicam, aparecendo em todos os países, mesmo nos mais distantes, nos mais isolados, atraindo a atenção dos mais céticos e dos mais descrentes em assuntos que dizem respeito, particularmente à alma. O trabalho prossegue. Homens notáveis já se não pejam de dizer o que pensam e não perdem, por isso, a autoridade, após declarar ao grande público que creem.

Tudo anuncia, assim, o cumprimento fiel das promessas do Cristo de Deus.

Prova evidente da sobrevivência e comunicação dos Espíritos é, sem dúvida, a fotografia dos chamados mortos. Se bem a fotografia se preste a vários truques, isto não quer dizer que todas as fotografias de Espíritos sejam truques. As revistas e jornais espíritas têm publicado inúmeros clichês, que nos oferecem excelentes provas. Precedidos de rigoroso controle, esses trabalhos são, inegavelmente, o fruto de experiências feitas por pessoas de reconhecida idoneidade. Os trabalhos de Omer, constantes do livro já citado, *O trabalho dos mortos*, e bem assim os que têm obtido em todas as sessões os célebres irmãos Falconer, dizem bem alto do valor científico desse gênero de provas. Amiúde, temos visto em mãos de pessoas estudiosas preciosos elementos, como sejam fotografias obtidas por vários

amadores, quando ninguém cogitava de Espíritos. Infelizmente, dadas as várias circunstâncias que sempre cercam semelhantes oportunidades, essas provas apenas ficam nas cópias fotográficas e, mesmo assim, como coisa que não deva ser vista por todos.

A propósito, direi que conheço uma fotografia curiosíssima. O jornalista Paulo Tecla, o médium Antonio Melo e várias outras pessoas tiraram uma fotografia do *Centro Espírita Fé e Humildade*, em Passa-Vinte. É um centro hoje muito conhecido pelas curas que têm sido feitas. A fotografia era a de um aspecto interior do Centro. Não havia no recinto uma só pessoa, estando vazios os bancos. Revelada a foto, trabalho que foi executado pela fotógrafa Sra. Salen, Rua Conselheiro Mafra, nesta cidade, onde tem seu atelier, verificou-se com grande espanto da fotógrafa (que não é espírita) e de todos mais, mostrar a cópia as figuras de inúmeros Espíritos sentados nos bancos, quase todos com vestes iguais e de aparência respeitável, infundindo, logo à primeira vista, grande simpatia e veneração. Por sua importância, enviei-a para ser publicada em uma revista. O fato é de tal maneira notável e tamanha a nitidez do trabalho fotográfico, que o amigo e confrade a quem enviei uma das cópias apresentou várias escusas, pelo que a preciosa prova não foi até hoje publicada... Mesmo os espíritas duvidaram dela. Eu, entretanto, que sei das condições em que foi obtida a fotografia, posso afirmar sem medo de errar, que se trata de uma prova tão boa ou melhor do que todas as que têm vindo do estrangeiro. Mas já se viu profeta profetizar em sua terra? Assim o disse Jesus.



Foto de Espítitos, relatada no texto acima, inserida nesta edição.  
Local : Centro Espírita Fé e Humildade, Passa-Vinte, ( hoje Município de Palhoça ) na década de 1930.

## PROVAS OBTIDAS ATRAVÉS DA FACULDADE MEDIÚNICA DE EFEITOS FÍSICOS

As manifestações chamadas físicas são, na fenomenologia espírita, as mais comuns, porque nelas se incluem as de somenos importância, como sejam ruídos, barulhos, pancadas, objetos arrastados, móveis atirados, pedras projetadas à distância, além dos de transporte. São fenômenos provocados, ou que se dão espontaneamente. Muitas vezes, se produzem contra a vontade das pessoas que assistem, tornando-se insólitos e importunos. Isso, para que se não diga que são produto da nossa imaginação, ou mesmo do fanatismo religioso.

Não se infira, porém, daí, que todos os ruídos e pancadas etc. sejam ocasionados pelos Espíritos, porque isso seria simplesmente ridículo e irrisório. Pelo contrário, inúmeras vezes os Espíritos são tidos como responsáveis por fatos que não produziram.

Os fenômenos físicos, entretanto, como todos os demais que provêm dos Espíritos, são logo percebidos e uma pessoa que conheça a doutrina pode imediatamente saber quando tais manifestações se originam de um Espírito ou de outra causa qualquer, natural, conhecida.

Há, entretanto, fenômenos de ordem puramente física, que merecem especial menção. São fenômenos obtidos, quase sempre, em sessões sérias, bem controladas, assistidas por pessoas crentes ou mesmo pelas que desejam estudar e certificar-se da realidade da sobrevivência do Espírito e da sua comunicação. Ainda sobre esses fenômenos, convém lembrar o que Kardec já observou em seu *Livro dos Médiuns*:

Assim, quando qualquer objeto é posto em movimento, arrebatado ou atirado ao ar, não significa que o Espírito o tome com as mãos, e o arraste ou atire, como o faríamos nós outros. Os Espíritos saturam esses objetos com o seu próprio fluido, combinado com o do médium, e o objeto, assim animalizado momentaneamente, atua como o faria um ser vivo, com a diferença de que, não tendo vontade própria, segue, apenas, o impulso volitivo do Espírito.

Dadas estas explicações que julgamos necessárias, relatemos o conteúdo de duas importantes atas de magníficas sessões de efeitos físicos, realizadas

na Capital da República e de que nos dá conta Dr. Julio Pinto Brandão, segundo publicação na *Revista Internacional do Espiritismo*, de Matão, em seus números de 15 de dezembro de 1930 e 15 de janeiro de 1931:

Pouca gente, fora da numerosa família espírita desta Capital, conhece os pasmosos fenômenos de ordem física e intelectual que se vão desdobrando em núcleos de experimentadores, especialmente organizados para o estudo metódico e acurado do Espiritismo. É notório que esta doutrina vai penetrando fundo em todas as camadas sociais. Estuda-se a valer a *Terceira Revelação* e, pode-se afirmar, sem receio de honesta contestação, que não existe família na qual não se encontre pelo menos um espírita declarado ou encoberto. Não vamos entrar em comentários, estamos apenas registrando fatos para passarmos a resumir atas de sessões muito interessantes que se estão realizando entre nós.

Em sua residência à Rua Bonfim n.º 40, o distinto médico Dr. Ernesto de Souza reúne todas as semanas escolhido número de pessoas para a verificação dos fenômenos produzidos pelos Espíritos.

Aí, como nas demais sessões experimentais, desta cidade, são tomadas todas as precauções, até com excesso de rigor, para que não resulte a mais leve dúvida sobre os resultados das sessões. Para isso, construiu-se de ripas fortes uma cabine de madeira, onde o médium se assenta. Ela está pregada ao solo e a uma das janelas que abre para o jardim da frente do edifício; a porta da cabine fechada à corrente grossa, com cadeado; lacrada e corridos dois fechos de metal; as portas e janelas do aposento são hermeticamente fechadas e lacradas; os assistentes são amarrados a suas cadeiras e a seus vizinhos por um fio controle cujas extremidades são lacradas.

Pois é nesse meio onde tudo é rigoroso que se passam os fatos que relatamos. No dia 31 de agosto último, ali reuniram-se as seguintes pessoas: Dr. Ernesto Fernandes de Souza, Marie Louise de Rooy e Souza, Dr. Eugênio da Cruz Machado, Leopoldina da Cruz Machado, Joaquim Alves, João Carlos de Mendonça Furtado, Alice Alves, Alfredo de Souza, Constance de Souza, Antonio Montenegro, Eulalia Montenegro, Bertha Korret, José Custodio de Araújo, Dr. Julio Pinto Brandão e Dr. Sebastião Caramuru, Teolinda Bitencourt, Antonio Vasconcelos e Dagmar Vasconcelos.

Às 19 horas e trinta minutos foram iniciados os trabalhos pelo

presidente, Sr. Antonio Montenegro. Dr. Brandão e Dr. Caramuru lacraram as portas e janelas, fecharam e lacraram a cabine, a chave do cadeado ficou em poder do Dr. Caramuru. Antes de o médium, Sr. José Custodio de Araújo, entrar na cabine, foi esta rigorosamente examinada pelo Dr. Souza Brandão, Dr. Caramuru e Sr. Vasconcelos. Sobre uma folha de papel pardo, de embrulho, estendida no assoalho, foram colocados os seguintes objetos: um pandeiro, um reco-reco, dois flex-à-tone, um apito, uma flauta de celulóide, uma gaita, uma corneta de papelão, uma sineta pequena, um ladrilho com pó de sapato, um lápis tinta, uma folha de papel rubricada pelos últimos citados, vinte botões de rosas naturais, um porta-voz de folha de flandres, um litro de água, um tubo de borracha de metro e meio de extensão, uma caixa de madeira fechada a chave, amarrada e lacrada, contendo no interior um lápis, uma folha de papel almaço datada e rubricada pelos mesmos senhores e um tímpano de metal. A chave ficou em poder do Dr. Brandão. A máquina de escrever, pronta para ser utilizada, foi colocada a um canto da sala, fora da assistência, tendo no rolo uma folha de papel autenticada. Ao lado esquerdo da máquina, foi colocado um copo cheio de água. No lado oposto da sala, estava uma vitrola com discos. Ao lado direito da máquina de escrever, no vão da outra janela, foram colocados dois baldes, um contendo água fria e outro com água fervente e parafina fundida. Ligou-se a luz vermelha e apagou-se a branca. Dr. Caramuru fez a prece de abertura dos trabalhos e apagou-se a luz. O presidente declarou aberta a sessão. O Espírito-guia, Benedita, incorporou-se ao médium Araújo, pedindo aos assistentes um instante de concentração de pensamentos e, depois de se terem manifestado os demais Espíritos auxiliares da sessão, a Sra. Marie Louise pôs a vitrola em funcionamento. Minutos depois, ouviu-se no assoalho a queda de um objeto atirado com força e percebeu-se, na vitrola, um tamborilar com a ponta dos dedos, acompanhando a música que tocava.

Novos objetos foram jogados ao chão, com violência. Todos viram, dentro da cabine, uma luz forte e, em seguida, um facho de luz, à semelhança de um pequeno farol, percorreu a sala. A máquina de escrever foi posta em funcionamento e o porta-voz, levantado a grande altura, bateu várias vezes no lustre, chamando atenção dos assistentes para aquele local. Foi jogado ao chão, logo depois. Enquanto isso, a máquina de escrever continuava a ser movimentada, ouvindo-se o ritmo

forte dos tipos, o deslizar do carro e, de vez em quando, o espaçador.

A vitrola foi desligada por mãos invisíveis. O Espírito escolheu um disco do seu agrado, colocou-o no aparelho e o pôs em funcionamento, fechando o abafador com força. Percebeu-se, depois, pelo ruído produzido, a corda da vitrola e, em seguida, a manivela foi retirada e entregue a Sra Marie Louise.

O pandeiro foi elevado à grande altura, sacudido com força e jogado ao chão. O Espírito chamou a atenção dos assistentes, sacudindo com muita força a corrente que fechava a porta da cabine.

Sr. Machado sentiu que lhe tocaram na perna esquerda e sacudiram a cadeira em que se assentava. Ouviu-se bater à porta de entrada da sala, e, em seguida, na janela, onde se achavam os baldes. Escreveram de novo à máquina. Sr. Brandão sentiu que lhe tocaram o pé direito. Pelo ruído produzido, percebeu-se que escolhiam discos e a Sra. Marie Louise disse que o Espírito acabava de lhe entregar um. Mãos invisíveis puseram a vitrola em funcionamento, e ouviu-se o choque do abafador. Tamborilavam com os dedos a vitrola, acompanhando a música que tocava.

Uma réstea de luz, de um azul prateado, foi vista por todos dentro da cabine. Sr. Montenegro disse que lhe tocaram o pé. Ouviu-se o arrastar dos baldes e, em seguida, que o Espírito mexiam nas águas fervente e fria.

Pelo ruído produzido, parecia que alguém misturava os objetos colocados no centro da sala. O porta-voz levantado muito alto percorreu, em várias direções, o aposento. Luzes fortes, acompanhadas de relâmpagos, percorreram a sala de sul a norte. O porta-voz imobilizou-se por um instante à altura do lustre, e por ele o Espírito falou com voz clara, perfeita, saudando os assistentes: *“Boa noite”*. Todos responderam, dando graças a Deus. No centro da sala viu-se o Espírito, quase completamente materializado, e, ao mesmo tempo, no teto, projetada por baixo, uma luz espiritual concentrada, como que de um farol, iluminou o “fantasma”, projetando dentro de um círculo de luz intensa, de mais de meio metro de diâmetro, o contorno perfeito de uma cabeça humana que se deslocou de um para outro lado, fiscalizada sempre pelos experimentadores.

Extinguuiu-se a luz, o Espírito se desmaterializou. Outro Espírito tomou o tubo de borracha, desenrolou-o, introduzindo-o no litro. Por ele

assoprou demoradamente. Ouviu-se o som característico da água agitada pelo sopro.

Dr. Ernesto chamou a atenção do Dr. Brandão para esse fenômeno, visto demonstrar a materialização de sólidos pulmões. Quando Dr. Ernesto terminou sua observação, o Espírito tocou sua perna e, em seguida, bateu várias vezes no assoalho com o litro. As flores que tinham sido espalhadas no centro da sala foram levadas a grande altura e jogadas aos assistentes. O Espírito espargia água sobre todos os presentes. Atirou também uma rosa que foi cair entre Dr. Brandão e Dr. Machado. O canto da sala onde estavam os baldes de água fria e com parafina fundida, foi iluminado de alto a baixo com um fortíssimo relâmpago de luz espiritual. No meio dessa luz, os assistentes viram de costas o vulto de um homem alto e corpulento. Luzes intensas percorreram a sala em todas as direções. Sobre a máquina de escrever, uma luz se imobilizou durante meia hora mais ou menos. Na cabine, percebeu-se uma fraca réstea de luz. De vez em quando, acendia-se grande foco luminoso que permitia ver o médium em transe.

O Espírito-guia, Antonio, incorporou-se ao médium Araújo e pediu para serem os trabalhos encerrados. Sr. Antonio de Souza acendeu a luz vermelha; Dr. Ernesto fez a prece de encerramento. Acendeu-se a luz branca.

Depois de examinado, rompeu-se o fio do controle que prendia os assistentes. Dr. Brandão e Dr. Caramuru, Sr. Vasconcelos e Sra. Dagmar examinaram atenta e minuciosamente a cabine, romperam o selo, abriram o cadeado e soltaram o médium. Os objetos colocados no centro da sala, no princípio da sessão, estavam todos eles fora dos lugares. As flores estavam espalhadas pelo chão, junto à vitrola e em frente das senhoras Marie Louise, Berta, Teolinda e Alice. Muitos botões de rosas estavam aos pés do Sr. Alfredo. O Espírito deixou uma das extremidades do tubo de borracha dentro da garrafa. Junto aos baldes, modelada em parafina, encontramos um molde de mão humana. No colo da Sra. Teolinda o Espírito deixou uma flor imperfeita, modelada em parafina. No papel colocado na máquina de escrever, estavam impressas letras e algarismos. Dr. Brandão rompeu o selo e destrançou a caixa de madeira; dentro dela, sem alteração alguma, foram encontrados o lápis, o tímpano e a folha de papel rubricado. Os selos das portas e janelas estavam perfeitos.

A ata foi assinada por todos os presentes.

\* \* \*

Sessão do dia 7 de setembro de 1930.

À mesma hora, portas e janelas lacradas, o médium trancado e lacrado na cabine, como na sessão anterior. A mesma assistência, com exceção de Dr. Julio Pinto Brandão e das senhoras Constance Souza e Teolinda Bitencourt, todos sentados e amarrados pelo Sr. Alfredo e Dr. Ernesto, com o mesmo controle; no centro da sala, o papel com os mesmos objetos, dalias e rosas.

Sr. Antonio Montenegro presidiu a sessão. As folhas de papel para escrita direta colocadas na máquina de escrever, no centro da sala e dentro da caixa de madeira, foram rubricadas pelo Sr. Vasconcelos e Dr. Caramuru. A chave da caixa ficou em poder da Sra. Dagmar e a da cabine com o Sr. Vasconcelos.

Antes de iniciar a sessão, Sra. Dagmar, Sr. Vasconcelos e Dr. Caramuru examinaram cuidadosamente a cabine. Acendeu-se a luz vermelha. Dr. Caramuru fez a prece de abertura, o presidente abriu a sessão, apagando-se a luz. O Espírito-guia incorporou-se ao médium, Sr. Araújo, e depois, um a um, comunicaram-se todos os Espíritos familiares, saudando os assistentes e dando instruções para o bom andamento dos trabalhos. Sra. Marie Louise recebeu ordem para pôr a vitrola em funcionamento. Esperamos alguns minutos. De repente, um foco luminoso apareceu e se extinguiu dentro da cabine; depois, uma réstea de luz iluminou-a de alto a baixo; a luz não irradiou, mas permitiu aos assistentes verem as ripas de madeira de que é construída a cabine. A sala voltou à escuridão. Um botão de luz avermelhada apareceu dentro da cabine, elevou-se, saiu pela parte superior e, ora em grande altura, ora baixando até poucos centímetros do solo, velozmente, percorreu a sala em várias direções e desapareceu. Um Espírito assobiava, acompanhando a música da vitrola, enquanto outro apertou a cabeça da Sra. Alice Alves, dando-lhe impressão de que lhe colocara um capacete. Uma luz forte, como que produzida por um farol, iluminou o alto da cabine, somente o alto, porque a parte baixa e a sala permaneceram no escuro. Um Espírito apitou no centro da sala, outro foi à vitrola, abriu-lhe a tampa, parou a música, escolheu um novo disco

no depósito, substituiu o que estava no prato, pôs o instrumento em movimento, fechou o abafador, deu-lhe corda e, célere, partiu para o outro extremo da sala. A cena empolgou a assistência.

Um Espírito tomou o porta-voz, levitou-o, percorreu a sala juntamente com outro Espírito que conduzia um foco de luz espiritual vermelho-alaranjado. Os dois Espíritos, um ao lado do outro, deram volta à sala passando pela frente de todos os assistentes; diante do Dr. Caramuru, Espíritos quase paravam e, um deles, mui delicadamente pisou-lhe o pé. Uma luz forte semelhante a um farol percorreu lentamente a sala de um a outro extremo, depois, se fixou entre Dr. Machado e a cabine, e projetou no teto um círculo de luz intensa, de cerca de meio metro de diâmetro, no qual se viu o contorno perfeito de uma cabeça humana. A projeção luminosa andou, lentamente, na direção dos baldes, até cerca de dois metros de altura, imobilizou-se por alguns instantes, e desapareceu. Dr. Ernesto, nesse momento, declarou ver distintamente um vulto no centro da sala. O fenômeno da projeção luminosa se repetiu com a mesma intensidade. Ao mesmo tempo, o pandeiro foi levitado, tangido com energia e atirado com força ao chão. Enquanto um Espírito se servia da máquina de escrever, movimentando-a com relativa velocidade, outro ergueu o pandeiro e começou a tocá-lo. Cada Espírito se apresentava com a sua luz própria, cuja tonalidade ia do azul-prateado do Espírito-guia ao vermelho-rubro do mais modesto operador de fenômenos. Um Espírito foi à vitrola e fê-la parar; retirou um disco do depósito e o entregou à Sra. Marie Louise, tirou o que estava na vitrola e deu ao Sr. Montenegro, tomou o que estava nas mãos da Sra. Marie Louise e colocou-o na vitrola; deu corda ao instrumento, destravou-o para que tocasse, fechou o abafador, bateu com um corpo duro na tampa da vitrola; o Espírito fez o instrumento parar e partiu para a cabine, dentro da qual perceberam-se “passes” dados ao médium. Um Espírito levitou a corneta de papelão e atirou-a ao chão. Apareceram quatro luzes ao mesmo tempo: uma, pequena, se imobilizou acima da máquina de escrever; outra se movimentou dentro da cabine; a terceira percorreu a sala e a quarta se dirigiu para os baldes, onde permaneceu em contínuo movimento, como quem trabalha com diligência. Ouviu-se o arrastar dos baldes e a bulha d’água produzida pelo Espírito. Tocaram a campainha, arrastaram a caixa de madeira e teve-se a impressão de que romperam o fio de controle que a fechava. Atiraram a campainha

com força para o meio da sala.

O porta-voz foi levitado à grande altura, imobilizou-se no ar para o momento solene: o Espírito ia falar. Dr. Caramuru fez uma prece a Deus, pedindo forças para os Espíritos que trabalham nestas sessões. Pelo porta-voz, lá do alto, por duas vezes o Espírito disse: “Que assim seja” e falou ainda “Graças a Deus”. Largou o porta-voz que, com estrondo rolou pelo assoalho. Atiraram gotas d’água nos assistentes. E novamente o Espírito levitou o porta-voz e com ele percorreu a sala, batendo levemente na cabeça de todos os assistentes. Alguns foram tocados nos braços e nas pernas. Findo este interessante trabalho, a corneta acústica foi jogada ao centro da sala. O Espírito outra vez apanhou o porta-voz, levitou-o e por ele falou com voz sonora: “Salve Deus! Salve José!”. Em seguida, se dirigiu para a cabine com o porta-voz; bateu várias vezes nas ripas, depois passeou pela sala atirando o porta-voz de uma para outra mão; ao mesmo tempo, dentro da cabine, outra entidade dava passes no médium.

O Espírito com a corneta acústica parou no centro da sala, todas as atenções se voltaram para esse ponto, a fim de ouvir a voz de Além-Túmulo. O Espírito disse: “Amor ao médium; graças a Deus; amor ao médium”. Outro Espírito de novo escreveu à máquina. As flores que havíamos colocado no centro da sala foram sacudidas junto à cabine. Foram jogados ao chão o porta-voz, o reco-reco e o litro de água. O Espírito bateu com a mão espalmada no teto e na porta junto à cabine. Borrifaram água em todos os assistentes. Pelo porta-voz, novamente levitado, o Espírito falou: “Sejam amigos do José, graças a Deus!” Por duas vezes ainda, recomendou: “Amor ao médium, amor ao médium”. Atirou a corneta acústica para o centro da sala e desapareceu. O Espírito-guia, Benedita, incorporando-se ao Sr. Custodio de Araújo, mandou encerrar a sessão.

Acendeu-se a luz vermelha, Sr. Mendonça Furtado fez a prece de encerramento dos trabalhos, e Sr. Alfredo de Souza declarou encerrada a sessão. Fez-se luz branca. Dr. Ernesto de Souza, Dr. Caramuru e Sr. Vasconcelos examinaram o controle dos assistentes, o cadeado e o selo da cabine, achando-os intactos. Sr. Vasconcelos destrancou o cadeado, rompeu o selo, soltando o médium. No ombro dele estavam flores que haviam sido colocadas no centro da sala, ao iniciar-se a sessão, com exceção de um botão de rosa que guardava o seu lugar anterior. Todos

os objetos tinham sido mudados de lugar. Encontrou-se sobre a folha de papel rubricada um molde de mão humana, imperfeitamente modelado em parafina. A campainha estava coberta de parafina, parecendo que o Espírito tentara materializar, resultando negativo o seu trabalho. No papel da máquina de escrever estavam impressas letras e algarismos. Na caixa de madeira não se constatou nenhum fenômeno. (ass.) Dr. Julio Pinto Brandão.

\* \* \*

O leitor decidido a ler e meditar desapassionadamente sobre todos os fatos que aí ficam, sendo sincero, há de forçosamente confessar que os fenômenos relatados são de molde a provocar estas interrogações:

Será possível que tanta gente fosse iludida assim, tão ingenuamente? Será possível, então, que os que creem sejam enganados e os que negam sejam os inteligentes? Quem sabe se não será o contrário?

Por que, então, negar sem provas, quando em verdade as provas confirmam a veracidade da Doutrina Espírita?

Homens de letras, homens eruditos, verdadeiros cientistas, sábios escritores, doutores em Medicina, em Direito e Engenharia, artistas, poetas, notáveis celebrações, astrônomos, matemáticos, físicos, químicos, pesquisadores sérios e inteligentes, homens de reconhecida idoneidade moral, social e religiosa, vários pastores e autoridades da Igreja Católica e da Igreja Protestante, todos afirmam, declaram sem reboços sem subterfúgios, sem temores de crítica, a uma voz, que os Espíritos têm vida eterna, sobrevivem à morte e se comunicam e eu, sem elementos, sem provas, sem base, sem estudo e conhecimento da doutrina, poderei negar, negar e negar, porque outros negam, usando somente do direito comum de liberdade que me faculta descrer?

Estas e outras tantas interrogações têm passado pela mente de muitos homens. Neste livro, tudo foi feito para que não se creia cegamente. A parte teórica levou o leitor ao estudo científico de certos pontos necessários para a formação da sua fé. A parte prática está prosseguindo, metódica, coordenada, não citando somente os fatos, como, dentre eles, os veracíssimos, bem testemunhados, perfeitamente controlados, além da crítica que têm merecido do autor.

Não colherá, então, o leitor sincero, motivos para crer? Temos a audácia

e a pretensão de responder que “sim”.

Este o nosso objetivo. Este o nosso desejo, o nosso escopo e toda a finalidade deste livro, que, se bem não proporcionar, mal algum fará. Temos disto plena convicção.

O impressionante e veracíssimo fato que se verificou numa sessão em Sergipe, mencionado pelo *Diário Oficial* desse Estado, n. 3.068, de 20 de agosto de 1930, de acordo com a ata respectiva, será mais um grande motivo para a confirmação absoluta da nossa tese.

Vamos transcrever sem nenhuma omissão:

## IMPRESSIONANTE FENÔMENO ESPÍRITA

*Num júri em Sergipe, a vítima áe um assassino manifesta-se no corpo do réu e reconstitui o delito.*

O *Diário Oficial do Estado de Sergipe*, nº 3.068, de 20 de agosto do ano de 1930, publicou a Ata da Sessão do que abaixo transcrevemos, omitindo apenas as formalidades iniciais do ato:

Aos dez dias do mês de junho de mil novecentos e trinta, nesta cidade de Aracaju, capital do Estado Federado de Sergipe, no edifício do Palácio da Justiça, no salão do Tribunal do Júri, aí presentes o Juiz de Direito da 3ª Vara da Comarca e presidente do Tribunal do Júri, Doutor Olímpio de Mendonça, o Promotor Público da Comarca, Doutor Enok Santiago, jurados e partes, comigo, escrivão do seu cargo adiante nomeado, às dez horas da manhã, designadas para os trabalhos do Júri, pelo respectivo oficial...

Instalado o Tribunal com todas as formalidades da lei, em seguida fez o Juiz de Direito o interrogatório dos réus, separadamente, e logo após iniciei eu, escrivão, por ordem do dito juiz, a leitura do processo: no ato de ser lido o auto de levantamento do cadáver, deu-se um caso estranho com o réu Heraldo Sebastião dos Santos, que chocou fundamente o corpo de jurados e toda assistência, tendo o Dr. Juiz de Direito solicitado a intervenção do Dr. Rodrigues Nou, Juiz de Direito da Comarca de S. Cristovam, que se achava casualmente no edifício, pessoa entendida em psiquismo, para intervir no caso; suspendeu a sessão e mandou recolher o réu à Penitenciária do Estado, em carro da Assistência Pública, solicitando ao Dr. Enok Santiago, Promotor

Público da Comarca, Dr. Clodomir de Souza e Silva, curador do réu, que se dignassem de descrever o acontecimento, tal como observaram, a fim de fazer constar da presente ata.

O doutor promotor passou a narrar o caso do seguinte modo: “Em plena sessão do Júri que se realizava hoje no Palácio da Justiça, desta capital, ocorreu um fato de verdadeira sensação. Procedia o escrivão, Sr. Durval Correia de Araújo, à leitura do auto de exame cadavérico de Pedro de Tal, encontrado morto no povoado Barro Vermelho, nesta cidade, quando se ouviu na sala voz que pronunciava estas palavras: “Louvado seja N. S. Jesus Cristo”, seguida de um baque que era a queda do corpo do réu Heraldo Sebastião dos Santos, acusado da morte de Pedro de Tal, juntamente com o réu José Feliz dos Santos. Tomada de pasmo, a assistência logo compreendeu tratar-se de um fenômeno que para uns era julgado como epilepsia, e para outros uma revelação espírita. Maior apreensão causou ainda a todos, quando se constatou que a posição em que caíra o doente, ou o atuado, era justamente a que correspondia à posição descrita pela peça judiciária firmada pelos médicos legistas, em que foi encontrado o cadáver do assassinado, e que se acabara de ler. De bruços na sala do Júri, o réu entrou a narrar o crime que se ia julgar, passando então a ser obstada a narrativa por intervenção do Dr. Rodrigues Nou, que, por coincidência, foi encontrado em outra dependência do Palácio da Justiça e convidado a se manifestar a respeito, como conhecedor do fenômeno. O réu disse que estava jogando, tendo posto 10\$000 numa carta, chegando a ganhar 116\$000, declarando então o morto que não pagaria a importância. Nesta altura, parou a narração, entrando a soluçar acompanhado de convulsões. Depois, declarou: “Aqui está Manoel Lindolfo da Lucia!” Este era um empregado do Sr. José Freire Barreto, assassinado pelo outro réu, José Felix dos Santos. Continuando sob a doutrinação do Dr. Rodrigues Nou, Heraldo repetia, de quando em quando, as crises, levando quedas chegando a quebrar uma cadeira. Chamada a ambulância, Heraldo foi, em estado de sonambulismo, conduzido para a Penitenciária do Estado, onde aguardará seu próximo julgamento, no fim do ano. Antes do ataque, o réu, ao ser interrogado pelo juiz, se tinha alguma declaração a fazer aos jurados, disse: “Eu tenho tanta culpa nesse crime quanto a Virgem Santíssima!” heresia esta que impressionou a assistência. Heraldo sempre negou o crime, sendo a cena

de hoje, em que foi protagonista, uma observação para os entendidos. As declarações de Heraldo são desconhecidas do processo, pois o crime praticado misteriosamente não ficou desvendado em minudências. Dr. Clodomir de Souza e Silva, narrando o acontecimento, o fez da seguinte maneira: qualidade de curador dos réus Heraldo Sebastião dos Santos e José Felix dos Santos, processados pelo crime de homicídio cometido contra Pedro de Tal, no local Barro Vermelho, arrabalde desta cidade, compareci à sessão do Júri no dia 10 de junho corrente, quando iam eles ser julgados. Declaro que no momento em que se começava a leitura do processo, o acusado Heraldo, sem nenhum movimento ou circunstância que denotasse anomalia em suas funções orgânicas tanto que por ocasião do interrogatório declarou que “era tão culpado naquele crime como a Virgem Santíssima” caiu de repente em meio à sala, na posição em que foi encontrado o cadáver de Pedro de Tal: de bruços, com o braço direito sob o abdômen e o esquerdo estendido em seta ao longo da cabeça, começou a mover-se da direita para a esquerda e, em voz abafada, porém perfeitamente inteligível, pronunciou esta expressão: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”, e entrou a identificar-se um indivíduo, que dizia ser o assassinado, anunciando que o crime se dera por questão de jogo, havendo, em uma mesa em que estavam o assassinado José Felix, Heraldo e alguém chamado “Palmeira dos índios”. Heraldo, tendo escondido uma carta do rei de copas, colocou-a no bolso, carta que era maior, e que apresentou para ganhar dele, assassinado, a importância de 130 e tantos mil réis. A esta oportunidade, consultou o juiz ao Promotor e ao Curador dos réus quanto a conveniência de chamar-se um médico, ponderando-lhe o curador o que ora aqui se declara, não lhe parecer preciso, visto não se tratar de doença, mas sim de um fenômeno estranho aos arraiais médicos. Solicitado, como pessoa versada em ocultismo, o senhor Juiz de Direito de S. Cristovam, Dr. José Rodrigues Nou, este aplicou fórmulas que fizeram o paciente voltar ao estado normal. Logo depois, Heraldo tombou em outra posição, proferindo a mesma expressão: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”, e identificando-se como “Manoel Lindolpho da Lucia”, nome que coincide com o de um homem assassinado há tempos, corréu de Heraldo, José Felix dos Santos, por qual crime o mesmo Felix foi condenado a seis anos de prisão e está cumprindo a pena. Aplicadas as mesmas fórmulas pelo Dr. José

Rodrigues Nou, voltou Heraldo aos sentidos, sucedendo-se, a requerimento do curador dos réus, Dr. juiz presidente do Júri levantar a sessão, sendo o réu estudado pelo Dr. Rodrigues Nou e depois remetido à Assistência Pública para, se preciso, ser medicado. Tendo tudo de perto observado, posso afirmar: 1.º) Houve queda do corpo e imobilidade menos da cabeça que se movia da direita para a esquerda, lentamente; 2.º) A feição de Heraldo estava pálida e uma crise de choro, depois de despertado, o dominou por muito tempo. De sua boca não corria espuma, nem os olhos estavam congestos; 3.º) Após a volta aos sentidos, não estava ele de aspecto espantado e com olhos congestos. É tudo quanto posso dizer que é a impressão que o fato sobrenatural me causou. E em virtude de ter-se dado este fato anormal em plena sessão, o Juiz de Direito suspendeu-a, como acima ficou dito, mandando lavrar a presente ata que assina com o promotor e o advogado Dr. Clodomir de Souza e Silva, que também assina, em virtude do acontecimento por ele relatado. Eu, Durval Correia de Araújo, escrivão do Júri, escreví.”

(Ass.) Olímpio Mendonça Enok Santiago Clodomir de Souza e Silva.

\* \* \*

Os fatos que se seguem, legitimamente autenticados, são colhidos a esmo de várias revistas e jornais espíritas e alguns, transcritos de folhas profanas, sem nenhuma ligação com os credos religiosos. Outros, ainda, fomos buscá-los em diversas obras, dentre as quais avultam as que tem escrito e publicado o erudito escritor italiano Sr. Ernesto Bozzano, a cuja capacidade e comprovado método de estudo, análise e crítica da fenomenologia espírita se deve, em nossos dias, a mais forte documentação que se possa exigir.

Um decidido empenho de bem orientar os leitores tem sido a norma sadia que adotamos desde o início deste livro. Colhendo criteriosamente, dentre os fatos, aqueles que tenham sido observados por pessoas insuspeitas e de idoneidade comprovada, nutrimos a certeza absoluta de que estamos, assim, fazendo obra útil, sem reticências e sem omissões que poderiam oferecer dúvidas quanto a sua origem.

Quiséssemos relatar todos os fenômenos que conhecemos e que têm sido registrados em vários grupos e centros espíritas, e estas páginas seriam

de todo insuficientes para contê-los. Muitos constituem excelentes provas, porém, falta-lhes o principal, que é a autenticidade absoluta e comprovada, registro em atas assinadas pelas testemunhas presentes, no momento. Sabemo-los verdadeiros, mas, como estamos escrevendo para espíritas e não espíritas, muito principalmente para esses, todos os fenômenos e as circunstâncias em que se produziram, com os mínimos detalhes, devem ser perfeitamente autenticados.

Várias são as cartas em meu poder, dando conta de fatos autênticos muitos interessantes. Deixo, entretanto, com muito pesar, de lhes fazer referências especiais, porque vêm desprovidos dos testemunhos exigidos pelos descrentes.

Entremos, assim, a peneirar pelo crivo do critério e do bom senso, os que temos à mão e vamos aos que nos servem, porque cercados da garantia completa do bom testemunho, a fim de que não percam o valor de excelentes provas, e bordemos, em torno deles, a nossa opinião e a respectiva crítica que os assegura contra prováveis, possíveis e até inevitáveis refutações.

## VALORES E TESTEMUNHOS

Com este título, *O Reformador*, órgão da *Federação Espírita Brasileira*, abriu colunas, com o fim de registrar fatos merecedores da maior divulgação, em abono da mediunidade.

Atendendo ao apelo que neste sentido fizera aquele órgão da imprensa espírita, Sr. João Feliciano Alves lhe enviou relato de um caso muito interessante que passamos a transcrever em seguida, afirmando que já o conhecíamos, porque no-lo havia narrado aquele confrade, como que a pessoa a que se refere é um homem conhecido nesta cidade onde reside e se encontra estabelecido com casa comercial, há muitos anos. Vamos ao fato, valendo-nos da narração publicada em *O Reformador* (números 2,3 e 4 de janeiro e fevereiro de 1934).

## UMA CARTOMANTE

Em 1890, morávamos no Saco dos Limões. À tarde de 11 de dezembro nos reunimos em família e resolvemos ir consultar a cartomante Francisca Fiel sobre a saúde de minha mãe que estava

gravemente enferma.

A boa mulher nos acolheu com solicitude e, lançando as cartas, disse: “Sua mãe está mal; porém, não morre. Mas as cartas dão uma coisa que não posso dizer. Será verdade? Que horror!!”

Alarmados, perguntamos de que se tratava e ela nos respondeu:

- Não posso dizer. É muita responsabilidade...

- Diga, não tenha receio, guardaremos segredo disse-lhe eu.

- Bem, vou deitar novamente as cartas consentiu a mulher.

No entanto, lançando-as, exclamou:

- Meu Deus! Que horror... Ah! não digo, não!...

Novamente insisti para que nos dissesse o que havia visto, prometendo guardar completo sigilo. Então, continuou:

- Daqui a três semanas sua mãe deixará o leito, mas, no mesmo dia, seu pai morrerá repentinamente. Sua morte, porém, não será de Deus. Será envenenado numa pequena casa de negócio, quando estiver divertindo-se, jogando cartas. Ele tem no pescoço uma oração de S. João que trocara no lugar da de S. Antonio. Fez esta troca porque se acha muito doente...

Retiramo-nos apavorados e, no mesmo dia, procurei certificar-me do que nos fora dito com relação à oração.

Tendo meu pai adormecido, desabotoei-lhe a camisa cautelosamente, mas ele despertou. Um tanto atrapalhado, perguntei-lhe:

- Que é isso que papai tem aí pendurado no peito?

- É uma oração de S. João que o Mestre Gamboa, preto entendido, me deu. Aceitei este *breve*, porque ando muito doente. Por isso, tirei o meu S. Antonio. Tenho medo de ir só para o mercado, espero pelo Manoel Laurindo Cara, para irmos juntos.

Fiquei perplexo e impressionado diante de tudo isso.

A perspectiva era aterradora e a primeira semana foi um verdadeiro suplício para mim; mas, ao começar a segunda semana, como por encanto, não me lembrei mais de coisa alguma do que se passara...

A 31 de dezembro, o estado de saúde de minha mãe era lisonjeiro e eu lhe pedi permissão para ir a um baile em casa de Dona Tibúrcia Espezin.

Respondeu-me ela:

- Vai, rapaz, diverte-te. Amanhã, sendo 1.º do ano (dia em que se completavam as três semanas preditas) vou-me levantar para entrar em convalescença.

Meu pai, que gostava de me ver dançar, foi também ao baile e, por pândega, pôs uma vela na mão de Manoel Feitor, que adormecera em uma cadeira.

Na manhã de 1 de Janeiro de 1891, às oito horas, rumei para a cidade, para a loja de chapéus do saudoso Henrique de Abreu, onde era empregado. Fechou-se o comércio às 11 horas, e me fui a jogar uma partida de bilhar com o amigo Antonio Linhares. Subitamente, fui dominado por uma tristeza invencível. Com surpresa do meu parceiro, dei a partida por terminada e, para desculpar-me, disse-lhe que sendo dia de Ano Bom, me tinha comprometido a ir almoçar em casa, com a família.

Parti para o Saco dos Limões e, quando estava em frente à fábrica de macarrão Bergamini, que ficava de frente do Hospital Militar, ao penetrar na reta de cerca de oitenta metros que vai ter ao sobradinho, que ainda vai ter na Prainha, avistei o pardo Boaventura, que me vinha chamar e que assomava na outra extremidade da reta... Fiquei perplexo, imóvel e aflitíssimo, sentindo-me como que levitado, com forte pressão na garganta, como se me estivessem estrangulando.

Boaventura aproximou-se, mas eu estava imóvel... Antes que me falasse, perguntei-lhe angustiado:

- Mamãe morreu?

O amigo, com a mão sobre meu ombro, disse:

- Não, meu branco.

- Que foi então?

Depois de alguma indecisão, ainda com a mão no ombro, Boaventura me disse trêmulo:

Seu pai se estava divertindo, a jogar o solo com seu Brasa e seu Bertoldo, quando caiu da cadeira e morreu.

Eis realizada em todas as suas particularidades a profecia da cartomante!...

*Incertezas, pesquisas e sonhos*

Realizada a profecia de Francisca Fiel, senti-me dominado pelo

desejo de saber quem fora o assassino de meu pai... Cerca de sete anos de dúvidas, de desalentos, consumi nas minhas infrutíferas pesquisas!...

Logo após o seu passamento, sonhei que estava numa cidade de grande movimento (tive a intuição de ser o Rio de Janeiro), caminhando por uma rua extraordinariamente transitada. Na primeira rua transversal à esquerda, vi algumas casinhas numa subida bem acidentada. Prosseguindo pela mesma rua, deparei com um bombeiro, pardo, magro, baixo, de barretina, a refrescar o entulho do incêndio de um sobrado situado na esquina, com o seguinte letreiro:

“Aos 18 bilhares”!

Despertei por algum tempo, talvez o necessário para gravar profundamente na memória essa primeira parte do sonho, e tornei a adormecer...

Sonhei, então, que estava na mesma cidade, procurando um emprego. Atrai-me por uma rua curta, de uma só quadra. Detive-me a apreciar as casas, mas fui advertido: “Vai ver o emprego primeiro, depois vê com calma o que tanto te interessa”. Prosseguindo, entrei num grande campo, onde não vi pessoa alguma. Novamente, me detive e, novamente, ouvi a mesma advertência que por três vezes já me havia sido feita.

Então, apressei-me em chegar à casa de comércio onde ia empregarme e, subindo rumo sul, notei que o campo era edificado dos quatro lados, havendo à esquerda um muro. As casas ficavam elevadas, devido ao desaterro feito para nivelamento da rua. Cheguei à casa que procurava e fui admitido como empregado. Junto, havia uma padaria de nome “Esmeralda”.

Satisfeito, saí a ver o campo que tanto me atraía. Voltei pela mesma rua. À esquerda, vi algumas quitandas e, numa delas, um papagaio. Postado a certa altura, no fim da rua, contemplei o campo, de frente para o norte. O isolamento era completo... Por algum tempo, estive observando e vi um homem de cor preta, ultimando a caiação de uma casa que tinha a frente voltada para o sul.

Então, pensei em apoiar a mão na esquina da casa, imaginando: “Se der um passo lateral à direita, verei o mar”. Tanto me veio esse pensamento, já me senti no ponto referido. Vi o mar e para ele me encaminhei. Chegando ao ponto desejado, vi diversos grupos de operários construindo extenso cais. A maré estava cheia, mas o mar

calmo, qual um manso lago. Andando em zigue-zague, ora sobre o cais, ora sobre o aterro, fui até a parte leste, já concluída, onde encontrei um obstáculo que me impediu de continuar. Rumei para o sul... Despertei...

### *Viagem inesperada*

Em 1896, já se falava, embora vagamente, no Espiritismo e se faziam referências a casos espíritas ocorridos no Rio de Janeiro. Concebi, então, a ideia de ir ao Rio, para ver se descobria pelo Espiritismo quem fora o assassino de meu pai. Essa ideia tomou tamanho vulto, que foi como se eu tivesse recebido uma ordem superior, dizendo: “Embarca amanhã para o Rio”. Certo dia, que já não recordo qual, resolvi partir, embora sem recursos materiais de espécie alguma, e, no dia seguinte, me achei a bordo do vapor “Desterro”, hoje “Florianópolis”, de viagem para a capital da República.

Chegando ao destino, desembarquei no cais Pharoux!

Saltei com um amigo que me levou a Casa de Saúde do Dr. Cata Preta, para visitarmos um nosso conterrâneo.

Retirei-me satisfeito e, como se alguém me conduzisse pela mão, penetrei na Rua do Ouvidor e ouvi dizer: “É a chave”.

Na primeira rua transversal, Rua do Carmo, olhei e vi as casas do Morro do Castelo!... Admirado, persignei-me no meio daquela multidão!

Continuando, encontrei alguns amigos e, mais adiante, um bombeiro de cor parda, baixo, magro, de gorro na cabeça, a refrescar o entulho de um incêndio, que se dera na noite anterior, justamente no “Dezoito Bilhares”!... Nessa ocasião, tive por instantes a visão perfeita do meu sonho! Fiquei deslumbrado!...

Pouco tempo depois, baixou a cortina... Esqueci tudo... Por dois anos, não me lembrei mais desse sonho que se tornara realidade, nem do verdadeiro motivo que me levara ao Rio!...

Sem recursos, coloquei-me provisoriamente numa casa de café e bilhares, à Rua do Lavradio, 59, em frente à travessa da Relação, de propriedade de Manoel J. O. Tavares.

Três meses depois, deixei esse emprego, para colocar-me na Rua de Sant’Ana, n.º 66, casa de secos e molhados, de João da Cruz Nunes, que se tornou meu verdadeiro amigo. Ofereceu-me sociedade no seu

negócio, ao fim de um ano, em atenção aos meus esforços como seu empregado. Isso se deu no dia 8 de novembro de 1898. Mas eu não devia ficar aí; era preciso que a segunda parte do meu sonho se realizasse. No dia 11, por uma futilidade, despedi-me da casa e não houve rogos do meu bom amigo que me fizessem mudar de resolução. Durante um mês, ele envidou esforços para me demover do propósito em que estava. Tudo em vão.

O dinheiro que recebi do meu inesquecível amigo e ex-patrão, como que estava exatamente calculado para me manter até o dia em que se devia completar o meu sonho profético!... Dois meses depois, não me restava um níquel. Então, dirigi-me ao amigo Sérgio Geraldo de Souza, tipógrafo do *Jornal do Comércio*, e pedi-lhe que no dia seguinte me trouxesse anúncios de empregos, que eu precisava empregar-me fosse no que fosse, porque não tinha mais dinheiro.

À meia-noite, chegou aquele amigo, trazendo seis ou sete anúncios. Estendi-os sobre a mesa, lendo-os em seguida, sofregamente. Inclinei-me logo por um que dizia: “Precisa-se de um empregado à Rua São Luís Gonzaga, nº 65”.

Voltei-me para o Sérgio e disse:

- Não conheço S. Cristovão, mas vou ver este emprego.
- Olha que é muito longe observou ele.
- Não meço distâncias retorqui.

No dia seguinte, muito cedo, dirigi-me a São Cristovão, sem suspeitar que a maior das emoções da minha vida me esperava. Guiado por mão invisível, passei a cancela e, vinte minutos depois, deparei-me com uma rua de uma só quadra, antes do Hospital dos Lázaros, à esquerda, antes da Rua Escobar, justamente como vira em sonho!...

Nela penetrei, fiquei perplexo e disse, de mim para mim: “Mas, eu já estive aqui!... Ah!... Não!... É a primeira vez que passo a cancela; nunca vim para este lado!...”

Então, ouvi uma advertência: “Vai ver o emprego primeiro, depois vê com calma o que tanto te interessa...”

Por três vezes ouvi essa advertência, justamente como no sonho que tivera há cerca de nove anos antes!... Animadíssimo, obedecendo instintivamente ao ser invisível que me guiava, continuei na firme resolução de empregar-me.

Na subida que vai para a rua S. Luis Gonzaga, à esquerda, deparei-

me com casas situadas acima do nível da rua, devido a uma escavação feita com o fim de baixar o leito da rua, nivelando-a.

Continuando, penetrei naquela rua e fui ter ao meu destino a casa Olegário & Duarte Silva. Este já havia sido meu patrão em Santa Catarina e fui imediatamente admitido.

Já como empregado, saí, e ao lado do negócio, deparo-me com a “Padaria Esmeralda”!... Depois de alguns minutos de indecisão, voltei rumo ao “Campo de S. Cristóvão”. À esquerda, estavam as quitandas, numa delas o papagaio, tais como vira em sonho!... Minha perplexidade aumentava a cada momento, porém, continuei até galgar o alto, no final da rua. Aí parei e, voltando para o Campo, recomecei a monologar. A praça estava deserta. Meu isolamento era completo!...

Maravilhado, de observação em observação, meu olhar foi atraído para um homem que ultimava a caiação de uma casa!... Nesse momento, a-memória despertou, como se um jato de luz tivesse caído em meu cérebro: o sonho profético se reproduziu com todas as minúcias, naquele instante e, já convencido da realidade de tudo o que via, disse mentalmente: “Então, se eu puser a mão na esquina daquela casa, vejo o mar, o cais e os operários...”

Sôfrego, rumei para o local desejado e, lá chegando, apoiei a mão na esquina, dei um passo para a direita e vi o mar. Eu tinha certeza de que aquela casa acabava de ser reconstruída, mas, para não ter dúvida, perguntei ao caiador se era nova, e ele me respondeu: “Não, é reconstruída; destina-se à fábrica de velas de estearina”. Satisfeito com a resposta, continuei avançando para o mar, onde vi diversas turmas de operários trabalhando num extenso cais. A maré estava cheia e o mar espelhado qual um lago. Segui para leste, ora pelo cais, ora pelo aterro, ziguezagueando, até o fim da parte já construída, onde me deparei com a linha férrea e tive que rumar para o sul em busca de saída, tal como acontecera no meu sonho de cerca de nove anos antes!...

A minha perplexidade já havia desaparecido e era com uma naturalidade quase indiferente que via realizada a última fase do meu sonho.

### *Como me tornei espirita (1898)*

Convidado pelo Sr. W. Klaes para ir a uma sessão espírita no

Engenho Novo, aceitei o convite e só então me recordei do motivo que me levara ao Rio!... O dono da casa, que presidia aos trabalhos, se chamava Sr. Cordeiro. A honestidade com que se conduziam todos me empolgou desde a primeira sessão.

Na segunda vez que lá fui, manifestou-se um Espírito que deu o nome de Júlia Valgas, que eu conhecera em vida, em Florianópolis, quando menino. Na sessão, estava o genro, Eduardo Conrado, que lhe fez algumas perguntas a que ela respondeu. Finalmente, depois de curto silêncio, voltou a falar-lhe, dizendo-lhe: “Inesperadamente farás exames e serás aprovado em longo curso”. Eduardo estava estudando Náutica e desejava prestar exames alguns meses mais tarde.

No dia seguinte a essa sessão, ele requereu exames e, quando foi entregar o requerimento, encontrou a banca examinadora funcionando, resolvendo essa que entrasse imediatamente em prova.

De bom grado, Eduardo submeteu-se a decisão da junta examinadora, porque estava em dificuldades para esperar a época normal dos exames. Perguntaram-lhe o que ele mais sabia... E foi aprovado em “longo curso”.

Continuando, o Espírito disse: “Nesta roda só conheço uma pessoa o João”. E apontou para mim, pois era assim que ela me chamava em vida. De fato, ninguém mais, dos presentes, nem o seu genro, a havia conhecido.

Na terceira sessão, animado de alguma fé, ousei dizer mentalmente: “Eu que desejava saber de que morreu meu pai, por que eles (os Espíritos) não se dirigem a mim?” Incontinenti, o guia espiritual interrompeu os conselhos que estava dando a outro, e me disse:

- Faça as suas perguntas.

Mentalmente, perguntei:

- De que modo morreu meu pai? Foi envenenado?...

- Não respondeu-me.

- De que foi, então?...

- Seu pai morreu do coração. Quando ele teve a primeira crise, você morava numa cidade, em frente a uma igreja. Ele se recolhia a casa em sua companhia e, quando pôs a mão na porta, caiu e foi levado para a cama por você, sua mãe e sua irmã.

Tudo isso era exato. Morávamos em Florianópolis, em frente à Igreja do Parto e me recordo das mais insignificantes particularidades

desse dia, em companhia de meu pai. Diante de uma prova tão completa e inesperada, fiquei mudo.

Então, o guia retomou o assunto que havia abandonado e terminou, dizendo:

- Esse conselho é para os meus irmãos se prepararem, porque daqui a 40 anos o Espiritismo dominará o mundo inteiro.

A quarta sessão começou às 8 horas, mas o guia disse:

- Suspenda a sessão porque em meia hora os gatunos vão bater aqui.

- E deu-nos estas instruções:

- Quando os pressentirem, manifestem de qualquer modo que estão em casa e nada temam, que eles fugirão.

Sr. Cordeiro, atendendo ao conselho do guia do centro, nos distribuiu pelos diversos compartimentos da casa, dizendo:

- Aquele que primeiro pressentir os gatunos, dirá em voz alta:

“Cordeiro, o café está pronto?”

E os outros responderão em coro:

- Então, traz-nos uma xícara de café!...

Fiquei na sala de jantar, com a janela entreaberta. Por volta de 8 horas e meia, ouvi um tropel de três ou quatro pessoas; dei o sinal combinado e os outros responderam em coro:

- Então traz-nos uma xícara de café!...

Às 9 horas, a sessão foi reaberta e o guia disse:

- Estejam em paz! Fugiram... Vão bater na Estação de Mangueira, às 4 horas e 30 minutos, onde um deles, de nome João de Tal, alto, de blusa azul, ao penetrar o quintal de um capitão do Exército, será morto à bala pelo próprio capitão.

E mandou encerrar os trabalhos.

Um dos presentes a essa memorável sessão, Sr. José Antonio de Souza Junior, maquinista do Lloyd, ainda vive; os outros, não sei, porque os perdi de vista.

Na tarde do dia seguinte, encontrava-me no *Centro Catarinense*, a Rua da Carioca, 47. Junto de mim havia outra cadeira com jornais. Impelido por força estranha, meti a mão no monte de jornais e retirei, dentre muitos, a *Gazeta da Tarde*. Instintivamente, ainda, folheei-a, detendo-me, na 3.<sup>a</sup> ou 4.<sup>a</sup> página, onde meus olhos se fixaram numa pequena notícia, confirmando o que nos haviam predito na sessão

referida!...

O jornal dava o nome do gatuno por extenso João de Paula Firmino.

Comecei a ler a notícia, sentado, mas, quando terminei, estava de pé, tal a impressão que me causou...

Nessa ocasião, entrou Souza Junior. Entreguei-lhe o jornal, dizendo:

- Lê esta notícia.

Ficou petrificado. Perguntei:

- Que tal?...

Não comentamos o assunto... Os fatos falavam por si.

Mal acabei de ter a confirmação completa daquela revelação mediúnica, os meus ouvidos escutaram estas palavras vindas do Além: “Terminaste! Embarca amanhã para o teu Estado!...” Vontade irresistível de regressar ao seio da família se apoderou de mim!...

Sem recursos, dirigi-me ao meu distinto conterrâneo José Boiteux, que prontamente me serviu.

E assim voltei ao seio de minha família.

Os nossos leitores devem ter notado que, no rol dos fatos comprovados, que vamos fixando nestas páginas, de preferência, temos mencionado os obtidos especialmente no Brasil. Ninguém veja nisso uma preferência que se não justifique. Não é bem preferência, mas, justiça, porque a maioria dos livros que se editam no país, acerca do assunto de que tratamos, está cheia de fenômenos ocorridos no estrangeiro. Ora, o Brasil é um celeiro de abundantíssimas provas, no vasto campo do mediunismo. Em abono da nossa afirmativa, basta nos refirmos aos conceitos exarados pelo Sr. N. Zerdin, sobre o *Espiritismo no Brasil*, título de um artigo escrito por ele em *The Two Worlds*, no número de três de maio do ano em curso. O excelente e bem feito órgão da *Federação Espírita Brasileira*, *O Reformador*, traduziu e publicou o referido artigo, que causou em Londres, nos meios espíritas, verdadeira surpresa. A propósito, a revista *Light*, daquela grande capital europeia, tece comentários que muito bem impressionaram os confrades londrinos, havendo, igualmente, o jornal *Psychic News*, também de Londres, consagrado uma página inteira ao progresso excepcional do Espiritismo no Brasil...

Se, na velha Europa, interessa, sobretudo, o progresso de nossa doutrina, por que não deveríamos nós, por nossa vez, veicular, com justa e cabível preferência, os fatos que aqui ocorrem, sem estarmos jungidos a um

jacobinismo, que se não enquadra na amplitude de nossos ideais?

Não é, assim, uma questão de patriotismo, no sentido comum em que se costuma tomar esse termo. Nosso intuito é fazer conhecido, aqui e além fronteiras, se tanto for possível, o ambiente em que nos movemos e trabalhamos, propugnando pela difusão dos postulados espíritas, contribuindo, destarte, com o contingente maior dos nossos esforços, para a obra de unidade e propagação dos princípios pelos quais nos batemos sinceramente.

O aspecto geral do Espiritismo no Brasil é deveras animador. Seu progresso é constante e, a não serem alguns núcleos mal dirigidos, isolados, sem projeção, impregnados de teorias pessoais, felizmente reduzidos, os centros e grupos, na sua generalidade, prosperam e fornecem preciosos elementos para a história da Doutrina Espírita no país. Não houvesse sobre nossas cabeças o símbolo cristão, feito de estrelas, nas luminosidades e cintilações do Cruzeiro do Sul!

Confirmando, entretanto, que não estamos escrevendo um livro para exaltar o Espiritismo no Brasil, passamos, agora, a colher, dentre muitos, um caso dos que cita Ernesto Bozzano, na sua excelente obra *Xenoglossia*, traduzida do italiano pelo ilustrado pelo confrade Dr. Guillon Ribeiro, presidente da *Federação Espírita Brasileira*.

*Xenoglossia* é um nome científico para encobrir o verdadeiro nome espírita. *Xenoglossia* quer dizer *mediunidade poliglota*, fenômeno que foi classificado de verdadeiro milagre, em sua obra intitulada *Tratado de Metapsíquica*, pelo eminente professor Richet, inventor daquele nome. Queira o grande e notável professor perdoar-nos a franqueza. É que não acreditando nos chamados milagres, porque os sabemos efeitos de uma causa natural, preferimos *mediunidade glota* à revezada *xenoglossia*. Dito isto, vamos ao caso.

Trata-se de uma sessão de “vozes diretas”, realizada na casa de H. Denis Bradley, tantas vezes aqui citado, e que mereceu do professor Bozzano especial referência.

A sessão realizou-se no dia 18 de março de 1925. Refere Bradley, segundo o professor Bozzano:

O episódio mais dramático da sessão ocorreu quando uma voz se dirigiu em japonês ao senhor Gonnoské Konnai (poeta japonês).

Duas vezes a trombeta acústica se precipitou ao chão antes que o

Espírito comunicante chegasse a adquirir força suficiente para materializar a própria voz. Erguendo-se pela terceira vez, a corneta luminosa se transportou para defronte do Sr. Konnai, em quem tocou por duas vezes ou três, depois do que saíram dela estas palavras: “Gonnoské! Gonnoské!” O ser chamado pelo próprio nome pressionou o Sr. Konnai, pela razão de que dentro em pouco falaremos. A voz foi ganhando vigor gradativamente e, por fim, declinou o próprio nome: “Otani”. Estabelecida a identidade do comunicante, desenvolveu-se, em língua japonesa, breve conversação, na qual o defunto falou principalmente de seus filhos.

Em seguida, o Sr. Konnai realçou uma circunstância muito importante, a do Espírito que se comunicava o haver saudado, chamando-lhe pelo nome: “Gonnoské! Gonnoské!” Ora, segundo os costumes japoneses, só o irmão mais velho, o pai ou a mãe têm o direito de saudar uma pessoa, pronunciando-lhe o prenome, ou seja, o nome de batismo. Pois bem: é altamente sugestivo reconhecer-se que o Espírito que se manifestou a Gonnoské tinha o direito de falar-lhe dessa maneira, porquanto se tratava de seu irmão mais velho, morto havia pouco.

Tendo-se retirado esse Espírito, manifestou-se Bert Everett, Espírito guia que, dirigindo-se ao Sr. Konnai, disse: “Juntamente com teu irmão, também está presente tua mãe.”

A propósito dessa informação, cumpre assinalar que o Sr. Konnai é moço ainda; que, por conseguinte, ninguém poderia supor que já lhe houvessem morrido a mãe e o irmão mais velho. Inútil acrescentar que os presentes tudo ignoravam a seu respeito, como também desconheciam a língua japonesa.

Penso que este episódio, no qual se conversou em japonês e se produziram notabilíssimas provas de identidade pessoal, deve considerar-se uma das mais belas e incontestáveis demonstrações, já obtidas, da sobrevivência. (*The Wisdom of the God*, pg. 305-306).

Com relação a este último comentário do relator, convém ponderar que, nos últimos anos, se não conseguiram tão extraordinárias, complexas e decisivas provas de identidade pessoal dos defuntos, que excessivo, mesmo inexato, parece o considerar-se o episódio exposto como “das mais belas e incontestáveis demonstrações já obtidas da sobrevivência”. Contentemo-nos em apreciá-lo como uma bela e incontestável prova de identificação

espírita, obtida por meio do fenômeno de xenoglossia.

Os casos de xenoglossia, ou seja, de mediunidade poliglota, foram obtidos através de todas as faculdades. Ernesto Bozzano cita-os colhidos pelo “automatismo falante”, mediunidade audiente, automatismo escrevente (psicografia), escrita direta etc.

O médium que possui essa preciosíssima faculdade ser poliglota fala ou escreve em qualquer idioma, mesmo em línguas já mortas, como em sânscrito, hebraico e outras. São fatos que, segundo a opinião de Bozzano, “se impõem, agora, de modo racional e inevitável”.

Assim é. Só os espíritos aferrados a um dogmatismo fanático em ciência ou em religião poderão negar.

E tu, leitor, que pensas?

A inanidade, a exiguidade mesma da dialética com que certos pregadores e escritores se apresentam a desmentir os fatos comprovados do vasto campo da fenomenologia espírita, dizem bem do progresso e avanço constantes que o Espiritismo vem fazendo.

Já confessara, há tempos, Russel Wallace, “que os fatos espíritas são tão comprovados como os de todas as outras ciências”.

Ainda há, entretanto, os que não querem ver... Muita gente existe que ama com profundo e arraigado amor, não só certas posições sociais em cujo gozo vivem, como receiam ser confundidos com os seus semelhantes de apagados nomes. Vem daí, sem dúvida, o empenho para impedir se propague a Doutrina dos Espíritos.

Esforços baldados, trabalhos perdidos e dispêndio inútil de energia e golpes de talento, que melhor seriam aproveitados em rumos outros.

Agora mesmo, quando a faculdade mediúnica do Chico Xavier assombrou os nossos homens cultos, surge na tribuna o ilustre Padre João Gualberto e nos jornais Menotti Del Picchia. É que vale a pena combater uma ideia que, sem dúvida, fulmina a estreita concepção dogmática. Quando certos interesses correm risco, haja defensores bem armados e campo livre... A verdade, porém, sobrenada. Paira muito acima da rama comum das coisas. Apedrejá-la equivale a querer apedrejar o sol, ou insultar este astro, porque a sua luz forte e brilhante não acende um cigarro, como disse um filósofo.

Aproveitasse, porém, o homem um vidro de aumento e não só acenderia o cigarro, como destruiria uma casa, com um só raio de sol.

Assim os que atacam o Espiritismo, querem vê-lo fabricando fantasmas

por toda a parte, segundo os desejos de cada um. Saibam, entretanto, aproveitar uma só réstea da luz que vem dos Espíritos e tanto bastará para que reconheçam seus erros e compreendam que têm à mão elementos para se reconhecerem Espíritos e, como tais, partícipes de todas as promessas que proferiram os santos lábios do Mestre de todos os Mestres Jesus.

A Verdade, como os Espíritos, não se esconde dos que a buscam. Apenas, os Espíritos não podem satisfazer àqueles que, quando com eles topam, não os reconhecem. Sejam cordatos com a nossa própria consciência e havemos de certificar-nos de que a fé não é propriedade de alguns, mas, condição para todos.

“Si vis tibi omnia subjicere, subjice to rationi”. É de Sêneca a frase e quer dizer: “Se queres sujeitar todas as coisas, sujeita-te à razão”. Este livro, leitor amigo, nada impõe. Não pretende fazer prosélitos, não quer suggestionar ninguém. Deve passar pelo cadinho da razão.

Só a boa lógica, somente a reflexão, exclusivamente a razão e o bom senso poderão bem compreendê-lo.

Religião sem ciência e sem filosofia é apenas, como disse alguém, “uma simples função central da vida dos homens primitivos”.

O Espiritismo é Religião, é Ciência e é Filosofia.

Religião porque, em verdade, estabelece a ligação entre o Criador e o objeto principal desse poder: o homem.

Ciência, porque, usando e aplicando verdadeiros métodos científicos, que se casam com a ordem e a lei geral das coisas naturais, firma a positivação dos fatos, sem pretender derogar coisa alguma.

A tese científica em que ele assenta, é princípio generalizado que destrói o mistério, o impossível e os milagres: todo efeito provém de uma causa.

Filosofia também o é, pela análise racional, lógica, natural, a que submete todos os artigos da fé que propaga.

Sujeitando todas as coisas à razão, quer o Espiritismo que cada um construa a sua própria crença, criando em si mesmo a verdadeira convicção, que se torna assim condutora para o caminho da fé racional, desprovida de todos os poderes nefastos dos dogmas, das concepções teológicas impressionantes e do fanatismo religioso ou científico. Afinal, há dogmatismo e até fanatismo nos arraiais da Ciência: ainda hoje, há os que entendem de querer provar a não existência dos micróbios.

Estas considerações se ajustam perfeitamente aqui, quando chegamos ao fim do nosso trabalho. Não escrevemos um livro para gozar da vaidade que

enfeita a mente de um publicista. Nem queremos para nós lauréis de espécie alguma que nos leve a enfileirar-nos ao lado dos autores cujas obras enriquecem as estantes dos letrados.

Escrevemos para sermos entendido.

Este livro é uma simples contribuição, um subsídio a juntar-se a outros tantos, em favor da tese que pretendemos desenvolver e provar a sobrevivência e a comunicação dos Espíritos.

Eis, pois, a finalidade desta despreziosa obra.

Gozando já, de uma relativa felicidade na Terra, porque nos sabemos e sentimos Espírito, porque nos sabemos e nos sabemos eterno, porque, afinal, temos a certeza absoluta de que sobreviveremos à morte do nosso corpo e que, depois, poderemos, através dos médiuns, comunicar os nossos pensamentos, externar os nossos desejos e provar a nossa inteligência, porque sabemos e sentimos tudo isso, queremos que outros também possam sentir e saber.

E, fazendo-o, estamos cumprindo o conselho amoroso e divino do Cristo de Deus: “Não escondas a luz sob o velador,”

Erguemo-la, antes, bem alto, para que se projete por toda a parte. Este o nosso desejo.

Nestas páginas, há consolação. Consolação para todos os aflitos. Há estímulo, há a semente da fé espalhada, que pede um coração para nele se desenvolver. Possas tu, assim, leitor estudioso, encontrar aqui um pensamento, dentre tantos que encham estas páginas, que te prenda a atenção. Medita profundamente sobre tudo que acabaste de ler. Estuda, reflete, pensa, deduz. E não esqueças que “se queres sujeitar todas as coisas, sujeita-te à razão”.

Este livro é o produto do estudo, da reflexão e, sobretudo, da razão. Glorifiquemo-la. A razão é a luz. É a consciência exata das coisas. É o sentido espiritual, medindo, calculando, discernindo.

Somos chegados, destarte, à página final e é com o pensamento elevado a DEUS, a JESUS e aos Espíritos Guias e Protetores, que nos confessamos agradecido.

Agradecido, porque nos diz a consciência que fizemos obra útil. Útil porque será mais um motivo para despertar, entre os que creem, o estímulo de que todos necessitamos e que bem pode ser comparado ao azeite necessário a sustentar a chama da fé; útil ainda aos que não creem, porque nestas páginas encontrarão razões para confessar a si mesmos o seu erro.

Assim DEUS o permita.

## ESCLARECIMENTOS

Em 24 de abril de 1945, Luiz Osvaldo Ferreira Melo, espírita devotado à causa da Doutrina, utilizando dependência do Centro Espírita “Amor e Humildade do Apóstolo”, em Florianópolis, e juntamente com um grupo de companheiros abnegados, membros de diversas instituições existentes na Capital e no interior do Estado, propõe a fundação da FEDERAÇÃO ESPÍRITA CATARINENSE, proposta essa imediatamente aceita por todos.

Essa recém criada organização teria, como escopo principal, o objetivo de congregar, fraternalmente, as Casas Espíritas do Estado de Santa Catarina, sob o estandarte apresentado pela Doutrina Espírita, consoante os preceitos e anseios do próprio Codificador.

É certo que, três décadas antes desse acontecimento, no âmbito da Associação Espírita “Fé e Caridade”, também em Florianópolis, registrou-se a criação de uma entidade com a mesma denominação, a qual, por alguma razão que não nos cabe agora comentar, pereceu logo nos primeiros anos de sua existência.

Osvaldo Melo, porém, era indiscutivelmente o trabalhador escolhido para tal mister e o fez, dirigindo com denodo a Federação por ele fundada durante mais de 20 anos ininterruptos.

Tendo como diretriz a necessidade imperiosa da Unificação no Movimento Espírita, trabalhou com devotado amor à Causa, tornando a Instituição respeitada em todo o território brasileiro.

Quatro anos depois da fundação da FEC, mais precisamente no dia 5 de outubro de 1949, registraríamos a presença desse incansável tarefeiro na sede da Federação Espírita Brasileira, então no Rio de Janeiro, em companhia de vários irmãos com idênticos propósitos, tais como Leopoldo Machado, Lins de Vasconcellos, Francisco Spinelli e outros, numa memorável reunião por aquele secretariada, que resultou na elaboração do documento consagrado como “PACTO ÁUREO”, visando a Unificação do Espiritismo no Brasil.

Sem dúvidas, OSVALDO MELO como era conhecido assim como essas outras lideranças nacionais, mereceria o título de “Apóstolo da Unificação”.

Desencarnou no dia 25 de julho de 1970, com 77 anos de idade física, após prestar relevantes serviços à Causa da Doutrina que abraçara e sob a égide da qual exerceu, também, notáveis qualidades mediúnicas, dos mais

diversos gêneros.

Como jornalista e como homem público, Luiz Osvaldo Ferreira Melo deixou, por onde passou, um rastro de luz. E, nos seus escritos, a marca da sinceridade, da sabedoria, da honradez e da fraternidade.

Este livro, que a Federação Espírita Catarinense respeitosamente, em nova edição, agora coloca a público, retrata não somente as experiências mediúnicas realizadas pelo próprio autor; relata também fatos outros, ocorridos em Florianópolis e imediações, mostrando-nos as possibilidades incomuns de alguns companheiros da terra de Santa Catarina, dentre os quais seu irmão, Antonio Melo, então domiciliado no lugar denominado Passa Vinte, em Palhoça (hoje Município).

Vai ele mais além. Calcado em informações relatadas pelos pesquisadores do passado, tais como Delanne, Bozzano, Crookes, Aksakof, Lombroso, Ochorowicz, Gibier, Leon Denis e tantos outros, o autor apresenta, de maneira criteriosa, inúmeras ocorrências comprovadas, abrangendo gêneros diferentes de comunicação com os Espíritos.

Cita, de modo especial, a obra “Rumo às Estrelas”, de H. Denis Bradley, pela circunstância da anterior e absoluta incredulidade desse escritor, porém transformada em uma verdadeira confissão de fé espírita após as sessões das quais participou.

E não deixa Osvaldo Melo de mencionar casos e referências feitas por Edward Green, Bertrand Russel, Wallace, Myers, Albert de Rochas, Dale Owen, Stainton Moses, etc.

É, portanto, uma obra completa, escrita com sabedoria, mas com simplicidade, para espíritas e não espíritas (principalmente para estes, como ele próprio o disse).

E depois de tantas provas, aí relatadas, testemunhadas que foram por eminentes personalidades, em vários países, Osvaldo Melo escreve:

“Escrevemos para sermos entendido.

Este livro é uma simples contribuição, um subsídio a juntar-se a outros tantos, em favor da tese que pretendemos desenvolver e provar: A sobrevivência e a comunicação dos Espíritos.

Eis, pois, a finalidade desta despreziosa obra.

Gozando já de uma relativa felicidade na Terra, porque nos sabemos e nos sentimos Espírito; porque nos sentimos e nos sabemos eterno; porque, afinal, temos a certeza absoluta de que sobreviveremos à morte

do nosso corpo e que, depois, poderemos, através dos médiuns, comunicar os nossos pensamentos, externar os nossos desejos e provar a nossa inteligência; porque sabemos e sentimos tudo isso, queremos que outros também possam sentir e saber.”

Lamentamos o fato de não termos compartilhado com esse devotado irmão, enquanto em sua existência física. Mas temos a certeza (como ele escreveu) que está conosco em Espírito, com o seu amor à Federação Espírita Catarinense e ao trabalho de Unificação e União dos espíritas, em todos os recantos do nosso orbe, principalmente no que diz respeito ao território brasileiro, no qual a FEC se insere.

Olenyr Teixeira  
Presidente da FEC gestão 2008-2010

Este livro foi impresso  
no Departamento Gráfico da  
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA  
na cidade do Rio de Janeiro  
em outubro de 2009.  
[www.febnet.org.br](http://www.febnet.org.br)